

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
FACULDADE SERRA DA MESA  
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - MINTER**

**HILDO ANICETO PEREIRA**

**A DIVERSIFICAÇÃO DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO NOS  
ÚLTIMOS TRINTA ANOS**

**GOIÂNIA  
2018**

**HILDO ANICETO PEREIRA**

**A DIVERSIFICAÇÃO DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO NOS  
ÚLTIMOS TRINTA ANOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Minter: Mestrado Interinstitucional - Faculdade Serra da Mesa, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre

Orientador: Profº. Dr. Alberto da Silva  
Moreira

**GOIÂNIA**

**2018**

P436d

Pereira, Hildo Aniceto

A diversificação do pentecostalismo brasileiro nos últimos trinta anos [recurso eletrônico] / Hildo Aniceto Pereira.-- 2018.

104 f.: il.

Texto em português com resumo em inglês

Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, 2018

Inclui referências, f. 99-104

1. Pentecostalismo - Brasil. 2. Igrejas pentecostais - Brasil. 3. Movimento da fé (Pentecostalismo) - Brasil. I. Moreira, Alberto da Silva. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 279.15(043)

**A DIVERSIFICAÇÃO DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO NOS ÚLTIMOS  
TRINTA ANOS**

Dissertação de Mestrado Interinstitucional em Ciências da Religião - Minter - da Pontifícia Universidade Católica de Goiás / Faculdade Serra da Mesa, aprovada em 12 de dezembro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**



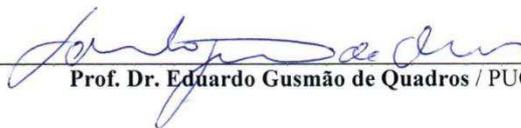
---

**Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira / PUC Goiás (Presidente)**



---

**Prof. Dr. Itelvides José de Moraes / UEG**



---

**Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás**

---

**Prof. Dr. Edmilson Ferreira Marques / PUC Goiás (Suplente)**

---

**Prof. Dr. Pedro Fernando Sahium / UEG (Suplente)**

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e sabedoria para realizar este trabalho.  
À Pontifícia Universidade Católica de Goiás pela parceria com a Faculdade Serra da  
Mesa – FASEM ter proporcionado o Minter.  
Aos professores do Minter pelo apoio e conhecimento compartilhado.  
Ao meu orientador pelo apoio e incentivo.  
Ao Seminário São José de Uruaçu, pela acolhida e estadia nos dias de aula.  
Aos colegas do Minter pelos conhecimentos compartilhados, em especial o amigo  
Júlio César pela parceria, nas caronas e partilhas.

**“Minhas causas valem mais do que minha vida”.**

**(Dom Pedro Casaldáliga)**

## RESUMO

PEREIRA, Hildo Aniceto. A Diversificação do Pentecostalismo Brasileiro nos Últimos Trinta Anos. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Faculdade Serra da Mesa, 2018.

A presente pesquisa aborda o processo de diversificação do pentecostalismo no Brasil. Trata-se de uma nova configuração que as igrejas pentecostais foram desenhando ao longo dos anos, desde sua implantação em território nacional em 1910, com a chegada da primeira igreja pentecostal, a Congregação Cristã do Brasil e, a Assembleia de Deus em 1911. O número de evangélicos cresceu incrivelmente nas últimas décadas em toda a América Latina – AL, de maneira especial os pentecostais, que no Brasil, conforme dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e outros institutos de pesquisa, aumentaram em torno de 15,6% entre as décadas de 1980 e 2010. Trata-se de um crescimento que implica simultaneamente diversificação/fragmentação. Neste estudo procura-se responder algumas questões sobre essas mudanças, dentre elas: quais as razões, ou o que faz o pentecostalismo crescer e se fragmentar em tantas denominações? É possível falar em um pentecostalismo ou em vários? O que é ser pentecostal nos tempos atuais? Quais as tendências desse segmento religioso para o futuro? São algumas dessas inquietações que norteiam a presente pesquisa, que se baseou na revisão da literatura, sendo, portanto de caráter bibliográfico, numa perspectiva das Ciências Sociais e das Ciências da Religião objetivando levar à compreensão do fenômeno da diversificação do pentecostalismo, suas características, suas possíveis causas internas e externas, bem como as consequências por ele geradas e suas principais tendências na contemporaneidade. Há ainda uma lacuna na produção acadêmica especificamente sobre o tema aqui proposto, no entanto, esse trabalho, modestamente pretende contribuir para preenchê-la.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo, diversificação, fragmentação, denominações, campo religioso brasileiro.

## **ABSTRACT**

PEREIRA, Hildo Aniceto. *The Diversification of Brazilian Pentecostalism in the Last Thirty Years*. Pontifical Catholic University of Goiás - Serra da Mesa College, 2018.

The present research deals with the process of diversification of Pentecostalism in Brazil. This is a new configuration that the Pentecostal churches have been drawing over the years, since its implantation in national territory in 1910, with the arrival of the first Pentecostal church, the Christian Congregation of Brazil and the Assembly of God in 1911. The number of evangelicals has grown incredibly in the last decades throughout Latin America - AL, especially the Pentecostals, which in Brazil, according to census data of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) and other research institutes, increased by around 15,6% between the 1980s and 2010. It is a growth that simultaneously involves diversification / fragmentation. In this study we try to answer some questions about these mutations, among them: what are the reasons, or what makes Pentecostalism grow and fragment in so many denominations? Is it possible to speak in one Pentecostalism or in several? What is it to be a Pentecostal in the present times? What are the trends of this religious segment for the future? These are some of the concerns that guide the present research, which was based on the literature review, being therefore of a bibliographical character, from a Social Science and Religion Sciences perspective, aiming at understanding the phenomenon of Pentecostalism diversification, its characteristics, possible internal and external causes, as well as the consequences generated by it and its main trends in the contemporary world. There is still a gap in academic production specifically on the subject proposed here, however, this work, modestly intends to contribute to fill it.

**Keywords:** Pentecostalism, diversification, fragmentation, denominations, Brazilian religious field.

## **LISTA DE SIGLAS E GRÁFICOS**

### **SIGLAS**

AD – ASSEMBLÉIA DE DEUS

AL – AMÉRICA LATINA

CCB – CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

IPDA – IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR

IEQ – IGREJA DO EVANGELHO QUADRAGULAR

IURD – IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

IIGD – IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS

IMPD – IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS

IRC – IGREJA RENASCER EM CRISTO

ISER – INSTITUTO DE ESTUDOS DA RELIGIÃO

### **GRÁFICOS**

OS EVANGÉLICOS NOS CENSOS DE 1980 – 2010..... 36

EVANGÉLICOS DE ORIGEM PENTECOSTAL..... 36

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>11</b> |
| <b>1 DIVERSIFICAÇÃO PENTECOSTAL.....</b>  | <b>18</b> |
| 1.1 CLARIFICANDO OS CONCEITOS: PLURALISMO, DIVERSIDADE E DIVERSIFICAÇÃO.....                              | 18        |
| 1.1.1 Diversidade religiosa.....  | 18        |
| 1.1.2 Pluralismo religioso.....   | 20        |
| 1.1.3 Diversificação religiosa.....   | 24        |
| 1.2 AS ORIGENS DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO.....   | 27        |
| 1.2.1 Movimento pentecostal norte-americano e sua influencia sobre o Pentecostalismo brasileiro.....      | 30        |
| 1.2.2 Pentecostalismo brasileiro: diversificado desde o início.....                                       | 32        |
| 1.3. A DIVERSIFICAÇÃO NOS DADOS DO CENSO DE 1991, 2000 E 2010..   | 35        |
| 1.3.1 Os pentecostais nos censos de 1991, 2000 e 2010.....  | 36        |
| 1.3.2 Crescimento desigual entre os pentecostais.....   | 38        |
| 1.3.3 Que dizem outras fontes sobre o quadro diversificado pentecostal?.....                              | 41        |
| 1.4 PERIODIZAÇÃO DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO.....   | 44        |
| 1.4.1 Diversidade e conflitos internos do pentecostalismo no Brasil.....                                  | 47        |
| <b>2. AS RAZÕES DA DIVERSIFICAÇÃO DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL .....</b>                                  | <b>52</b> |
| 2.1 AS DIFERENTES TEORIAS DA DIVERSIFICAÇÃO RELIGIOSA.....  | 52        |
| 2.1.1 Teoria funcionalista: a perspectiva da demanda dos fiéis.....                                       | 53        |
| 2.1.2 Possíveis críticas à perspectiva funcionalista.....   | 54        |
| 2.1.2 Teoria da Escolha Racional (TER): perspectiva da oferta das Organizações.....                       | 57        |
| 2.1.2.1 Alguns limites da Teoria da Escolha Racional da Religião.....                                     | 61        |
| 2.3 PENTECOSTALISMO E MERCADO: OS EMPRESÁRIOS DE DEUS-PASTORES/AS COMO EMPREENDEDORES/AS.....             | 63        |
| 2.3.1 Pastores pentecostais como empreendedores.....  | 66        |
| 2.4 EMPREENDEDORISMO MIDIÁTICO PENTECOSTALISTA NO BRASIL: IMPULSIONADOR DA DIVERSIFICAÇÃO PENTECOSTAL ... | 70        |

|          |   |           |
|----------|---|-----------|
| <b>3</b> | <b>TENDÊNCIAS DO PENTECOSTALISMO ATUAL - PARA ONDE CAMINHA O MOVIMENTO PENTECOSTAL BRASILEIRO?.....</b> | <b>75</b> |
| 3.1      | AS PERIFERIAS: LUGAR PRIVILEGIADO ONDE SURGEM OS PENTECOSTALISMOS .....                                 | 75        |
| 3.2      | OS AGENTES DA TRANSFORMAÇÃO/DIVERSIFICAÇÃO DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO.....                           | 81        |
| 3.2.1    | Aspectos midiáticos do pentecostalismo brasileiro.....  | 82        |
| 3.2.2    | O que diz a Teoria da Escolha Racional sobre a diversificação do Pentecostalismo?.....                  | 84        |
| 3.2.3    | Um “novo” tipo de pastor: um empreendedor versátil.....   | 86        |
| 3.3      | CRISTALIZAÇÃO DE NOVOS TIPOS DE PENTECOSTALISMOS: CONTINUIDADES E RUPTURAS.....                         | 88        |
|          | <b>CONCLUSÃO.....</b>   | <b>94</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>99</b> |

## INTRODUÇÃO

O pentecostalismo é o segmento religioso que mais cresceu nas últimas décadas na América Latina – AL e de modo proeminente no Brasil. É uma afirmação de consenso entre os pesquisadores que se debruçam sobre essa temática. Nas palavras de Paulo Barrera (2016) o movimento pentecostal “impactou e seduziu” os pesquisadores na AL pelo seu grande crescimento nas últimas décadas do século XX. Constatado reiteradamente pelos dados censitários do IBGE e outros institutos de pesquisa<sup>1</sup>. Para se ter uma ideia, em 1980 os evangélicos somavam 6,6% da população brasileira, em 2010 saltaram para 22,2%. Em números absolutos o crescimento é mais perceptível: de 7.886 milhões em 1980 saltaram para pouco mais de 42 milhões em 2010 (MARIZ E GRACINO JR., 2013).

Esse crescimento extraordinário dos evangélicos no Brasil teve como carro chefe as igrejas pentecostais. Em 2010, último censo do IBGE, demonstrava que do total de evangélicos, somente os pentecostais somavam 13,3% da população brasileira e 60% do total do campo evangélico (CAMPOS, 2013; MARIANO, 2014). No caminho revés estão os católicos que vem minguando nos dados estatísticos. Dos 89,2% em 1980 declinaram para 64,6% em 2010 da população do Brasil (PIERUCCI, 2008). Nesse sentido, Mariz e Gracino Jr (2013) assevera:

A evolução numérica no campo evangélico está longe de ser homogênea, quando dissecamos os dados desse grupo, vemos que os que se declaram pentecostais são responsáveis por boa parte desse incremento numérico (MARIZ E GRACINO Jr, 2013, p.161).

Esses números extraordinários vêm chamando a atenção de vários pesquisadores há décadas, que se debruçaram sobre essa temática. Desde o pioneiro Cândido Procópio F. Camargo, na década de 1970, um dos fundadores da sociologia da religião no Brasil (SOUZA E SÁ MARTINO, 2008) com sua obra *Católicos, Protestantes Espíritas*, até os dias atuais. O cenário religioso no Brasil vem passando por uma nova configuração, marcado nas últimas três décadas pela pluralidade da oferta religiosa e ampla diversificação do pertencimento religioso especialmente no seio do pentecostalismo (MARIANO, 2013). Nesse sentido

---

<sup>1</sup> Pesquisa do Instituto Data Folha de 2016 apontou seguintes dados em relação a campo religioso no Brasil: no seguimento evangélico, 22% somente de pentecostais. Queda para 50% nos que se declararam católicos. Chama atenção o crescimento dos que se dizem “sem religião”, somando 14% (Moreira, 2018).

destacamos dois aspectos: o declínio católico e o crescimento pentecostal. “Fica claro que está em andamento um processo de reordenação do cenário religioso brasileiro, o qual está evidenciado o declínio católico e o continuado crescimento pentecostal” (CAMPOS, 2013, p.155).

O interesse específico dessa pesquisa é o campo evangélico pentecostal brasileiro. Mais precisamente sua ampla diversificação interna, acentuada nas últimas três décadas. Como morador de uma região periférica há mais de 20 anos; na cidade de Luziânia-GO, região sul do Entorno de Brasília, mais precisamente no Distrito do Jardim Ingá que é constituído por um aglomerado de bairros com aproximadamente 90 mil habitantes e apresentando os problemas estruturais e sociais comuns às periferias brasileiras; pude perceber um crescimento espantoso no número de igrejas evangélicas pentecostais das mais diferentes denominações, aspecto que sempre me chamou a atenção.

São dezenas de igrejas pentecostais, desde as mais conhecidas como a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, a pequenos grupos, instalados num cômodo alugado em rua comercial, com a placa “Assembleia de Deus Pentecostal Renovada”, dentre outras. Desde os tempos da formação acadêmica em Teologia e Filosofia, tive interesse em pesquisar essa temática. Corroboradas com a convivência, no ambiente social onde o pentecostalismo mais cresce e se diversifica, ou seja, nas periferias (2016), alimentei inquietações, que agora, desenvolvo nessa pesquisa. A mais importante delas é: quais as razões, ou o que faz o pentecostalismo crescer e se fragmentar em tantas denominações? É possível falar em um pentecostalismo ou em vários? O que é ser pentecostal nos tempos atuais? Essas e mais algumas são as inquietações que norteiam esta pesquisa.

Este estudo se debruça sobre esse cenário do pentecostalismo brasileiro, para investigar as causas e as características da sua diversificação interna e da sua fragmentação; bem como as mutações que ocorreram nesse processo, tais como: menos enfoque em prédicas iniciais como a glossolalia e a pobreza; e a nova postura de supervalorização de novas características como a riqueza e a prosperidade (intitulada de Teologia da prosperidade), apropriação de símbolos da religiosidade popular brasileira e ênfase na cura divina.

Com objetivo de analisar do ponto de vista histórico-sociológico o aumento da diversificação interna do pentecostalismo na sociedade brasileira, nas últimas três

décadas, suas possíveis causas, conflitos, características e consequências desse processo para o futuro do pentecostalismo brasileiro, assim, pretendemos:

- ✓ Entender e analisar nesse processo de diversificação os principais modelos explicativos;
- ✓ Verificar se a grande diversificação do pentecostalismo no Brasil tem alguma relação com o intenso uso dos meios de comunicação (rádio, tv, internet) por parte das igrejas pentecostais;
- ✓ Analisar a possível relação entre crescimento pentecostal diversificado e as atitudes de empreendedorismo dos pastores.

Essa pesquisa será bibliográfica, numa perspectiva das Ciências Sociais e das Ciências da Religião para tentar compreender o fenômeno da diversificação do pentecostalismo, suas possíveis causas internas e externas, suas características, e as consequências que isso gera, seja para manter uma identidade comum pentecostal (ORO, 2015), como também para gerenciar os conflitos que surgem nesse campo religioso.

O pentecostalismo tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores, no Brasil e na América Latina, destacamos alguns como referenciais no decorrer desta pesquisa: Mariano (2014), com a obra *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil* e outros artigos; Campos (1999), com a obra *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal* e vários artigos sobre a temática; Paulo Barrera (org.2016) com a obra: *Diversidade religiosa e laicidade no mundo urbano latino-americano*; Moreira (2018) com o artigo *Da diversidade religiosa à competição política: o processo de diferenciação do pentecostalismo*; Frigerio (2008) com *O paradigma da escolha racional*; várias teses como a de Correa(2016) *Pastores como empreendedores: análise sob perspectiva relacional e comportamental*. As contribuições destes e de outros autores favoreceram o aprofundamento desse tema, que apresenta situações cada dia mais peculiares devido ao processo de transformação em que o campo pentecostal está inserido.

O último censo do IBGE de 2010 demonstrou que o Brasil na sua configuração religiosa, está cada vez mais pentecostal, assim, entendemos que não há dúvida que o pentecostalismo cresceu. A questão que se coloca é como se deu esse crescimento e qual a sua tipificação. Nesse sentido, fazemos os seguintes questionamentos, que embasaram a presente pesquisa:

- Como se manifesta a diversificação do pentecostalismo no Brasil? O que levou à sua extraordinária expansão e diversificação nos últimos trinta anos em solo brasileiro?
- Quais são os modelos teóricos explicativos que melhor ajudam a compreender sua crescente diversificação e fragmentação?
- Em que medida, a diversificação interna das igrejas pentecostais (diversidade interna), apresenta relação com o intenso uso das mídias modernas de comunicação (rádio, televisão e internet) por partes das igrejas pentecostais?
- O que é diversificação/diferenciação pentecostal? Quais são os agentes e facilitadores deste processo?
- É possível falar em uma unidade pentecostal em meio a tanta fragmentação denominacional? Quais rumos o pentecostalismo aponta para o futuro?

Essa e outras questões é que desejamos explorar e ao longo desse estudo, como as várias correntes sociológicas para explicar o explosivo aumento da diversificação do pentecostalismo no Brasil. Dentre elas está a conhecida tese do princípio de secessão do protestantismo – que afirma que o protestantismo tem em si mesmo, como elemento constitutivo, um princípio de ruptura interna que leva ao rompimento e criação de novas igrejas e confissões.

Segundo Paulo Barrera (2016) os pentecostais, desde sua origem crescem diversificando-se. Há o modelo explicativo que reforça os fatores exógenos à igreja, como a tese de que o pentecostalismo cresce porque é a religião dos mais pobres, dos marginalizados, levando-nos a questionar se fatores econômicos seriam os mais influentes nesse processo de diversificação (CAMPOS, 2008); tese da corrente sociológica funcionalista que tem seu foco na *demand*a por religião.

Por outro lado, há a teoria da escolha racional, que “foca sua análise na oferta religiosa, isto é, nos efeitos da desregulação estatal da religião, da liberdade religiosa, do pluralismo religioso e do mercado religioso sobre os produtores e consumidores religiosos” (MARIANO, 2011) com ênfase na *oferta* por bens religiosos.

Uma das hipóteses que levantamos nessa pesquisa, é que, na perspectiva do empreendedorismo religioso, isto é, com características “similares a gestão empresarial”; líderes religiosos criam igrejas para atender as demandas sempre

novas do mercado religioso. Nessa linha de pensamento teríamos igrejas que atendem os mais diferentes estilos de vida e classe social, o que tem contribuído para elevar o crescimento substancial, nos últimos anos no Brasil, de igrejas pentecostais. Pastores jovens com espírito empreendedor, não mais os pastores mais velhos, criam e comercializam igrejas, no estilo “*start ups*”<sup>2</sup> para atender as diferentes necessidades do mercado religioso.

No aspecto midiático desde a “segunda onda” pentecostal, as igrejas pentecostais vêm usando os meios eletrônicos (de início o rádio) para divulgarem sua mensagem evangelística. E se intensificou com as igrejas da “terceira onda” (Freston) ou Neopentecostais (Mariano), agregando mídias mais modernas como a *internet*, através de sites e redes sociais. Mas, sobretudo, o uso da TV, seja como proprietárias do canal ou com uma programação paga, específica em várias emissoras.

Ora, supõe-se que, esse uso massivo das mídias modernas, especialmente da TV, com intensa programação, além de revelar disputas internas e externas, corroboram para criar novas dissidências e, portanto, novas igrejas, inclusive as chamadas igrejas eletrônicas e, por conseguinte, fiéis virtuais, o que tem aquecido o campo religioso, destacando obviamente os pentecostais.

A pesquisa está dividida em três capítulos, para responder as questões fundamentais elencadas acima. No *primeiro capítulo* procuramos diferenciar e clarear os conceitos de pluralismo, diversidade e diversificação religiosa. Fazemos uma opção pelo uso da expressão “diversificação” por ela retratar melhor o quadro de fragmentação denominacional no campo religioso pentecostal (MOREIRA, 2018).

Apresentamos as origens do pentecostalismo brasileiro e através dos dados censitários de 1991, 2000 e 2010 (IBGE) discorremos sobre os números fazendo uma análise comparativa da expansão e diversificação do movimento pentecostal nas últimas três décadas no Brasil. Abordamos uma periodização, diversidade e

---

<sup>2</sup> O modelo *start ups* é um conceito do meio empresarial, que pesquisadores têm aplicado à religião, mais especificamente ao campo pentecostal. São empresas que refletem um movimento ideológico de gestão, planejamento e de projetos com elevado potencial. Inspiram-se numa nova forma de ver o mundo e de atuar em determinado mercado. Para Steve Blank, *start ups* é “uma organização temporária projetada para buscar por um modelo de negócios escalável e repetível que atue em um ambiente de extrema incerteza” (BLANK, apud [www.forbes.uol.com.br](http://www.forbes.uol.com.br). Acesso: 22/11/2018. *Grosso modo*, *start up* é sinônimo de iniciar uma empresa e colocá-la em funcionamento; com custos de manutenção baixos, mas que consegue crescer rapidamente e gerar lucros cada vez maiores. Moreira (2018) aplica este conceito ao novo modelo de pastores pentecostais, jovem e empreendedor, como fator que impulsiona a abertura de novas igrejas, por conseguinte, contribuindo para a diversificação de denominações pentecostais.

conflitos internos no pentecostalismo brasileiro a partir de um recorte histórico-institucional, não obstante as divergências de classificação e tipologias. Com seus vínculos, principais características, apontando semelhanças e diferenças, bem como seus conflitos internos.

No *segundo capítulo* elencamos as razões da diversificação do segmento pentecostalismo no Brasil, a partir de várias correntes sociológicas, com suas teorias usadas como “guarda-chuva” para explicar o explosivo aumento da diversificação do pentecostalismo brasileiro. É possível, que a atuação empreendedora de diversos pastores/as, com características semelhantes a “gestão empresarial”, isto é; proativos, agressivos, inovadores, autônomos e com capacidade de assumir riscos; criam igrejas para atender as demandas do mercado religioso, nas mais diferentes realidades seja na periferia onde a diversificação e presença dos mais pobres é mais notória ou nos grandes centros urbanos ocupados pela classe média. Surgem cada vez mais igrejas para atender todo esse público específico, nas mais variadas demandas: jovens, grupos LGBTQ, esportistas, dentre outros.

A partir de uma abordagem teórica, a plausibilidade que o uso massivo das mídias modernas, especialmente da tv, com intensa programação, além de revelar disputas internas e externas, corroboram para criar novas dissidências. E, portanto, novas igrejas. Por conseguinte, contribuindo para o aumento do quadro de diversificação/fragmentação de denominações no campo pentecostal.

No *terceiro capítulo* abordaremos as tendências que o pentecostalismo brasileiro tem assumido ultimamente. As novas configurações, possíveis rupturas e similaridades com o período clássico. Apontamos, seguindo Barrera (2016), as periferias urbanas como lugar privilegiado, onde o movimento pentecostal cresce e se diversifica em centenas de denominações, caracterizando-o como uma religião essencialmente urbana. Abordamos o empreendedorismo dos novos pastores e a crescente midiatização da religião, onde os pentecostais se sobressaem.

Revisitaremos a Teoria da Escolha Racional – TER, aplicada à religião, investigando o que ela diz especificamente sobre o campo pentecostal. Diversificar para ganhar a concorrência? Os defensores da TER, como Frigerio (2008), defendem que o segmento pentecostal diversifica a oferta para agregar um diferencial e com isso atingir novos públicos. Por conseguinte, quanto mais o mercado religioso for competitivo, mais empresas/igrejas terão para atender as demandas da população. Seria a competição entre as igrejas e pastores um agente

causador da diversificação/fragmentação no campo pentecostal? Analisaremos o perfil no novo tipo de pastor: jovem, empreendedor, sem formação teológica prévia, cria as *start ups*, que copia elementos de diferentes igrejas pentecostais. Ainda neste capítulo ensaiaremos possíveis caminhos que o pentecostalismo brasileiro seguirá no futuro.

Esta pesquisa não tem a pretensão de ser conclusiva, não obstante, propusemos apresentar uma modesta contribuição para a compreensão desta temática ainda relevante, tanto para a academia, como a todos aqueles que tiverem interesse pelo tema. Estudar religião é algo encantador e ao mesmo tempo desafiador por suas inúmeras vicissitudes. E o campo pentecostal é ainda mais desafiador. Nascido e criado em berço católico e tendo exercido o ministério sacerdotal católico, o desafio para este pesquisador é ainda maior. No entanto, a realização deste estudo tem sido um “subir a montanha” do conhecimento bastante enriquecedor.

Esta pesquisa foi realizada com o imprescindível apoio e orientação do Professor Dr. Alberto Moreira, a quem expressei meu sincero agradecimento, estendido ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-GO, à Faculdade Serra da Mesa e seus servidores, a todos os professores que de alguma maneira contribuíram não só para esta pesquisa, mas, sobretudo na busca do conhecimento.

## 1 DIVERSIFICAÇÃO PENTECOSTAL

*A ênfase teológica no dom de cura divina, a partir dos anos 50, foi crucial para a aceleração do crescimento e diversificação institucional do pentecostalismo brasileiro. As maiores denominações pentecostais continuam a enfatizá-la, visto que a cura constitui um dos seus mais poderosos recursos proselitistas. (Ricardo Mariano)*

### 1.1 CLARIFICANDO OS CONCEITOS: PLURALISMO, DIVERSIDADE E DIVERSIFICAÇÃO RELIGIOSA

Antes de entrarmos especificamente na temática central desta pesquisa, a saber, a diversificação do pentecostalismo brasileiro nas últimas três décadas, faz-se necessário analisar alguns conceitos, tais como *pluralismo religioso*, *diversidade religiosa* e *diversificação religiosa pentecostal*. O objetivo é apontar possíveis similaridades e diferenças, e o que isso pode influir em nosso estudo.

#### 1.1.1 Diversidade Religiosa

Em primeiro lugar, o conceito de diversidade religiosa está relacionado com a multiplicidade real e existente de numerosas ofertas religiosas, dos mais variados tipos de crenças, práticas e grupos religiosos, permitindo assim, múltiplas escolhas por parte dos fiéis. Essa diversidade de ofertas religiosas, segundo Mariano (2013) se intensificou a partir da década de 1980 pra cá, onde prosperou a diversificação da pertença religiosa e da religiosidade no Brasil. Os dados censitários demonstram um quadro do cenário religioso brasileiro bastante diversificado, caracterizado pela queda numérica do catolicismo e o aumento dos evangélicos, especialmente dos pentecostais (MARIANO, 2013). Ainda segundo Mariano, foi crescendo no Brasil “um discurso ético, além de político e democraticamente correto, do dever de tolerar e de respeitar o direito de liberdade religiosa e de culto e, com isso, a diversidade crescente de escolhas, crenças, práticas e grupos religiosos” (MARIANO, 2013, p.121).

Teixeira (2005) afirma que não se pode negar a presença hoje no Brasil de uma diversidade religiosa, porém com grande hegemonia do cristianismo, como apontam os dados do censo. Aqui Teixeira usa o termo diversidade religiosa para se referir à pluralidade de ofertas religiosas através de diferentes instituições/igrejas. É precisamente nesse contexto, que se insere a crítica de Pierucci (2008), ao dizer

que no Brasil, quase 90% da população é cristã, o que o leva a afirmar que a nossa diversidade é “quase nada, desmilinguida”. No entanto, divergindo em parte de Pierucci, Teixeira argumenta a necessidade do reconhecimento da diversidade religiosa e o seu valor, ao afirmar que:

A diversidade religiosa deve ser reconhecida não como uma expressão da limitação humana ou fruto de uma realidade passageira, mas como traço de riqueza e valor. A diferença deve suscitar não o temor, mas a alegria, pois desvela caminhos e horizontes inusitados para a afirmação da identidade. Trata-se de uma das experiências mais enriquecedoras realizadas pela consciência humana: o reconhecimento do valor da diversidade como traço e riqueza da experiência humana (TEIXEIRA, 2005, p.30).

Pierucci (2011) questiona de forma provocativa, e até, irônica, a nossa diversidade: “Cadê nossa badalada diversidade religiosa? O gato comeu” (PIERUCCI, 2011, p.49). Onde estão as outras religiões? Questiona o mesmo autor. E assevera a respeito dos dados vindos do censo:

A diversidade religiosa brasileira, hoje, é quase nada. [...] a variedade de religiões neste Brasil, no fundo no fundo, é muito rala, apertada, bem mais rarefeita e bem menos resistente aos grandes empreendimentos religiosos pós-estatais do que a gente normalmente imagina ou acha que consegue enxergar (PIERUCCI, 2011, p.50).

No entanto, Pierucci (2008) admite um ambiente de liberdade vivenciados no Brasil, o que permite maior pluralidade cultural e religiosa quando afirma que:

o país está se transformando, de verdade, numa sociedade livre, com uma cultura cada vez mais plural. A depender só do Estado brasileiro, hoje se respira no país liberdade religiosa a pleno pulmões, como nunca – e não só de direito, de *jure*, como no início da vida republicana, mas também de fato (PIERUCCI, 2008, p.15).

Não obstante a provocação de Pierucci (2011) sobre a quase inexistente diversidade fora do escopo cristão há que se reconhecer segundo o antropólogo e pesquisador Marcelo Camurça (2011), que há uma diversidade emergindo dos números do censo, e esta aponta um quadro de múltiplas ofertas religiosas e liberdade de escolhas (CAMURÇA, 2011, p.38). Na mesma direção aponta Teixeira reconhecendo a existência da diversidade religiosa no Brasil, para tanto, cita poema de Guimarães Rosa, do seu livro *Grande Sertão: veredas*, que ilustra bem este cenário:

“Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só para mim é pouca, talvez não me chegue (...). Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca” (TEIXEIRA *apud* ROSA, 2005, p. 29).

A resistência de Pierucci (2008) em reconhecer a diversidade no campo religioso, é no sentido de considerarmos “diversidade religiosa” a presença de diversas tradições religiosas dentro de uma sociedade, pois a sociedade brasileira ainda se mostra majoritariamente cristã. No entanto, devemos reconhecer que após a separação entre igreja e Estado, desde a Constituição de 1891, houve um processo que promoveu maior liberdade religiosa baseada em escolhas pessoais, bem como o aumento da competição religiosa e conseqüentemente o surgimento de novos conflitos no campo religioso e deste com o Estado (MOREIRA, 2018).

### 1.1.2 Pluralismo Religioso

Camurça (2011 e 2013), fazendo uma análise dos censos de 2000 e 2010, afirma que no Brasil há uma crescente situação de pluralismo e diversidade religiosa. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ainda segundo o mesmo autor, apontam para a existência no início deste milênio no Brasil, de uma tipologia de cento e quarenta e quatro (144) classificações de diferentes religiões no Brasil (CAMURÇA, 2011). A ponto de dizer taxativamente: “Isto sem dúvida traduz uma pluralidade de crenças disseminadas por todo o país” (CAMURÇA, 2011, p. 37). No entanto, pondera Camurça

(...) quando pensamos em termos de representatividade esta multiplicidade se reduz e se compacta basicamente em três blocos, a saber: o catolicismo, os evangélicos, com predominância dos pentecostais, e o terceiro, os sem religião (CAMURÇA, 2011, p.37).

No entanto, seguindo Berger (2016), Beckford (2008), Moreira (2018), dentre outros, entendemos que para a real existência do pluralismo não basta a constatação da oferta de crenças numa sociedade (diversidade religiosa). É preciso diálogo, respeito ao diferente, em especial, aos grupos minoritários. Implica um Estado laico, que garanta igualdade de condições para que as diferentes instituições religiosas possam coexistir pacificamente.

Peter Berger (2017) afirma que o pluralismo “é uma situação social nas quais pessoas para Berger, não haveria sentido falar em pluralismo quando as pessoas, ou as religiões, não dialogam umas com as outras. Noutras palavras, sem diálogo não há sentido falar em pluralismo. Autor de *O dossel sagrado* apresenta as condições para que o pluralismo aconteça de forma autêntica: de diferentes etnias,

cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente” (BERGER, 2017, p.20). Nesse sentido,

Para que pluralismo desencadeie a sua plena dinâmica, deve haver conversação constante, não necessariamente entre iguais, mas prolongada no tempo e cobrindo uma ampla variedade de temas (BERGER, 2017, p.20).

Ainda segundo Berger (2017) a modernização contribui para o florescimento do pluralismo.

“A modernização libera todas as forças que contribuem para o pluralismo, a saber, urbanização, migração em massa, alfabetização geral e educação superior para número cada vez maior de pessoas e todas as recentes tecnologias de comunicação” (BERGER, 2017, p.44).

Por isso, para Berger (2017), o pluralismo é o grande desafio para as religiões na era moderna, especialmente as de cunho histórico-tradicional. Aplicado especificamente à religião, o mesmo autor afirma que o pluralismo “solapa o dado-certo da religião”. E isso se dá pela desinstitucionalização da religião. O pluralismo desestabiliza as certezas das religiões que pretendem ser hegemônicas numa sociedade. Isso porque junto com a modernidade aflorou-se a percepção de liberdade de escolha, inclusive religiosa. Portanto, a partir do que defende Berger, pode-se compreender o pluralismo no sentido filosófico-político. Um sentido mais amplo, de reconhecimento da existência de diferentes cosmovisões (mundividências, nas palavras de Bittencourt) numa mesma sociedade. É fundamentalmente, a liberdade de escolha. E sintetiza sua visão sobre o pluralismo:

Há um pluralismo de discursos religiosos nas mentes dos indivíduos e na sociedade. Há também o pluralismo fundamentalmente importante entre o discurso secular e os discursos religiosos. Há também um pluralismo de diferentes versões da modernidade com diferentes delineamentos da coexistência entre religião e secularidade. O pluralismo deve ser politicamente administrado (BERGER, 2017, p.158).

Contudo, é oportuno registrar as ponderações dos sociólogos da religião, Alejandro Frigerio e Hilario Wynarczyk (2008), analisando o cenário religioso argentino (1985-2000) e suas mudanças em relação à luta dos evangélicos por seus direitos naquele país, sendo grupo minoritário, afirmam que diversidade não é o mesmo que pluralismo. Tendo como “pano de fundo” os conceitos do sociólogo britânico James Beckford, bem como a perspectiva das “economias religiosas” (tema que será retomado no capítulo II dessa pesquisa) proposta por Stark, Finke e Lannaccone, Frigerio e Wynarczyk (2008), defendem a necessidade de distinguir

diversidade de pluralismo religioso. Para Frigerio e Wynarczyk (2008) o pluralismo implica numa valorização efetiva da diversidade. Beckford, segundo Frigerio e Wynarczyk, afirma que dentro do conceito de pluralismo se pode confundir três aspectos diferentes da religião, a saber: “a magnitude da diversidade religiosa, o grau que distintos grupos religiosos existentes são aceitos em uma sociedade e o apoio pelo valor moral e político da diversidade religiosa” (FRIGERIO e WYNARCZYK *apud* BECKFORD, 2008, p.234). Beckford, reserva ao termo pluralismo esta última concepção, ou seja, não somente uma mera existência da diversidade, mas sua efetiva valorização (FRIGERIO E WYNARCZYK, 2008).

Por outro lado, Frigerio e Wynarkczyk seguindo os autores norte-americanos da Teoria da Escolha Racional (TER) da religião, usam outra argumentação, com pontos em comum com Beckford, ao afirmar que o pluralismo e não o monopólio religioso é o estado natural das *economias religiosas*, como afirmara Berger (1985) em *O dossel sagrado*. Isso porque uma só “firma religiosa” dificilmente poderá atender as demandas do mercado religioso. Nessa perspectiva, “não há religiões efetivamente monopólicas, e sim, mercados regulados” (FRIGERIO & WYNARCZYK, 2008, p.234). O crescimento da diversidade não significa ainda pluralismo religioso, que é sua valorização em termos de convivência pacífica entre adeptos de diferentes sistemas religiosos. Ainda segundo Frigerio e Wynarczyk, em vez de supor uma transição quase automática entre monopólio para o pluralismo, dever-se-ia observar as características da regulação estatal, que existe em diferentes momentos. E concluem dizendo:

É possível que o crescimento da diversidade leve a uma reação e fortalecimento da regulação social, ou estatal ou mesmo ambas. Para uma análise integral e realista do campo religioso em uma suposta situação de pluralismo, é necessário levar em conta as características da regulação do mercado religioso e tomar consciência de que esta regulação é multidimensional e excede o meramente normativo e estatal (FRIGERIO & WYNARCZYK, 2008, p.248).

Falando especificamente do cenário brasileiro, o filósofo, historiador e Doutor em Ciências Sociais, Wagner Sanchez (2010) afirma que o pluralismo religioso é a democratização do campo religioso. E só é possível graças à existência de dois fatores, a saber, a diversidade religiosa e a liberdade religiosa. Numa sociedade democrática, uma das exigências fundamentais é justamente a convivência dialogal entre as várias visões de mundo, inclusive a religiosa.

O pluralismo religioso é, na verdade, a democratização do campo religioso, em que todos os sujeitos religiosos são reconhecidos como legítimos em suas reivindicações, desde que respeitados os princípios éticos (SANCHEZ, 2010, p.2).

O aspecto político do pluralismo, como assevera Berger (2017), tem a ver com o reconhecimento da separação entre Estado/Igreja e da liberdade de escolha religiosa. Noutras palavras, um Estado *neutro (laico)* que não interfira nos assuntos de religião e que assegure a coexistência de diferentes religiões e sua relação uma com as outras (liberdade religiosa). O argumento filosófico do pluralismo evoca a dimensão do significado do ser humano e sua dignidade, no intuito de buscar resposta para o sentido de sua existência.

A religião sempre foi um meio plausível de busca de respostas. Nessa busca o Estado não deve interferir. É um direito fundamental do indivíduo, afirma Berger (2017). Além de não interferir, o que é mais importante no nosso caso, Berger está dizendo, seguindo Beckford que o Estado deve administrar e gerir o pluralismo de tal forma que não haja violência religiosa, perseguição ou conflitos entre as religiões de uma sociedade. Deve garantir os meios para que elas dialoguem que todas tenham as mesmas condições. Que coexistam diferentes religiões em uma mesma sociedade, de forma apoiada e socialmente aceita – sentido ético e político do pluralismo (MOREIRA, 2018).

Por sua vez, Moreira e Pace (2018) apontam para o papel do Estado como regulador na arena religiosa, num contexto de mercado extremamente competitivo e do aumento da diversidade religiosa, especialmente na América Latina:

Em alguns casos, as funções reguladoras do Estado servem para reiterar a existência de uma linhagem histórica entre as religiões majoritárias e minoritárias, restabelecendo assim a aliança entre uma igreja ou a fé dominante e o Estado. [...] A criação de novas e aglomeradas áreas urbanas, gerou preocupações em locais que, até vinte anos atrás, parecia não ser afetado pela crescente diversidade religiosa (MOREIRA e PACE, 2018, p.3).

Ainda os mesmos autores, Moreira e Pace (2018), descrevem as várias situações em que o Estado pode atuar como regulador num determinado contexto dependendo das correlações de poder locais:

Pode agir com uma abordagem moderna, esforçando-se para neutralizar potenciais conflitos de valor. Pode desenvolver-se por motivos religiosos ou, movendo-se na direção oposta, pode voltar a agir como uma entidade que tudo vê e ameaça. Pode atuar como um regulador ágil e flexível de uma hierarquia reiterada na qual uma religião tem sido cultural e historicamente dominante, com todas as outras ocupando um espaço em escala degradante e discriminatória (MOREIRA e PACE, 2018, p.4).

### 1.1.3 Diversificação Religiosa

A partir de 1980, segundo Jacob (2003), a sociedade brasileira passou a experimentar “um amplo movimento de diversificação religiosa, ligado à redução do número de católicos, a um forte aumento dos evangélicos, principalmente os pentecostais” (JACOB *et al.*, 2004, p.33). Para Jacob o crescimento dos pentecostais “constitui fator principal da diversificação religiosa que vem ocorrendo no Brasil. Tendência devida a sua visibilidade aumentada e pela natureza proselitista dos pentecostais” (JACOB *et al.*, 2003, p. 40). Por conseguinte, ocorreu enorme fracionamento no segmento pentecostal no Brasil.

Oportuno fazer uma ressalva na perspectiva do que disse Paulo Barrera (2016), de que a constatação da diversidade religiosa não é algo novo. O “novo” está, ainda segundo ele, na percepção de aumento inédito dessa diversidade precisamente no “interior” das grandes tradições cristãs, saber: católica e evangélica. O antropólogo Pierre Sanchis já chamara a atenção para a diversificação no “interior” do catolicismo, ao afirmar: “há religiões demais nesta religião” (SANCHIS *apud* TEIXEIRA, 2005, p.29).

Não se trata aqui de abordar a diversidade que resulta do surgimento de outras tradições religiosas (diversidade religiosa). Mas, precisamente da diversificação/fragmentação denominacional, que é dinâmica e processual, do campo pentecostal brasileiro. Por sua vez, Moreira (2018)<sup>3</sup> afirma que no Brasil, a maioria dos pesquisadores, consideram diversidade religiosa fundamentalmente diversificação denominacional do pentecostalismo, do que propriamente a existência de diversas tradições religiosas dentro de uma mesma sociedade. No entanto, Moreira (2018) argumenta que “devemos considerar que *diversificação* está dialeticamente conectada com o processo de *diferenciação* que está acontecendo, especialmente dentro do grupo religioso dos pentecostais” (MOREIRA, 2018, p.2).

Noutras palavras, trata-se de compreender diversificação como processo de diferenciação ou de diversificação interna do pentecostalismo, em uma miríade de

---

<sup>3</sup> O termo *diferenciação*, segundo Moreira (2018) também significa especialização, ou seja, igrejas pentecostais se especializaram em atender e satisfazer as necessidades de diversos nichos sociais. Assim tem igrejas disponíveis para todas as idades, preferências, classes sociais, orientação de gênero, atletas, surfistas, juventude, empresários, desempregados, grandes fazendeiros, igrejas que tocam *gospel* dos mais variados estilos musicais: sertanejo, axé, *rock*, *funk*, etc (Cf. Moreira, 2018. From Religious Diversity to Political Competition: the differentiation Process of Pentecostalism. *Religions*, Disponível em: [www.mdpi.com/journal/religions](http://www.mdpi.com/journal/religions)). Acesso 15/06/2018.

denominações existentes, movidas pela necessidade de atingir novos públicos e pela intenção de atender a segmentos especiais da população (MOREIRA, 2018). Compreender a diversidade religiosa no Brasil passa, necessariamente pela análise do processo crescente e dinâmico da diversificação/fragmentação do pentecostalismo. Este teria passado nas últimas três décadas por grandes mudanças e transformações. Por isso, para Moreira “é necessário analisar o processo de diferenciação do pentecostalismo brasileiro para compreender o crescimento da diversidade religiosa” (MOREIRA, 2018, p.3).

Nesse sentido, Moreira e Pace (2018) apontam para a necessidade de os cientistas sociais da religião apresentarem novas abordagens, tanto no nível conceitual como no metodológico para analisar e compreender a diversidade religiosa. E enfatizam:

A diversidade religiosa é uma confirmação de uma importante mudança social que ocorreu em muitas sociedades no mundo contemporâneo. Regulando a diversidade religiosa, todo sistema é obrigado a refletir sobre si mesmo e a redefinir conceitos de cidadania, filiação nacional e a relação entre a maioria e as minorias religiosas (MOREIRA e PACE, 2018, p.7).

Maxwell Fajardo (2016) evoca o princípio da laicidade para destacar o papel do Estado em promover o equilíbrio entre os diversos grupos religiosos existentes, sem que haja preferência por qualquer um deles. Ainda segundo Fajardo (2016), no Brasil a aplicação desse princípio fez com que o catolicismo deixasse de ser a religião oficial do país no final do século XIX. “A proclamação da República em 1889 trouxe para o ordenamento jurídico da nação o conceito de laicidade. A constituição de 1891 transformou-se na certidão de nascimento desse princípio” (FAJARDO, 2016, p. 277).

Por outro lado, alerta Fajardo (2016), não é incomum, líderes políticos pentecostais, em seus discursos argumentarem que há cerceamento de direitos das igrejas em detrimento de outros segmentos religiosos. Entretanto, o que vem ocorrendo no Brasil é justamente o contrário. Os pentecostais têm influenciado em decisões políticas favoráveis às suas prédicas. Não obstante, as divergências internas entre os líderes majoritários, em determinadas demandas há certa conveniente “união”. Com viés ultraconservador, trabalham de forma contundente no Congresso Nacional, por meio de seus deputados e outras lideranças, ora para aprovar projetos do interesse do segmento religioso, ora para barrar o que for considerado contra “valores cristãos”. Nesse sentido, Moreira e Pace (2018)

chamam à atenção para o fato que “os pentecostais estão se esforçando ativamente para ocupar o aparato estatal a fim de aplicar ou defender os interesses corporativistas” (MOREIRA e PACE, 2018, p.4). Igualmente, Oro (2011) afirma:

A motivação de ingresso dos evangélicos, especialmente os pentecostais, na política, obedece a uma razão de ordem prática, ou seja, defender no parlamento os interesses das próprias igrejas e estabelecer relações com o poder público que lhes assegure benefícios, tais como apoio a programas e projetos sociais, concessões de rádios e televisões (ORO, 2011, p.389).

Segundo Pierucci (2013), reina hoje no Brasil um regime bastante desregulado de livre concorrência entre as mais diferentes formas de expressão religiosa e empreendimento religioso. Um ambiente bastante efervescente. No entanto, pondera Moreira (2018) nesse cenário extremamente concorrencial entre as religiões, principalmente entre os próprios pentecostais, a política do Estado em relação à religião deveria promover condições relativamente igualitárias entre as diversas instituições nesse cenário de dura competição religiosa. E reafirma:

“A situação da diversidade religiosa e da tolerância relativa, proporcionada e garantida pelo Estado secular brasileiro, agora tende a ser pisoteada pela estratégia política sistemática adotada por agentes pentecostais e instituições” (MOREIRA, 2018, p.7).

De tal forma que coloca em risco a relação entre diversidade religiosa, pluralismo e democracia no Brasil, bem como podem ferir direitos humanos fundamentais, alerta Moreira (2018). E pode efetivamente tornar inviável a existência do real pluralismo. Isso porque, conforme Moreira (2018) líderes de poderosas instituições pentecostais vem tentando, ainda que de formas diferentes, ocupar espaços e aparatos institucionais em favor dos seus interesses políticos e religiosos. Para tanto,

os pentecostais se aproveitam dos aparatos por meio da política oficial, organizando e financiando partidos políticos, fazendo abertamente campanhas para certos candidatos, indicando nomes para funções estatais e criando vínculos entre suas denominações e o programa dos partidos sobre o quais eles têm controle (MOREIRA, 2018, p.10).

Feitas essas considerações sobre os termos *pluralismo*, *diversidade* e *diversificação*, apontando algumas implicações no cenário religioso brasileiro, especialmente em relação ao pentecostalismo, a seguir abordaremos o tema central dessa pesquisa, qual seja, a alta diversificação/fragmentação denominacional do pentecostalismo brasileiro. Nesse sentido concordamos com Moreira (2018) quando afirma:

“melhor que diversidade religiosa, a *diversificação* pode ser uma ferramenta sociológica útil para explicar o desenvolvimento histórico do pentecostalismo e seu papel proeminente no crescimento da diversificação religiosa no Brasil” (MOREIRA, 2018, p.11).

Portanto, fazemos uma opção nessa pesquisa pelo termo diversificação/diferenciação, que também significa especialização. Ora, as igrejas pentecostais tem se especializado em atender e satisfazer as necessidades de diferentes nichos sociais: classe média, público LGBT, atletas, empresários, jovens, desempregados, etc. Contribuindo assim, para uma maior pulverização de denominações.

Partimos de uma sucinta abordagem da sua origem norte-americana e como esse segmento religioso, desde sua gênese foi diversificando-se, sobretudo, quando aportou na América Latina (BARRERA, 2016). Em seguida apontamos a alta fragmentação pentecostal a partir da análise dos últimos três Censos do IBGE.

## 1.2. AS ORIGENS DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

O que é pentecostalismo? Qual a sua origem? Onde estão fincadas as raízes do pentecostalismo brasileiro? Para o pesquisador Leonildo S. Campos (2005), qualquer análise sobre o pentecostalismo brasileiro não pode prescindir de um estudo preliminar de sua origem norte-americana. E para tanto, faz-se necessário olhar para o cenário religioso a partir do contexto da origem desse segmento, que tornou-se um dos mais importantes do século XX (CAMPOS, 2005).

No início do século XX, o campo religioso norte-americano estava carregado de forças centrífugas, que num curto período de três anos centenas de fiéis se transformaram em missionários pentecostais, que influenciados por *Los Angeles* se espalharam primeiro para todos os EUA, depois, para Europa, Ásia, América e África (CAMPOS, 2005, p. 105).

Não pretendemos nesse momento fazer uma historiografia profunda do pentecostalismo, pois isso já foi feito por diversos autores, sendo bastante conhecido o resumo publicado por Freston (1996) em (Antoniazzi et al, *Nem anjos nem demônios*).<sup>4</sup> Desejamos, de forma sucinta, delinear a origem norte-americana do movimento pentecostal e como chegou no Brasil, nação onde encontrou terreno

---

<sup>4</sup> Esta obra “*Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*”, da década de 1990, composta por capítulos escritos por vários autores. Além de Paul Freston, Pierre Sanchis, Bittencourt Filho, dentre outros. Não obstante a antiguidade, os autores apontam elementos que corroboram para compreensão das mudanças que o pentecostalismo assumiu nestes últimos anos no Brasil.

fértil para se expandir, a ponto de se tornar o país com maior número de pentecostais no mundo, superando os Estados Unidos onde surgiu (MARIANO, 2008B). Uma boa definição desse segmento religioso *cristão não-católico* foi feita por Campos:

O pentecostalismo é um movimento religioso que eclodiu nos Estados Unidos no início do *século XX* (*grifo meu*), após dois séculos de avivamentos espirituais e de movimentos de santidade (*holiness*) com ênfases nas emoções e na busca da santidade. As manifestações oficialmente consideradas pentecostais aconteceram na Escola Bíblica Betel, na cidade de Topeka, Kansas, em 1901. O diretor da escola, Charles Parham, realizou uma série de reuniões de oração e seus alunos passaram a expressar seus sentimentos em glossolalia, isto é, em “línguas estranhas”. Para Parham “falar em línguas” era a primeira evidência de que a pessoa havia recebido o “batismo com o Espírito Santo”. Entre os pregadores oriundos desta escola estava um jovem negro, de origem batista, Wesley J. Seymour, que em 1906 levou esse novo modo de interpretar a fé cristã para Los Angeles, onde estabeleceu a “igreja Apostólica da Fé” na *Azuza Street 312*, que se tornou a meca do pentecostalismo, de onde o movimento se expandiu para todo o país e o mundo (CAMPOS, 1999, p.36).

Para Campos (2005) muitas crenças, que uniram a identidade pentecostal já circulavam de forma separada em diversas camadas do protestantismo norte-americano, mesmo antes da erupção da *Azuza Street*, em 1906, tais como:

necessidade de conversão/novo nascimento; santificação; cura divina; volta de Jesus à terra para inaugurar o milênio; retorno do Espírito Santo na forma de um “batismo de fogo”; coisas que provocariam sinais físicos, particularmente, o falar em línguas desconhecidas (CAMPOS, 2005, p.109).

Campos (1999) destaca ainda os fatores que, segundo ele, favoreceram a expansão do pentecostalismo em todo o mundo:

a) crescimento da indiferença religiosa entre os cristãos; b) mudanças sociais rápidas que levaram as pessoas a perda da identidade; c) crescimento da insensibilidade das pessoas devido às características da vida isolada das grandes cidades industrializadas; d) aumento dos problemas sociais ligados à falta de assistência médica adequada; e) medo de se enfrentar o dia de amanhã (CAMPOS, 1999, p. 36).

Freston (1996) falando da gênese do pentecostalismo ressalta que o movimento de santidade (*holiness*) além de penetrar várias denominações, produziu “uma franja separatista” de vários pequenos grupos. Entre estes nasceu o pentecostalismo. Freston também destaca nos Estados Unidos o papel proeminente de Seymour para esse momento inicial do movimento pentecostal, um pastor negro de origem humilde cuja pregação levou o pentecostalismo à notoriedade internacional. “A liderança de negros e de mulheres é marcante nos primórdios do pentecostalismo” (FREESTON, 1996, p.74). Freston (1996) destaca as características

do nascente movimento pentecostal: “adventismo, a expectativa da volta iminente de Cristo e a *glossolalia*, que era a confirmação do fim. Como não ocorrera de forma iminente, a *glossolalia*<sup>5</sup> assumiu a centralidade na teologia pentecostal” (FREESTON, 1996, p.75).

Flores Filho (2016) seguindo Francisco C. Rolim (1985) destaca que o pentecostalismo moderno surgiu como “movimento de reação religiosa”. Reação contra a hegemonia da cultura branca cristã protestante dentro do próprio pentecostalismo. Com isso

causando divisão, identidade e força social do negro estadunidense na luta contra as desigualdades e opressões sociais e aflições das violências físicas e emblemáticas de grupos marginalizados que estiveram, na ocasião, em situação também de discriminação (FILHO, 2016, p.202).

Nesse sentido podemos afirmar que o pentecostalismo, desde sua origem, nasce se diversificando, a partir de divisões e divergências internas. Realidade intensificada nas últimas três décadas. Para Flores Filho (2016), com Seymour a teologia que este aprendeu com o racista Parham toma outra dimensão. Torna-se mais social, equilibrando a Teologia do Novo Testamento com o movimento de luta em prol aos direitos dos excluídos: negros, migrantes e mulheres. “O pentecostalismo como fenômeno social, originalmente é um elemento de reação religiosa, social e local. Suas dimensões teológicas e sociológicas possuíam importâncias semelhantes como função social” (FLORES FILHO, 2016, p.347).

Contudo, posteriormente com o processo de expansão, essas dimensões, a teológica e em especial a social, perderam sua força de afirmação de identidade étnica do negro e de defesa das causas sociais. Prevaleceu a dimensão emocional; em detrimento da razão; o fundamentalismo, e na sua versão mais recente (a neopentecostal), a prosperidade material. Não obstante a sua popularização em todo o mundo, especialmente na América Latina, abriga entre seus seguidores os mais desfavorecidos da sociedade: negros, pobres e moradores de favelas nas periferias das grandes e médias cidades. (FLORES FILHO, 2016; ROLIM,1985;

---

<sup>5</sup> “Glossolalia ou dom de línguas é um modo de orar em que o fiel, em êxtase, se expressa através de uma linguagem aparentemente ininteligível, acompanhada por expressões corporais que produzem sentimentos de alegria, transbordamento, choro, saltos e gestos. Esse dom é de importância central na Teologia pentecostal, por ser considerada pelos crentes, a irrefutável evidência do batismo no Espírito Santo. Trata-se de um dom institucional e ritualístico que se apresenta no culto e se desenvolve na instituição” (RICCI, M. *Glossolalia e organização do sistema simbólico pentecostal* – Dissertação de Mestrado na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, 2006)

BARRERA, 2016; MARIANO, 2011; FAJARDO, 2016). A ponto de se tornar um segmento religioso das massas populares (MARIANO E MOREIRA, 2015).

### 1.2.1 Movimento Pentecostal Norte-americano e sua Influência sobre o Pentecostalismo Brasileiro

Para Campos (2005), seguindo Bittencourt Filho (2003), mesmo reconhecendo a origem norte-americana, o pentecostalismo no Brasil tem um aspecto de *continuidade* com uma “religiosidade matricial”<sup>6</sup> existente na sociedade brasileira, formada do caldo das culturas afro, indígena e do catolicismo ibérico português, que favoreceu o seu florescimento e expansão.

As manifestações culturais do pentecostalismo, especialmente na África e na América Latina, são continuidades de uma ‘religiosidade matricial’, que já se faz presente em nossas culturas desde os tempos anteriores à conquista europeia. No entanto, essa síntese pentecostal foi enriquecida posteriormente com a chegada das culturas africanas e das religiões mediúnicas, gerando-se com isso novas formas de manifestação (CAMPOS, 2005, p.103).

O pentecostalismo, segundo Campos (2005) é uma religião dinâmica, oral, que valoriza desde sua origem o testemunho das pessoas, por conseguinte sobressai a tradição oral sobre a escrita. E encontrou terreno fértil na América Latina, por ter seguido “os caminhos batidos” da religiosidade popular católica, bem como se beneficiado da inserção do protestantismo histórico, que por aqui já tinha fincado raízes há mais tempo. “Em sua primeira fase de expansão, o pentecostalismo pescou em aquários onde estavam os peixes colhidos pelo protestantismo histórico” (CAMPOS, 2005, p. 110).

A *Azuza Street* se tornou, segundo Campos (2005), a partir de 1906, a “Jerusalém norte-americana”. Onde o líder pentecostal Seymour soube adaptar ao movimento pentecostal traços de raízes africanas. Por isso afirma:

Seymour foi capaz de fazer a síntese, de catalisar e de descobrir as raízes africanas do movimento pentecostal. Por isso produziria uma religiosidade que valorizaria alguns traços da tradição negra: oralidade da liturgia; teologia e testemunhos oralmente apresentados; inclusão de êxtase,

---

<sup>6</sup> Bittencourt propõe em sua obra “*Matriz religiosa brasileira*” a existência de uma Matriz religiosa, composta por elementos de várias culturas que se juntaram ao longo dos séculos no Brasil: indígena, negra e o catolicismo popular. Daí surge uma religiosidade matricial, formada nesse encontro de culturas e visão de mundo diferente. Bittencourt, nessa referida obra, atribui o sucesso do pentecostalismo ao comprometimento com essa matriz religiosa. “Os pentecostalismos reprocessaram a religiosidade de origem matricial, agregando sinais valorativos. Em vez de rejeitar, foram realocados num novo esquema religioso” (BITTENCOURT, 2003, p. 44).

sonhos e visões nas formas públicas de adoração; holismo quanto às relações corpo-alma; ênfase nos aspectos xamânicos da religião; uso de coreografias e de muita música no culto (CAMPOS, 2005, p.112).

Por isso, para Campos (2005), essa ligação entre pentecostalismo e cultura negra, explicaria o seu sucesso no Brasil. O fato contundente, que encontra quase unanimidade entre os pesquisadores dessa temática, é que, o pentecostalismo, experimentou uma expansão rápida, extravasou fronteiras religiosas e culturais. No Brasil, conforme dados do último censo do IBGE, em 2010, os pentecostais já somam em torno 26 milhões de fiéis. No entanto, conforme Campos, durante esse processo de expansão e de institucionalização, ocorreu a fragmentação desse movimento em inúmeras seitas, denominações e igrejas em todo o mundo, absorvendo as peculiaridades locais (CAMPOS, 2005, p.113).

Lima (1987) na obra “*Os Demônios Descem do Norte*” defende que houve ingerência dos Estados Unidos no incentivo e promoção de seitas na América Latina, com o propósito de barrar o avanço do Comunismo. Inclusive afirmando que a Conferência Episcopal Latino Americana – CELAM fez levantamento de financiamento, por parte dos americanos às “seitas” pentecostais (LIMA, 1987).

A ajuda externa, justamente, representa um dos pontos delicados de qualquer estudo com o propósito de redesenhar o cenário religioso brasileiro dos últimos decênios. Evidências seguras de interferência de estranhos mecanismos na sustentação de novos quadros que vai se delineando a partir do extraordinário impulso ganham os novos movimentos ou seitas modernas surgidas no país. Daí a procedência dos questionamentos: qual a procedência dessa ajuda e quais são os beneficiários? Qual seu montante e como se processa? Com quais objetivos de quem a promove? (LIMA, 1987, p.6)

Para Flores Filho (2016) o pentecostalismo mesmo com as mudanças na origem norte-americana, de afirmação identitária negra e dos excluídos sociais, mantém predominantemente entre seus seguidores negros, pobres e moradores de periferia (MARIANO, 2008; BARRERA, 2016). No entanto, esse segmento religioso se “*metamorfoseia*”, se fragmenta, não só institucionalmente, nas centenas de denominações, mas também no aspecto teológico e litúrgico. Por que isso ocorre? Por que o pentecostalismo não cresce em bloco? Por que as igrejas evangélicas tradicionais não agregam os novos movimentos e lideranças religiosas? Em busca de respostas a essas perguntas e outras é que nos propusemos a seguir nessa pesquisa.

### 1.2.2 Pentecostalismo Brasileiro: Diversificado desde o Início

Gestado nos primórdios do século XX nos Estados Unidos, o pentecostalismo foi se expandindo para vários países da África, do leste e sudeste da Ásia, mas, sobretudo na América Latina (MARIANO, 2004), a ponto de assumir uma dimensão global (TROMBETA, 2015). Bittencourt (2003) destaca algumas características do pentecostalismo: “desde logo desponta pela força de sua espontaneidade, de suas estruturas flexíveis, sua capacidade de adaptação à cultura popular, de seu fervor religioso, de seu agudo senso missionário e de seu messianismo enfático” (BITTENCOURT, 2003, p.116). Dando outro enfoque, Carranza (2013) apresenta outros elementos:

os pentecostais caracterizam-se por sua adesão à experiência religiosa que inclui o batismo no Espírito Santo, glossolalia (falar em línguas), recepção de dons e carismas do Espírito, como prometido pela Bíblia, a cura física e espiritual e a libertação do mal (pessoal e comunitário), por meio de exorcismo e da expulsão de demônios (CARRANZA, 2013, p.71).

Mariano (2014) destacando a diferença do pentecostalismo com o protestantismo histórico (luteranos, anglicanos, metodistas e batistas) o descreve:

como herdeiro e descendente do metodismo *wesleyano* e do movimento *holiness*, distingue-se do protestantismo, *grosso modo*, por pregar, baseado em Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espírito (MARIANO, 2014, p.10).

Verifica-se um crescimento acelerado do pentecostalismo no Brasil, sobretudo nas últimas três décadas. Bem como seu crescimento desigual entre as classes sociais. Para Mariano, os pentecostais estão concentrados entre os estratos mais pobres da população (MARIANO, 2014; BARRERA, 2016). No entanto, o próprio Mariano, e outros pesquisadores, como Paulo Passos (2012) em sua tese de doutorado pela PUC-GO, Almeida (2012), reconhecem forte penetração do pentecostalismo no Brasil na classe média. Vários pesquisadores o consideram como o segmento religioso mais importante do século XX, em face de sua extraordinária expansão e diversificação. Ao mesmo tempo em que alertam para a grande dificuldade de classificá-lo por conta de sua ampla diversidade interna.

Assim, com mais de um século de existência, o pentecostalismo se transformou numa multiplicidade de denominações, o que para muitos pesquisadores, torna difícil uma definição homogênea e tipológica que abarque todo segmento. Por isso assevera Mariano: “Há centenas de diferentes denominações

pentecostais no país. Dada a diversidade institucional e a pluralidade interna desse movimento religioso, não é despropositado falar em *pentecostalismos*, no plural” (MARIANO, 2008b, p.69).

Esse crescimento plural e diversificado do pentecostalismo, Mariano (2008b) ressalta que aumentou a partir de 1950, mas, sobretudo, a partir da década de 1980. “Momento em que esse movimento religioso passa a conquistar igualmente crescente visibilidade pública, espaço na TV e poder político partidário” (MARIANO, 2008b, p.69). E assim o descreve:

Elevado número de igrejas existentes e concorrentes, há grande variação doutrinária, ritual, litúrgica, organizacional (governo eclesiástico), comportamental e estética. Variam igualmente suas estratégias proselitistas, seu público-alvo, sua relação com os poderes públicos, com a política partidária e com os meios de comunicação de massa. Em suma, trata-se de um fenômeno religioso dinâmico e internamente muito diversificado (MARIANO, 2008b, p.70).

A homogeneidade nunca foi a marca do pentecostalismo. Ao contrário, desde sua gênese foi marcado por distinções eclesiásticas e doutrinárias (MARIANO 2013). Segundo Paulo Barrera (2016) a diversificação é a marca principal do pentecostalismo, e, está na sua gênese. Quanto mais pentecostalismo, mais diversidade. Afirma o mesmo autor, que é na periferia urbana o lugar privilegiado para analisar a diversidade religiosa contemporânea, onde principalmente o pentecostalismo se expande e diversifica-se. A periferia urbana, no seu sentido social, político e religioso, “é lugar privilegiado para observar e compreender as grandes mudanças das últimas décadas no campo religioso na América Latina - AL” (BARRERA, 2016, p.20) E reafirma a respeito da diversificação pentecostal:

O pentecostalismo das periferias se multiplicou ao mesmo tempo em que se fragmentou. [...] Quanto maior a vulnerabilidade socioeconômica do lugar maior o número de igrejas pentecostais. O número de igrejas pentecostais é na periferia da periferia (BARREIRA, 2016, p.18).

Num olhar mais amplo, analisando a diversificação do pentecostalismo na AL, Barrera (2016) destaca quatro “*notas teóricas básicas*”, para compreender a nova “reconfiguração religiosa contemporânea”, especialmente o cenário da diversidade religiosa evangélico-pentecostal e sua relação com a periferia urbana:

I) A tensão entre modernidade e religião, que deixou esta última num lugar periférico, gerando um pragmatismo religioso na periferia; II) De caráter endógeno, refere-se ao embate entre formas religiosas que ocupam lugar central pretendendo exclusividade, e formas religiosas periféricas sempre presentes agindo como uma pedra no sapato das primeiras; III)

Crescimento das periferias urbanas nas principais cidades dos países da AL e concomitante crescimento e diversificação de formas religiosas, especialmente de pentecostalismos; IV) A diversidade religiosa como expressão de cidadania, que se manifesta na emergência de novas formas e formatos religiosos e o lugar protagônico dos mesmos na reconfiguração contemporânea do campo religioso (BARRERA, 2016, p.20).

Esse cenário do pentecostalismo diversificado faz parte do novo “reacomodo” ou reacomodação do campo religioso brasileiro (BARRERA, 2016). Campos (2013), um dos expoentes pesquisadores do pentecostalismo, seguindo Pierucci (2008), chama a atenção a despeito do declínio católico e o crescimento pentecostal no Brasil, como parte dessa nova configuração do cenário religioso brasileiro “que se expressa na fragmentação, pluralismo, diversidade e secularização” (CAMPOS, 2013, p. 156). Nessa mesma perspectiva afirma Mariano (2013)

Os dados do Censo de 2010 sobre religião confirmam as tendências de transformação do campo religioso brasileiro, mutação que se acelerou a partir da década de 1980, caracterizando-se, principalmente, pelo recrudescimento da queda numérica do catolicismo e pela vertiginosa expansão dos pentecostais e dos sem religião. [...] De 1980 para cá, portanto, prosperou a diversificação da pertença religiosa e da religiosidade no Brasil (MARIANO, 2013, p.119).

De modo que ainda segundo Mariano (2013) houve uma “desmonopolização e destradicionalização religiosas que estão associados a pluralização religiosa e à intensificação da concorrência no e pelo mercado religioso” (MARIANO, 2013, p.120). Os pentecostais estão inseridos nesse processo como protagonistas. Passo a passo foram se firmando como o segundo maior segmento religioso do Brasil, não obstante sua alta diversificação e fragmentação interna. Tendo como pano de fundo um crescente discurso ético de tolerância e respeito às liberdades religiosas e de culto, que, conseqüentemente desembocou no aumento da diversidade de escolhas, crenças, práticas e grupos religiosos de todas as formas e jeitos, para atender um público cada vez mais específico (MARIANO, 2013).

Segundo Almeida (2008) o estereótipo do jeito de ser religioso no Brasil está cada vez mais com a cara evangélico-pentecostal. E reitera: “quanto mais o Brasil torna-se pentecostal, mas o pentecostalismo se torna brasileiro” (ALMEIDA, 2008, p.55). Genericamente, significa dizer que a antes configuração religiosa “católico-afro-kardecista” no Brasil agora é também pentecostal. Notoriamente diversificado, fragmentado em inúmeras igrejas e denominações. Contudo, o que os dados oficiais revelam? O que emerge das estatísticas oficiais sobre os pentecostais no Brasil? Os

dados do censo revelam sua alta diversificação denominacional? É o que tentaremos responder no próximo item, fazendo uma análise dos últimos três censos do IBGE, no tocante ao pentecostalismo.

### 1.3 A DIVERSIFICAÇÃO NOS DADOS DO CENSO DE 1991, 2000 E 2010 (IBGE)

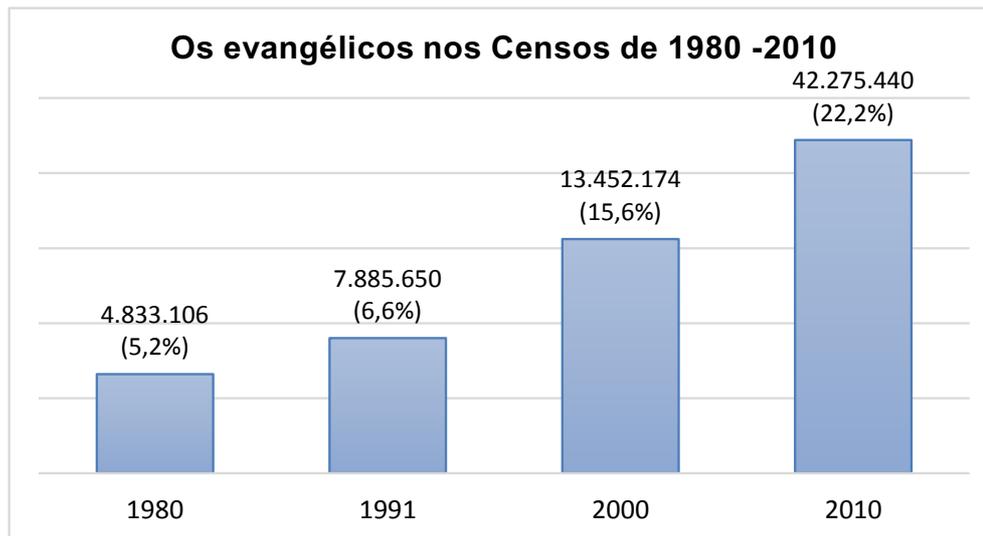
Segundo Ricardo Mariano (2013) os dados que emergiram dos últimos três censos do IBGE (1991, 2000 e 2010), sobre o cenário religioso no Brasil, fica evidente uma tendência de transformação, qual seja a queda do número de católicos e o acelerado crescimento dos evangélicos pentecostais e dos sem religião. “Entre 1980 e 2010, os católicos declinaram de 89,2% para 64,6% da população. Os evangélicos saltaram de 6,6% para 22,2% e sem religião de 1,6% para 8,1 %. As outras religiões de 2,5% para 5%” (MARIANO, 2013, p.119).

Num primeiro momento, Mariano afirma diante desse cenário que, “de 1980 pra cá, portanto, prosperou a diversificação da pertença religiosa e da religiosidade no Brasil, mas se manteve praticamente intocado seu caráter esmagadoramente cristão” (MARIANO, 2013, p.119), como nos alertou Pierrucci (2008 e 2013). É este cenário de diversificação do campo religioso brasileiro, que emerge dos últimos dados do censo do IBGE, como foco no segmento pentecostal, com sua alta fragmentação, que passamos a considerar.

Uma das questões de fundo que norteia a presente pesquisa é precisamente saber, se a partir dos números emergidos dos últimos três censos, bem como de outras fontes de informação, como os pentecostais se expandiram, ou seja, quais os fatores ou agentes que estão proporcionando esse crescimento e, ao mesmo tempo, paradoxalmente se diversificando em centenas de denominações. Noutras palavras, o que os números dos últimos censos revelam sobre os pentecostais no Brasil. Seguindo a observação feita por Campos ao analisar o último censo de 2010: “sempre com a finalidade de usar os números como forma de indicar as mudanças e de mapear a direção das transformações que continuam a afetar o subcampo religioso evangélico no país” (CAMPOS, 2013, p. 131).

### 1.3.1 Os pentecostais nos Censos de 1991, 2000 e 2010 (IBGE).

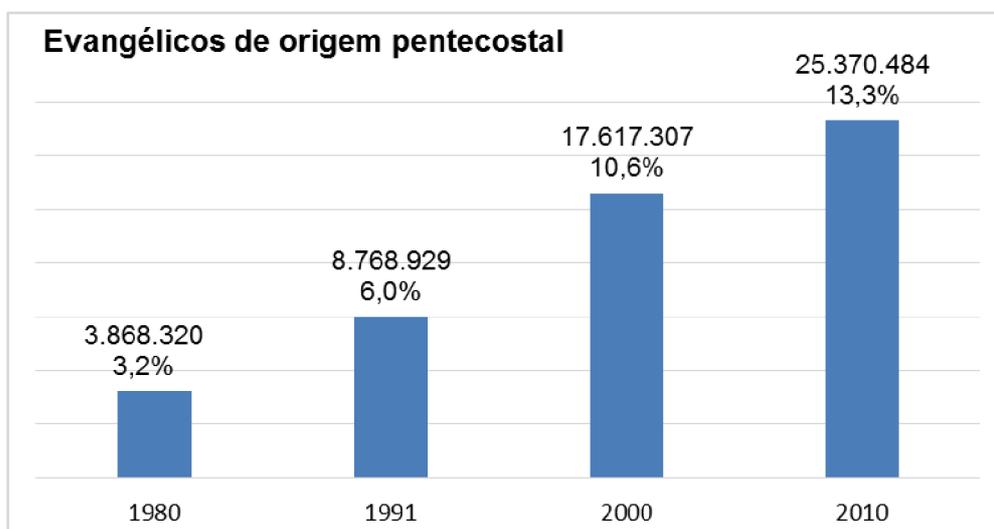
Nos dados dos últimos três censos do IBGE (realizado a cada década), os evangélicos no Brasil lograram um extraordinário crescimento, conforme apontaram vários pesquisadores. O gráfico abaixo evidencia esse crescimento.



Fonte: (Campos, 2013).

Em 1991 os evangélicos somavam 6,6%, em números absolutos significa pouco mais de 7 milhões de pessoas, do total da população brasileira. Em 2000 subiram para 15,6%, equivalendo a 13.452,174 de fiéis. No último censo em 2010, saltaram para 22,2%, somando pouco mais de 42 milhões de seguidores (TEIXEIRA, 2014; MARIZ E GRACINO JR; CAMPOS, 2013).

No entanto, esse *boom* dos evangélicos nos últimos anos, foi alavancado pelos pentecostais, conforme dados dos últimos censos:



Fonte: (Campos, 2013)

Em 1991 os pentecostais representavam 6% do total da população brasileira, em números absolutos 8.768.929 de fiéis. Em 2000 saltaram para 10,6%, perfazendo pouco mais de 17 milhões de seguidores. Já em 2010 já somavam 13,3%, atingindo a marca de um pouco mais de 25 milhões fiéis, desse modo representam 60% de todo segmento evangélico. (CAMURÇA, 2013). Teixeira (2013) ressalta o crescimento extraordinário dos pentecostais em números absolutos, na faixa de 17 milhões de fiéis entre os anos de 1991 e 2010.

Cabe ressaltar, seguindo Mariz e Gracino Jr. (2013) que o crescimento evangélico não foi homogêneo, vale a mesma ponderação em relação os pentecostais. Quando dissecamos os dados sobre os pentecostais percebemos uma centena de denominações que compõem esse segmento religioso cristão, que se tornou o segundo maior do país, como já evidenciamos.

Algumas igrejas cresceram mais que outras. Cabe questionarmos, sem aprofundar no momento, o porquê desse fenômeno. Ou por que um bloco de igrejas, formadas pela Assembleia de Deus (AD), Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e Congregação Cristã no Brasil (CCB), cresceram mais, e abarcam 70% dos pentecostais (TEIXEIRA, 2013; MARIANO, 2013). Como perceber a diversificação/fragmentação pentecostal, a partir dos números que emergem dos censos? É o que intentaremos fazer abaixo. Porém, antes disso, duas observações são pertinentes. A primeira trata-se de um aspecto que chama atenção nos últimos censos (2010), é o caso dos “evangélicos não determinados”. São pouco mais de 9 milhões de pessoas que se declararam evangélicas, porém não indicaram a igreja a qual pertencem. Isso representa 21,80% do total dos evangélicos, superando o percentual dos evangélicos de missão, que somaram 18,2%, conforme o último censo. São os chamados “desingrejados” (MARIZ E GRACINO JR, 2013) Nesse sentido Mariz e Gracino Jr. afirmam

Como não há elementos para afirmar se os que se disseram apenas “evangélicos” não se vinculam a nenhuma igreja, mas tampouco podemos afirmar que se vinculam a alguma, e muito menos identificar a quais igrejas se vinculariam, concluímos que estamos apenas diante de uma falta de informação (MARIZ e GRACINO Jr., 2013, p.165).

A segunda observação é em relação ao grupo que aparece nos censos como “*outras igrejas pentecostais*”, composto por diversas pequenas igrejas. Para além das grandes denominações pentecostais, esse grupo chama à atenção dos pesquisadores pela quantidade. Segundo Fajardo (2016), no último censo (2010) do

IBGE eram cerca de 5 milhões de pentecostais que se enquadravam nesse grupo. Ainda para Fajardo, embora a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD) e Renascer em Cristo (IRC) façam parte desse grupo, “a maior parte destes pentecostais estão espalhados em pequenas denominações, muitas vezes restritas ao endereço de um pequeno templo ou salão na periferia de uma grande cidade” (FAJARDO, 2016, p.285). Revelando uma das características mais marcantes desse segmento religioso, qual seja, sua alta diversificação/fragmentação em centenas de denominações (BARRERA, 2016).

### 1.3.2 Crescimento Desigual entre os Pentecostais

Segundo Marcelo Camurça (2013) o crescimento pentecostal se mostrou de modo desigual, pois algumas igrejas experimentaram um surpreendente crescimento e outras até perderam fiéis. Mariz e Gracino Jr. também chamam atenção para esse aspecto. Dos quase 9 milhões de pentecostais no censo de 1991, que correspondem a 6% da população brasileira e 62% do total dos evangélicos, eram compostos, conforme observa Campos (2008), por três grandes grupos hegemônicos, a saber: AD, IURD e CCB. A Assembleia de Deus em 1991 dispunha de 2,4 milhões de fiéis, que corresponde a 29,6% dos pentecostais. A Congregação Cristã do Brasil correspondia a 14,13% do total de pentecostais, em números absolutos correspondiam a 1,6 milhão de fiéis. Já a IURD, terceira maior igreja pentecostal, tinha 268 mil seguidores. As demais igrejas de origem pentecostal perfaziam 10,45% do total dos pentecostais no Brasil. Porém, adverte Campos (2008), muitas dessas igrejas são “micro-igrejas”. O que para Alves (2012) representa na realidade atual o maior fator de crescimento do segmento pentecostal. Em outras palavras, para Alves, o pentecostalismo cresce e diversifica-se, especialmente nas periferias dos grandes centros urbanos e são igrejas pequenas e de médio porte. Alves (2012) aponta mais o aspecto da pulverização de igrejas no meio pentecostal, enquanto nos dados do censo fica evidente o crescimento das maiores denominações pentecostais.

No censo de 2000, conforme apontou Campos (2008) aumentou significativamente o número de pentecostais no país que somavam 10,6% da população brasileira, o que em números absolutos corresponde a 17.617,307 milhões de fiéis. Representando 68% do total de evangélicos no país. Desenhando o seguinte perfil: AD compõe 47,78% dos pentecostais, a CCB com 14,13%, a IURD

11,93%, Igreja do Evangelho Quadrangular 7,48%, Deus é Amor 4,38% e outras igrejas de origem pentecostal 10,45%. Para Souza e Sá Martino *apud* Campos (2008) há um paradoxo, nos dados emergidos dos censos, e pondera:

Esses dados apontam para a existência de uma tendência ambígua. Uma vai em direção à pulverização por um lado e a outra segue em direção à concentração. Ganham assim, os três grandes grupos pentecostais hegemônicos: Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e Universal do Reino de Deus (SOUZA E SÁ MARTINO *apud* CAMPOS, 2008, p. 130).

Na mesma linha de argumentação, Mariano (2004), destaca a concentração denominacional dos pentecostais afirmando que

apesar do elevado número de denominações pentecostais no país, a AD, CCB E IURD, juntas, concentram 74% dos pentecostais, ou treze milhões. Tamanha concentração institucional do pentecostalismo brasileiro, além de minimizar até certo ponto a importância da fragmentação denominacional ou do divisionismo organizacional, permite compreender porque a AD e IURD são a igrejas que logram, por exemplo, maior visibilidade pública e sucesso na política partidária (MARIANO, 2004, p.122).

Se por um lado temos essa concentração do crescimento pentecostal, é inegável a notória pulverização do segmento em diversas igrejas, na linha do que argumenta Daniel Alves (2012), quando afirma que as igrejas pentecostais que mais crescem são as pequenas e médias igrejas, especialmente nas periferias dos grandes centros urbanos, como também apontou Paulo Barrera (2016). Assunto que retomaremos no capítulo III deste estudo ao tratarmos das tendências e possíveis caminhos do pentecostalismo contemporâneo.

As igrejas que experimentaram crescimento, em relação ao censo de 2000, conforme aponta Camurça (2013), citando reportagem da revista *Carta Capital* e do *Jornal Folha de S. Paulo*, foram a AD, Evangelho Quadrangular (IEQ) e Deus é Amor (IDA). Ao passo que a CCB e a IURD, viram o número de seus membros reduzir significativamente. Mariz e Gracino Jr. (2013) advertem para a credibilidade dos dados do censo, seja em relação ao aumento de fiéis, seja na sua diminuição. E afirmam: “não sabemos o quanto de fato podemos nos basear neles para avaliar tendências e fazer previsões” (MARIZ e GRACINO Jr., 2013, p.167).

No entanto, vários pesquisadores fazem algumas observações dissecando os dados do censo, focando nas denominações. Seguindo Camurça, destacamos a queda do ponto de vista percentual de algumas igrejas pentecostais em relação ao seu peso dentro do grande grupo evangélico. Como é caso da CCB, que declinou de 2,5 milhões de fiéis em 2000, para 2,3 milhões em 2010. Dentro do campo

evangélico sua representatividade caiu de 9,51% para 5,42%. Nessa esteira seguiu a IURD que de 2,1 milhões caiu para 1,9 milhão. Em porcentagem seu peso no meio evangélico declinou de 8,03% para 4,28% em 2010. A IEQ recuou de 5,04% para 4,28%. Mariano (2013) assim justifica a queda numérica da CCB:

presa a condutas e estratégias organizacionais, evangélicas e comunicacionais do passado cada vez mais distante e em descompasso com as mudanças em curso no movimento pentecostal. Diante de um mercado religioso dinâmico, competitivo e ávido por novidades. Não paira dúvida quanto à notória redução da capacidade da CCB de descrever e de enfrentar a concorrência religiosa nas últimas décadas (MARIANO, 2013, p. 132).

Em relação a IURD, Mariano apresenta alguns aspectos que justificariam a diminuição de seus membros:

sua ênfase radical na oferta de soluções mágicas e instrumentais e no televangelismo para atrair multidões, seu parco interesse pela moralização do comportamento dos adeptos e sua disposição em priorizar a pregação de uma teodiceia redentora de longo prazo dificultam a formação de laços comunitários, a fidelização dos adeptos e o estabelecimento de vínculos congregacionais sólidos para sustentar e expandir uma instituição religiosa duradouramente (MARIANO, 2013, p. 136).

A AD, maior e mais diversificada denominação pentecostal, recuou do ponto de vista de sua representatividade no campo evangélico, passando de 68,65% em 2000 para 60% em 2010. Diante desse quadro, um tanto paradoxal, conclui Mariz e Gracino Jr.:

Os dados sobre as igrejas pentecostais analisados acima, que como já podem estar subestimados, sugerem que, apesar da maioria dessas denominações terem crescido numericamente e em termos percentuais em relação à população brasileira, o ritmo desse crescimento tem se arrefecido na última década. (MARIZ e GRACINO Jr., 2013, p. 168).

Jacob (2004) adverte para a dificuldade de analisar o campo pentecostal devido sua enorme pulverização, ao afirmar: “É extremamente difícil ter uma visão completa do conjunto das igrejas pentecostais existentes no país, dado o seu enorme fracionamento” (JACOB *et al.* 2004, p.42). Observa ainda Jacob (2004) que os pentecostais concentram três quartos de sua totalidade de fiéis em três denominações: AD, CCB e IURD. Portanto, para Jacob (2004) só se pode falar efetivamente da pulverização/fragmentação/diversificação pentecostal no contexto das demais igrejas pentecostais.

Nesse sentido, seguindo a maioria dos pesquisadores desse tema, reconhecemos, conforme dados dos últimos três censos, o crescimento estrondoso dos evangélicos pentecostais. No entanto, não fica patente sua alta diversificação

interna denominacional pela simples análise dos números que emergem dos censos. Por isso faz-se necessário agregar outras fontes de pesquisas quantitativas e qualitativas, que corroboram para demonstrar essa diversificação na realidade atual em relação ao campo religioso evangélico-pentecostal no Brasil. Ou seja, a existência de uma alta pulverização de igrejas pentecostais, estabelecidas principalmente nas periferias dos grandes centros urbanos (ALMEIDA, 2012; BARREIRA, 2016; MARIZ E GRACINO JR. 2013).

### 1.3.3 Que Dizem Outras Fontes sobre o Quadro Diversificado Pentecostal?

Para elucidar melhor o quadro da alta diversificação do segmento pentecostal no Brasil, agrego nessa pesquisa outras fontes, que demonstram que o pentecostalismo brasileiro continua, assim como nasceu, dividido numa enorme quantidade de denominações dos mais variados tipos.

A reportagem do jornal *O Globo* de 26 março de 2017, trouxe à tona uma pesquisa revelando que de 2010 até 2017 foram registradas uma nova organização religiosa a cada hora. A referida reportagem aponta como possíveis causas desse fenômeno a facilidade para abertura de novas igrejas, o fortalecimento do movimento neopentecostal e ainda os efeitos da situação econômica do país. “De janeiro de 2010 a fevereiro deste ano (2017), 67.951 entidades se registraram na Receita Federal sob a rubrica de organizações ‘religiosas ou filosóficas’, uma média de 25 por dia” (*O Globo*, 26/03/2017).

A reportagem ainda cita o argumento da teóloga Maria Clara Bingemer, que aponta como causa dessa grande pulverização de igrejas pentecostais e Neopentecostais a “migração de fiéis” e o domínio doutrinário das pregações que integrantes das igrejas adquirem, resolvendo daí abrir sua própria igreja. A título de exemplo, a reportagem aponta o caso do Estado do Rio de Janeiro, que de janeiro 2010 a fevereiro de 2017 foram registradas 9. 670 novas entidades, com variadas e bem peculiares denominações:

Associação Ministerial Homens Corajosos, Associação Missionária Boneka – Semeando, Assembleia de Deus Derrubando Muralhas em Irajá, Igreja Evangélica Porta Estreita, Igreja As Portas do Inferno não Prevalecerão, Ministério Pentecostal Labareda de Fogo, Assembleia de Deus Garagem da Vitória, Igreja Pentecostal a Marca do Sangue (*O GLOBO*, 26/03/2017)

Dados do núcleo de pesquisa do Instituto de Estudo da Religião (ISER) em 1992, o qual realizou um estudo estatístico denominado Censo Institucional Evangélico (CIN), na região metropolitana do Rio de Janeiro apontam para a existência de 4.000 mil registros de instituições evangélicas na Grande Rio. Em 3.477 endereços de culto. Daí é pertinente a afirmação de Fernandes: “a imagem da igreja evangélica já é um lugar-comum” (FERNANDES, 1996, p.165). “Trata-se de um levantamento, que se quer exaustivo, da variedade de organizações evangélicas existentes nos treze municípios que compõem a região” (FERNANDES, 1996, p.163). Com referência na referida pesquisa aos pentecostais, afirma:

“Na categoria ‘*outros pentecostais*’ 18,64%, esconde-se aqui a segmentação capilar do pentecostalismo. Na dinâmica da criação de novos tempos entre 1990/1992, é enorme a diferença em favor dos pentecostais” (FERNANDES, 1996, p.189).

Encontrando cenário semelhante, Maxwell Fajardo (2010), em sua pesquisa na região metropolitana de São Paulo, mais precisamente no Bairro Perus, encontrou cerca de 60 diferentes denominações pentecostais numa população de 70 mil habitantes. Grupos das mais variadas tendências. Mesmo com elementos convergentes com as grandes denominações pentecostais como a IURD e AD, segundo Fajardo (2016) deparamos com igrejas que criam sua própria marca, dosando rupturas e continuidades em relação aos grandes modelos e adaptando de forma *sui generis* à sua realidade local. Eis algumas denominações encontradas pelo autor no referido bairro:

Poder e Maravilhas de Jesus, Colunas da Verdade, Renovação da Fé, Emanuel, Trindade Santa, Eclésia, O Modelo da Armadura de Deus, Missionária O Poder da Oração, Nova Vida em Deus, Nova Aliança, Carro de Fogo, Seara do Senhor, Alicerce de Fogo, O Som das Trombetas, Raiz de Davi, Batista Ser Livre, Família de Deus, Jesus é meu Mestre, Seara do Senhor (FAJARDO, 2016, p. 285).

Outro exemplo paradigmático, segundo Fajardo (2016), da diversificação/fragmentação no campo pentecostal é o caso da AD, com seus 12 milhões de fiéis, segundo o censo de 2010 que estão espalhados numa série de ministérios e convenções independentes, das quais a maior e mais antiga é a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), fundada em 1930 (FREESTON, 1996). Os principais ministérios da AD destacam-se: Belém, Madureira, Perus, Ipiranga, Vitória em Cristo (liderado pelo Pr. Silas Malafaia), dentre outros. Segundo Filho (2016) “Assembleia de Deus” trata-se de uma “marca” onde um

conjunto de igrejas, de forma independente, e até divergentes em alguns aspectos usam. É um nome genérico que nomeia várias igrejas, retratando um alto quadro pulverizado.

Nessa mesma perspectiva Barrera (2010) traz à tona sua pesquisa sobre os pentecostais na periferia da cidade de São Bernardo do Campo em São Paulo, onde o mesmo autor repercute a diversidade pentecostal na periferia desta região: “Nas periferias de São Bernardo do Campo encontramos os mais diversos pentecostanismos – cabe, assim, falar em um pluralismo pentecostal constituído por um leque de opções pentecostais que se oferecem aos indivíduos” (BARRERA, 2010, p.61). E continua sua observação: “as igrejas pentecostais são as mais numerosas e diversas atuando nessas regiões das grandes cidades” (BARRERA, 2010, p.63). E destaca o aspecto do pluralismo pentecostal na favela ao dizer que “há verdadeira diversidade de opções religiosas pentecostais que consideramos constituir um pluralismo religioso. O pluralismo de opções religiosas no bairro que estudamos é basicamente pentecostal” (BARRERA, 2010, p.66).

Diante do exposto, a partir dos censos de 1991, 2000 e 2010 (IBGE), e juntamente com outros dados pesquisados e mencionados acima, fica claro a alta diversificação/fragmentação do segmento pentecostal, bem como sua complexidade. Não se trata de um movimento religioso homogêneo, ao contrário, apresenta divergências doutrinárias, estruturais e pastorais (MARIANO 2013). Razão pelas quais muitos pesquisadores preferem a expressão “*pentecostanismos*”, no plural mesmo.

Para Mariano, os pentecostais continuam avançando, principalmente na base da pirâmide social. Ou seja, nos extratos mais pobres da população. E, sobretudo, nas periferias dos grandes centros urbanos (BARRERA, 2016). Onde a presença do poder do Estado e da igreja Católica é rarefeita. A afirmação de Mariano (2013) se fundamenta nos dados do IBGE, ao revelar que “63,7% dos pentecostais acima de 10 anos ganham até um salário mínimo, 28% recebem entre um e três salários e 42% acima dos 15 anos têm apenas o ensino fundamental incompleto” (MARIANO, 2013, p. 125). Não obstante, há crescente penetração de algumas igrejas pentecostais nas classes média e média alta, como a Renascer, Bola de Neve e Nova Vida.

O que fica evidente até esse momento da pesquisa, é que o segmento pentecostal no Brasil desenvolveu-se, com uma alta diversidade de denominações,

e, por conseguinte, produziu vários pentecostalismos, fruto dessa fragmentação das diversas expressões pentecostais (MARTINS, 2016). Os censos do IBGE, pesquisas de outros institutos e de pesquisadores, apontam para a afirmação condutora dessa pesquisa: alta diversificação/fragmentação do segmento pentecostal, especialmente nas últimas três décadas. No entanto, faz-se necessário saber quais as distinções e particularidades no desenvolvimento dessa diversidade. Por isso, antes de avançarmos na busca de respostas para as razões dessa fragmentação, importa olhar para a história, a fim de percebermos como esse segmento religioso foi se metamorfoseando e se adaptando as novas demandas no campo religioso da sociedade.

#### 1.4. PERIODIZAÇÃO DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

A evolução histórica e classificação do pentecostalismo demonstram sua crescente diversificação interna desde sua implantação em território brasileiro. Intensificada de forma mais visível a partir das décadas de 1980 até este momento. Esse recorte histórico torna mais compreensível como esse segmento religioso é diversificado e fragmentado (MARIANO, 2004). Nesse sentido, reconhecendo esse cenário diversificado e até concorrencial, Bittencourt afirma que

o elo principal entre as diversas correntes pentecostais, acabou por privilegiar a mesma experiência religiosa traduzida em práticas bastante diversificadas e por vezes díspares, em vista de interpretações doutrinárias divergentes e espontâneas (BITTENCOURT, 2003, p. 116).

Para Mariano (2004) desde a chegada do pentecostalismo no Brasil, no início do século XX, foram criadas centenas de igrejas, tornando esse movimento religioso complexo e diversificado. Ainda segundo Mariano, para tornar inteligível sua evolução histórica, bem como sua diversidade interna, vários pesquisadores passaram a organizar o campo religioso pentecostal em três grupos e classificá-los com base em critérios históricos de implantação de igrejas (periodização), distinções teológicas e comportamentais (MARIANO, 2004). É precisamente esse processo de periodização do pentecostalismo, demonstrando sua diversificação e também seus conflitos, que apresentamos a seguir.

Paul Freston na década de 1990, baseado num recorte histórico-temporal classificou o pentecostalismo em “três ondas”, demonstrando o processo de implantação das igrejas, suas distinções comportamentais e teológicas, dando conta

de sua evolução temporal e diversificação. Vários pesquisadores usaram e ainda usam esse “*guarda-chuva*” no estudo do pentecostalismo. Oro (2015), Almeida (2008), Daniel Alves (2012), Campos (2005), Mariano (2008, 2013), Moreira (2015) dentre tantos outros.

Apesar das divergências e pontos em comum usaremos “as tipologias” no sentido de aclarar como o cenário religioso no campo pentecostal se ampliou e se diversificou substancialmente no Brasil nas últimas décadas. Mariano (1999, 2014) por sua vez, apresentou uma tipologia de classificação do pentecostalismo em três categorias: *clássico*, *deuteropentecostalismo* e *neopentecostalismo*. Retomando assim a posição de vários pesquisadores (Freston, Bittencourt, Mendonça, Brandão, Oro), divergindo em alguns pontos e agregando sua perspectiva.

A “*primeira onda*” (FRESTON, 1994) ou pentecostalismo clássico (BITTENCOURT, 2003; MARIANO, 2014) compreende as igrejas pentecostais pioneiras: Congregação Cristã no Brasil - CCB (1910) e Assembleia de Deus - AD(1911). Temporalmente vai de 1910 a 1940. Esse período segundo Mariano (2004) se caracteriza pelo anticatolicismo, pelo radicalismo sectário e pelo ascetismo de rejeição do mundo. Ainda segundo Mariano e Moreira (2015) a identidade pentecostal desse período ficou marcada durante muito tempo pelo ascetismo, sectarismo e anticatolicismo; pela ética da negação do mundo, pelo rigorismo nos costumes e pelo apoliticismo; pela ênfase no dom de línguas (glossolalia), pela crença na intervenção divina e pela expectativa apocalíptica. Identidade esta que foi se construindo numa sociedade majoritariamente rural, de ampla maioria católica, e nada simpática ao pluralismo. Nesse ambiente o pentecostalismo *pari passu* foi se expandindo para todo país (MARIANO E MOREIRA, 2015).

A “*segunda onda*” (FRESTON,1994), *deuteropentecostalismo* (MARIANO, 1999, 2014) compreende o período de 1950 a meados de 1970, não obteve consenso acadêmico para sua nomenclatura. Essa fase do movimento pentecostal foi marcada pela pluralização denominacional, iniciada por missionários norte-americanos, numa “cruzada de evangelização”, que resultou na fundação em 1953, em São Paulo, da Igreja do Evangelho Quadrangular - IEQ. Seguida por outras: Brasil Para Cristo (1955, SP), Deus é Amor (1969, SP), Casa da Benção (1964, MG). E outras de menor densidade (MARIANO E MOREIRA, 2015).

As Características que marcam as igrejas pentecostais desse período, segundo Mariano (2004), são: evangelismo com ênfase na cura divina, forte

proselitismo, com intenso uso do rádio e pela pregação itinerante com uso de tendas de lona em praças públicas. Esse período é marcado também pelo ingresso pentecostal na política partidária brasileira (FREESTON, 1994). Cabe ressaltar que todas essas igrejas do mencionado período apresentam maior autonomia administrativa em relação à intervenção de lideranças estrangeiras, no caso dos Estados Unidos, onde nasceu o pentecostalismo, pois são dirigidas por pastores brasileiros (MARIANO E MOREIRA, 2015).

O pentecostalismo tornou-se uma religião de massas no Brasil e marcadamente experimentou rápida expansão e diversificação. Mas, sobretudo, marca o início da apropriação das mídias modernas, especialmente o rádio, para divulgar sua mensagem evangelística e ênfase na cura divina. “A ênfase teológica no dom da cura divina, a partir dos anos 50 foi crucial para a aceleração do crescimento e diversificação institucional do pentecostalismo brasileiro” (MARIANO, 2014, p.31). Um cenário que até então, marcado pelo predomínio das igrejas AD e CCB na “primeira onda”, experimenta agora uma ampla diversificação.

A “terceira onda” (FREESTON, 1994) caracteriza-se pelo *pentecostalismo autônomo* (BITTENCOURT, 2003) e *neopentecostalismo* (MARIANO, 2014), Pós-pentecostalismo (SIERPIERSKI, 1997) e *Neopentecostalismo tardio* (MOREIRA, 2018), iniciando uma nova etapa do pentecostalismo no Brasil. Marcada pela criação da Igreja Universal do Reino de Deus - IRUD em 1977, por Edir Macedo, da Igreja Internacional da Graça de Deus - IIGD (1980, RJ), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, GO), Renascer em Cristo (1986, SP), dentre outras de menor densidade numérica (MARIANO, 2004), e mais recente, com grande poder midiático, a Igreja Mundial do Poder de Deus – IMPD, do ex-bispo da IURD, Valdemiro Santiago. Além das centenas de denominações criadas, principalmente da década de 1990 até agora, nas periferias urbanas das grandes e medias cidades.

O contexto nesse período é de aumento da industrialização, urbanização, êxodo rural e modernização dos meios de comunicação (FREESTON, 1994). As novas igrejas pentecostais se adaptaram bem a essa nova realidade social, política e econômica. O pentecostalismo que emerge a partir desse período, é o que mais cresce e se diversifica atualmente.

Essa corrente pentecostal, que Freston chamou de “terceira onda” e Mariano “neopentecostal”, termo já amplamente aceito no meio acadêmico e na sociedade de modo geral, demarca um corte histórico-institucional na formação do

pentecostalismo brasileiro. Caracterizado por enfatizar a guerra espiritual contra o diabo, uso da Teologia da prosperidade<sup>7</sup> e liberalização dos estereótipos usos de costumes e santidade (MARIANO, 2014). Introduziram a gestão das igrejas em moldes empresariais (ORO, 2015). Investiram no tele-evangelismo, no *marketing* religioso com intenso uso dos meios de comunicação (TV, rádio, *internet*) para divulgar seus conteúdos evangelísticos, ampliado nas últimas duas décadas (CAMPOS, 2005).

Para Mariano (2014) a ruptura com o tradicional sectarismo e ascetismo, que marcaram a “primeira onda”, constitui a principal distinção do pentecostalismo desse período. A ponto de cravar a seguinte afirmação: “o neopentecostalismo constitui a primeira vertente pentecostal de afirmação do mundo” (MARIANO, 2014, p.36). Ademais, inauguram um tipo de espetacularização dos cultos, com oferta especializada de serviços mágico-religiosos, de cunho terapêutico e taumatúrgico, centrados nas promessas de cura divina (física e emocional), prosperidade material e solução dos problemas físicos e emocionais (MARIANO, 2004). São marcadas pelo tripé: cura, exorcismos e prosperidade (BITTENCOURT, 1996; PICOLOTTO, 2012). Este período com essas novas configurações apontadas acima, marca distinções, rupturas, bem como continuidades como o período precedente, como veremos no capítulo III desta pesquisa.

#### 1.4.1 Diversidade e Conflitos Internos do Pentecostalismo no Brasil

O neopentecostalismo é a vertente pentecostal que mais cresceu nas últimas três décadas no Brasil. Tendo na IURD a principal vitrine e carro chefe desse novo jeito de ser pentecostal. As igrejas pentecostais aumentaram substancialmente a ocupação do espaço na TV, seja como proprietária, seja difundindo seus programas de tele-evangelismo. Bem como nas mídias mais modernas de comunicação proporcionadas pela internet como as redes sociais, *blogs*, *sites*, *yotube*, *twitter*, e ainda através da música *gospel*.

---

<sup>7</sup> Para Mariano (2014) essa Teologia promove e opera forte inversão no sistema de valores do pentecostalismo. Faz isso ao enfatizar quase que exclusivamente o retorno da fé nesta vida, pouco se fala da mais valiosa promessa cristã, enfatizada no pentecostalismo clássico, a saber: a redenção após a morte. Valoriza a fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos. Em vez de glorificar o sofrimento, enaltece o bem-estar do cristão neste mundo. Subverte frontalmente o velho ascetismo pentecostal. (para melhor visão sobre a Teologia da Prosperidade ver: R. Mariano. *Neopentecostais – sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, 2014, p. 147-186).

O fato notório e amplamente debatido por especialistas é que atualmente o pentecostalismo brasileiro é formado por uma centena de igrejas, de todas as “ondas”, que as atuais tipologias e classificações não dão conta de abarcar a alta diversificação desse segmento religioso (ALVES, 2012).

No entanto, cabe a observação feita por Mariano e Moreira (2015) a respeito das discussões desse cenário atual das igrejas pentecostais e possíveis novas classificações<sup>8</sup>: “a diversificação interna do pentecostalismo, em diversos âmbitos, assumiu tal envergadura e complexidade que as classificações vigentes carecem de atualização, revisão e complementariedade” (MARIANO e MOREIRA, 2015, p.51).

Nesse sentido se torna pertinente o que defende Alves (2012) ao afirmar que as tipologias existentes não dão conta da imensa quantidade de igrejas pentecostais surgidas nas últimas décadas, especialmente do ano 2000 pra cá. São pequenas e médias igrejas, que se estabeleceram principalmente nas periferias das grandes cidades (BARRERA, 2016). E chama atenção para essa fragmentação ao afirmar que:

Quanto mais pentecostalismo, mais diversidade. [...] Os evangélicos em geral, e os pentecostais em particular, crescem diversificando-se. Os pentecostais, os mais dinâmicos entre os evangélicos são os que mais se diversificam. E as grandes denominações pentecostais, especialmente a AD, chegam ao século XXI fragmentadas em uma infinidade de grupos ou ministérios. Também mostram forte concorrência por territórios e seguidores (BARRERA, 2016, p.7).

Nas últimas três décadas a sociedade brasileira vem crescendo e passando por constantes transformações sociais, culturais e econômicas. E o segmento pentecostal tem acompanhado e se adaptado a esse cenário. No ambiente urbano e especialmente na periferia (BARRERA, 2016) tem surgido novas tendências pentecostais. Igrejas que se especializam para atender diferentes nichos da sociedade. Os pesquisadores Mariano e Moreira (2015) sintetizam bem esse cenário:

O movimento pentecostal formou grande quantidade de novas denominações, passou por acelerado processo de diversificação interna, de especialização e adaptação a novos estratos sociais e novos públicos, de recrudescimento da competição interna e de transnacionalização. Formou-

---

<sup>8</sup> Uma nova proposta de classificação do pentecostalismo contemporâneo é feita por Paulo Siepierski (1997). O autor apresenta suas observações sobre os “novos pentecostalismos”, que surgiram nesse período sobre o qual debruça nossa pesquisa, ou seja, nas últimas três décadas, e o denomina de “Pós-pentecostalismo”. Isso porque, segundo ele, as novas ênfases de igrejas como IURD, IIGD e Renascer, representam uma ruptura com o período antecedente a essas igrejas, e, portanto, faz necessário designar de pós-pentecostalismo, por se tratar de um “outro pentecostalismo”. Esse novo pentecostalismo se afasta do período clássico, basicamente pelo uso da Teologia da prosperidade e o conceito de guerra espiritual (SIEPIERSKI, 1997).

se novas igrejas para atender os estratos mais pobres, como a Igreja Mundial do Poder de Deus – IMPD; Denominações para atender a classe média, como a Renascer em Cristo, Fonte da Vida e Sara Nossa Terra; “igrejas inclusivas”, que abrigam LGBTs, como Cristã Contemporânea; organizaram-se ainda denominações e entidades para-eclesiais que evangelizam a juventude e reúnem atletas e praticantes de esporte, como a Igreja Bola de Neve, os Atletas de Cristo, Surfistas de Cristo; [...] mais inusitado aparecimento de grupos de traficantes evangélicos em favelas do Rio de Janeiro (MARIANO e MOREIRA, 2015, p. 53).

Fajardo (2016) justifica essa alta diversificação argumentando que desde a reforma protestante no século XVI, as igrejas reivindicavam o livre exame das Escrituras a todos os fiéis, no caso dos pentecostais agrega-se a ideia de que os dons carismáticos do Espírito Santo também estão disponíveis a todos. Nesse sentido, que

o livre exame das Escrituras o protestantismo abre a possibilidade de criação de diferentes denominações cada qual com suas especificidades nas interpretações dos textos bíblicos, no caso pentecostal a multiplicidade de denominações é ainda maior, já que, sob a justificativa da livre atuação do Espírito Santo, novas igrejas são criadas (FAJARDO, 2016, p.279).

De tal modo que, especialmente nas regiões urbanas periféricas das grandes metrópoles é notório o cenário descrito por Alves:

a tendência à fragmentação, ao cisma, ou a mencionadas metáforas econômicas, o aumento na *oferta de bens de salvação* intensificou-se nestes últimos trinta anos no campo pentecostal. De tal forma que, em alguns bairros suburbanos das cidades brasileiras, pode-se chegar à contar, por vezes, de mais de uma dezena de organizações religiosas pentecostais presentes, entre igrejas de todas as ondas, das mais antigas às mais novas. E ainda haverá aquelas igrejas novas das quais ninguém terá ouvido falar para além do bairro. Estruturam-se em torno de líderes carismáticos, formados em sua origem em denominações consolidadas ou comunidades carismáticas e que, agora, constroem sua própria organização (ALVES, 2012, p.291).

Por outro lado o pentecostalismo tem deixado de ser religião somente das massas mais pobres, para agregar o segmento da classe média e média alta. Como apontou Passos (2012), na sua tese de doutoramento pela PUC-GO, bem como o pesquisador Almeida (2012). No entanto, a questão fundamental que se coloca, nessa pesquisa, em relação a esse segmento religioso, é sua alta diversificação/fragmentação, que se intensificou nestes últimos trinta anos.

O pentecostalismo brasileiro apresenta-se com esse paradoxo: ao mesmo tempo em que se expandiu também se diversificou em centenas de denominações, com elementos de continuidades e rupturas (ALMEIDA, 2012), mas também com divergências e concorrência na busca desenfreada por mais fiéis e poder

(PIERUCCI, 2008). A ponto de falarmos hoje em *pentecostalismos*, no plural mesmo (MARIANO, 2008). A grande miríade de denominações pentecostais, surgidas principalmente nos últimos trinta anos, de todas as *ondas* e com novas roupagens, se tornou bastante complexa, diversa e dinâmica que dificilmente pode ser resumida na tipologia Neopentecostais (MOREIRA, 2018).

É nesse sentido que muitos pesquisadores defendem novas tipologias: “*quarta onda*” (Passos), *brotopentecostalismo* (Flores Filho), *pós-pentecostalismo* (Siepierski), *neopentecostalismo tardio* (MOREIRA, 2018), para descrever os últimos desenvolvimentos no pentecostalismo brasileiro (MOREIRA, 2018). Alguns elementos se destacam segundo Moreira (2018), para as novas formas de diversidade do pentecostalismo brasileiro:

- a) O pentecostalismo no Brasil, e em vários países da América Latina, se diferencia de acordo com o meio socioeconômico, cultural e geográfico nas periferias dos grandes centros urbanos (BARRERA, 2016);
- b) Milhares de novas denominações pentecostais surgiram em grandes periferias urbanas nas últimas décadas. Surgem e desaparecem, são fechadas e abertas novamente com outro nome, revelando a face dinâmica do pentecostalismo;
- c) O direito de escolha religiosa presente nas periferias; onde os benefícios são negados; pode ser visto como expressão de cidadania da população marginalizada.
- d) Não há correlação direta ou imediata entre pentecostalismo e pobreza (MARIANO E MOREIRA, 2015);
- e) Diversificação também significa especialização: há igrejas pentecostais especializadas e disponíveis para todas as idades, preferências, classes sociais, orientação sexual, atletas, público praiano, empresários, desempregados, fazendeiros, servidor publico. Com música gospel dos mais variados estilos. Noutras palavras, igrejas pentecostais que se especializaram em atender e satisfazer as necessidades de diversos grupos sociais;
- f) O Pentecostalismo fincou raízes e se tornou popular no Brasil. E também absorveu a cultura industrial, vendendo todos os tipos de produtos religiosos, caracterizando-se como “pentecostalismo mercadológico” (FLORES, 2016).
- g) Processo de “estetização da religião”, sendo que os pentecostais se destacam nesse aspecto (MARIANO E MOREIRA, 2015).

Por que ocorre a fragmentação pentecostal? Que consequências implicam no cenário religioso? Quais correntes sociológicas ou teorias são usadas como “guarda-

chuva” que melhor nos ajuda a compreender esse fenômeno? É o que propomos trabalhar no próximo capítulo. Sem presunção de apresentar respostas prontas e acabadas, mas contribuir com à academia na compreensão desse fenômeno religioso que mais cresce e diversifica no Brasil.

## 2 AS RAZÕES DA DIVERSIFICAÇÃO DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL

### 2.1 AS DIFERENTES TEORIAS DA DIVERSIFICAÇÃO RELIGIOSA

Segundo Mariano e Moreira (2015) existem diversas abordagens para explicar a expansão e diversificação/fragmentação denominacional do pentecostalismo. No entanto, é importante registrar que não se trata de uma linha reta esse crescimento pentecostal e sua alta diversificação<sup>9</sup>. Porém, seguimos Barrera (2016), quando afirma existir uma íntima relação entre crescimento pentecostal e sua diversificação, tendo em vista que o movimento pentecostal, desde sua origem, foi se diversificando ao longo da história. Com efeito, argumenta Barrera:

O pentecostalismo na América Latina apresentou grande crescimento nas últimas décadas do século XX. Trata-se de um crescimento que implica simultaneamente em diversidade e até em fragmentação. [...] Os pentecostais, os mais dinâmicos entre os evangélicos, em particular crescem diversificando-se. Exemplo disso é a Assembleia de Deus, maior denominação pentecostal, fragmentada em uma infinidade de grupos ou ministérios (BARRERA, 2016, p.7).

Especialmente nos últimos 40 anos no Brasil, o pentecostalismo na medida em que ia crescendo, foi também se diversificando em centenas de igrejas, especialmente nas periferias das grandes cidades (BARRERA, 2016). Nesse sentido, fazemos aqui uma correlação entre crescimento pentecostal e sua alta fragmentação denominacional. Importa saber, que explicações, ou razões plausíveis existem para esse fenômeno.

Há uma perspectiva que privilegia os aspectos da demanda religiosa por parte dos fiéis, os fatores socioeconômicos e culturais externos ao campo religioso e os processos de mudança social. É a *abordagem funcionalista*. Outra abordagem focaliza os fatores internos ou endógenos do campo religioso, parte de uma perspectiva da oferta religiosa, das crenças, e das estratégias proselitistas das organizações religiosas. Uma dessas abordagens é a chamada Teoria da Escolha

---

<sup>9</sup> Em artigo publicado em 2008, Mariano destaca os principais fatores da expansão pentecostal no Brasil, a saber: Concentração do poder eclesiástico, a gestão empresarial das igrejas, eficácia proselitista do evangelismo eletrônico, a formação acelerada de pastores, continuidade com a religiosidade popular e oferta sistemática de serviços mágico-religiosos. Esses fatores no nosso entender, além de contribuir para promover o crescimento denominacional no campo pentecostal, promovem também fragmentação denominacional, através de um processo dinâmico de diversificação interna.

Racional (TER) ou das *economias religiosas*, que tem como expoentes os norte-americanos, Stark, Fink e Iannaccone (MARIANO E MOREIRA, 2015).

Similar à abordagem das *economias religiosas*, uma terceira perspectiva é a que foca na análise das atitudes de empreendedorismo dos pastores/as dessas igrejas e as consequências para o mercado religioso, no que tange ao crescimento e diversificação, especialmente nas periferias dos grandes centros urbanos, defendida por vários autores, como Vitor Correa, Frigerio, Stark, dentre outros.

### 2.1.1 Teoria Funcionalista: a Perspectiva da Demanda dos Fiéis

A *teoria funcionalista*, segundo Mariano (2011), nas décadas de 1960 e 1970, inspira os trabalhos dos sociólogos Christian L. d'Épinay, Emilio Willems, Cândido Procópio F. de Carmargo e Beatriz Muniz de Souza. Esses autores interpretam o fluxo migratório do campo pra cidade e a rápida modernização como processo que favoreceu o sucesso do pentecostalismo no Brasil. Noutras palavras, estabelecem uma relação entre as mudanças socioculturais, modernização econômica e expansão pentecostal. O processo de industrialização, urbanização e migração do campo para as cidades, provocaram uma situação de “*anomia*” em grande parte desse contingente de migrantes, em especial, os mais pobres (MARIANO, 2011). As escolhas religiosas por parte dessa população estariam influenciadas por esse processo. Nesse sentido, segundo Mariano (2011),

o pentecostalismo aparece, acima de tudo, como uma *resposta* a problemas macroestruturais derivados das transições rural-urbano, tradicional-moderno. Resposta à anomia, por recriar modalidades de contato primário preexistentes na sociedade tradicional, firmar laços de solidariedade entre os irmãos de fé, incentivar o auxílio mútuo nos planos material e espiritual, reorientar sua conduta, seus valores e sua visão de mundo (MARIANO, 2011, p.13).

Ainda segundo Mariano (2011), os defensores dessa perspectiva justificam a rápida expansão das igrejas pentecostais à sua capacidade de suprir certas necessidades, aspirações das pessoas desfavorecidas, desenraizadas dos seus modos de vida rural e adaptá-los às novas mudanças socioculturais. Fornecendo novas comunidades, disciplina, segurança psicológica e econômica, afinidade emocional e identidade social. Valores necessários para adequação à nova vida nos centros urbanos, especialmente nas periferias. Justificando a expansão pentecostal, Camargo, já na década de 70, afirma que o pentecostalismo

constitui resposta à situação de *anomia* e privação para segmentos populacionais desenraizados de formas tradicionais de organização econômica e social. Propicia uma reorientação da conduta, em termos sacrais, dos que se encontram despreparados para participar de modo efetivo na sociedade urbano-industrial e desempenha funções de integração social e de natureza terapêutica (CAMARGO *apud* MARIANO, 2011, p.16).

Em síntese, a perspectiva funcionalista ao analisar a expansão pentecostal, conforme Mariano aponta que

os problemas sociais causados pela modernização econômica e pelas transformações socioculturais favorecem e estimulam a expansão das igrejas pentecostais. Estas constituem, sobretudo, respostas, atuando basicamente como mecanismos de integração dos contingentes populacionais vitimados por tais processos. A modernização da sociedade cria determinadas demandas sociais (de sentido, de identidade, de segurança psicológica e emocional), que são supridas pelo pentecostalismo, impulsionando seu crescimento. Tal perspectiva prioriza, assim, um tipo de explicação que trata a expansão pentecostal como variável dependente, como estando a reboque de fenômenos exteriores (MARIANO, 2011, p. 17).

A partir da reflexão dos que defendem essa perspectiva, a ampla fragmentação/diversificação do movimento pentecostal ocorre em função de fatores socioculturais e econômicos “externos”, ou seja, o foco recai mais na análise dos fiéis/clientes que buscam nas igrejas respostas às suas demandas humanas e de fé. Há mais igrejas pentecostais, porque tem mais demanda por parte dos fiéis/clientes. Nesse sentido que para Moreira (2018) essa diversificação é movida pela necessidade e pela intenção de atender a segmentos especiais da população, novos públicos em potencial. Daí a razão de surgir uma miríade de igrejas para atender os diversos grupos sociais, com suas demandas e necessidades. No entanto, vários autores fazem ponderações em relação a essa perspectiva. É o que veremos a seguir.

### 2.1.2 Possíveis Críticas à Perspectiva Funcionalista

Segundo Mariano (2011) vários pesquisadores apresentaram, desde a década de 1970, várias críticas à perspectiva funcionalista, em sua análise do pentecostalismo. A seguir elencamos algumas delas:

a) Mariano (2011) apresenta a crítica de Rubem César Fernandes, este argumenta que a perspectiva funcionalista não demonstra com dados, a tese de que as religiões populares em expansão eram compostas, sobretudo de migrantes. Enfatiza a existência de estratificações e redes de poder bem formadas no interior

das favelas, em oposição ao pressuposto da *anomia* do migrante. Questiona a aceitação acrítica de equação catolicismo=tradição, propriedade senhorial, patriarcalismo, sacralização da sociedade e protestantismo=modernidade, capitalismo, democracia, secularização (MARIANO, 2011).

b) Na mesma linha crítica, Rubem Alves, segundo Mariano (2011), argumenta que a abordagem funcionalista só vê *anomia* e *regressão* fora da integração funcional na esfera desenvolvida. As religiões populares como o pentecostalismo e a umbanda não podem ser interpretadas como meros mecanismos de integração do rural ao urbano. As “*seitas*” pentecostais são mecanismos ideológicos de dominação, empresas de cura divina e administradas segundo normas empresariais da organização capitalista (MARIANO, 2011).

c) Outro crítico da perspectiva funcionalista é Francisco C. Rolim, em “*Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*”. Rolim defende segundo Mariano (2011), que o pentecostalismo constitui *resposta* aos interesses de classe das *camadas pobres*. Para Mariano *apud* Rolim (2011) o ingresso dos mais pobres no segmento pentecostal é em consequência das mazelas de sua exclusão social, causada pelo capitalismo. Segundo Mariano (2011), Rolim comunga com a perspectiva funcionalista, na ideia de que o crescimento pentecostal é favorecido pelo contexto socioeconômico, que acarreta marginalidade social e econômica. Nesse caso, o pentecostalismo, se apresenta como “resposta” para os problemas sociais e individuais (MARIANO, 2011). No entanto, Mariano *apud* Rolim (2011) afirma que:

sua noção de pobreza apresenta uma conotação política e denota a possibilidade de superação das injustiças e desigualdades sociais neste mundo pela via religiosa. Ao passo que noção de *anomia* remete para a possibilidade de o converso encontrar solução individual ou refugio religioso para lidar com seus problemas de sentido, anomia e privação social (MARIANO *apud* ROLIM 2011, p.20).

Igualmente, Mariano *apud* Rolim (2011) questiona até que ponto a imagem do migrante apregoada pelos defensores da perspectiva funcionalista é real. Qual seja que o migrante ao colocar os pés nos grandes centros urbanos, vindo da zona rural, depara com maneiras novas de agir, diante das quais se encontra despreparado. E pondera: “Antes de alcançar os grandes centros, não teria muitos deles (os migrantes) passado por alguma experiência de vida cidadina, quando moraram ou trabalharam em cidades de pequeno porte?” (ROLIM, 1985, p.121).

Neste ambiente desorientador para o migrante, conforme os defensores da

perspectiva funcionalista, o pentecostalismo emergiu como “resposta” a sua situação de “*anomia*”, de apoio e de reconhecimento. Ora, Rolim, apresenta três ponderações em relação essa visão:

i) Mais do que libertação de controles sociais, destaque-se a libertação dos controles religiosos. Sendo a grande maioria dos adeptos do pentecostalismo de origem católica, tais controles são de caráter institucional ou eclesiástico; isto é, as igrejas pentecostais, encontraram ambiente favorável no catolicismo para pescarem seus fiéis, pois aí depararam “com uma religiosidade disponível à espera de anunciadores capazes de atrair” (ROLIM, 1985, p.122);

ii) A perda de ambos os controles, social e eclesiástico são insuficientes para dar conta de um problema específico – a entrada para um grupo pentecostal. Ainda permanece uma situação de indeterminação, insuficiente para caracterizar a determinação ou escolha por um grupo específico, de acordo com Rolim. Ou ainda, acrescentaríamos, por que determinado grupo cresce, enquanto outros declinam, ou até fecham as portas (MARIANO, 2013). Em uma possível tentativa de resposta, Rolim (1985) já apontara a necessidade de levar em conta os agentes portadores da mensagem, bem como, os seus receptores ou destinatários, no caso aqui, as camadas mais pobres;

iii) A postura teórica expressa na adoção do conceito de anomia é fundamentalmente funcionalista, o que para Rolim (1985) amarra a explicação ao redor da noção de função, ou seja, ajusta os crentes à sociedade urbana, o que implica uma visão externa. Noutras palavras, a religião pentecostal é visualizada a partir da sociedade em transformação. Isso, no entanto, não nos leva a perceber por que o pentecostalismo penetrou nas camadas pobres. Ademais, assevera Rolim:

Não se pode negar que a implantação do pentecostalismo, seus primeiros passos, a fundação de suas primeiras igrejas em São Paulo, no Norte e Nordeste, vincularam-se a um contexto social e politicamente caracterizado por conflitos de classes, dos quais as camadas populares urbanas faziam parte como personagem novo a emergir no cenário brasileiro em busca de sua identidade de classe. O crescimento pentecostal envolve eficácia de um trabalho religioso apresentado e resposta a essa mensagem. A produção dessa mensagem respondeu satisfatoriamente às demandas e interesses religiosos dos que lhe deram adesão, interesses das camadas pobres (ROLIM, 1985, p.129).

Para Mariano (2011), Rolim ao falar dos fatores da expansão pentecostal, enfatiza mais o aspecto político e econômico, como a dominação de classes, a opressão social e a pobreza. Apesar das diferentes posturas, há certo consenso

entre os pesquisadores de que o pentecostalismo cresceu e se aportou mais nas periferias das grandes cidades entre os mais pobres, ou seja, na base da pirâmide social. No entanto, adverte Mariano (2011), a pobreza e privação social por si só não explicam a expansão e diversificação pentecostal. Com efeito,

elas não criam nem expandem a necessidade de as pessoas aderirem especificamente ao pentecostalismo. Este não pode ser interpretado como mera 'resposta' a fenômenos socioculturais, econômicos etc. [...] Cabe investigar por que esse movimento religioso é mais eficiente que seus concorrentes no recrutamento dos estratos mais pobres. Que estratégias emprega para atraí-los, recrutá-los, mobilizá-los e cativá-los (MARIANO, 2011, p.23).

A partir do exposto até aqui, constatamos que somente a perspectiva *funcionalista*, em si só, não explica a alta expansão e nem a diversificação/fragmentação pentecostal. Contudo aponta fatores importantes que devemos levar em conta na análise desse fenômeno religioso, qual seja, o aspecto da demanda por religião, ou seja, os fiéis e seu contexto sociocultural e econômico, já apontado por Mariano (2011) e Moreira (2018). O legado dessa perspectiva é ter voltado o olhar para o fiel/consumidor de religião. Procurando entender suas demandas e necessidades.

Os pentecostais, mais que qualquer outro segmento religioso, tem alcançado sucesso, em parte, por conseguir dar respostas às essas demandas. A tese do secularismo não se concretizou. A religião não morreu! As pessoas estão buscando a religião como nunca (ORO, 2011). No entanto, convêm avançar em outras teorias explicativas que nos ajudam a compreender esse segmento religioso que mais cresce no Brasil e na América Latina, mas também, o que mais se diversifica (BARRERA, 2016).

### 2.2.2 Teoria da Escolha Racional (TER): Perspectiva da Oferta das Igrejas

A Teoria da Escolha Racional (TER) da religião, segundo Mariano (2008 e 2011), criada na década de 1980 nos Estados Unidos, pelos sociólogos Rodney Stark, Roger Fink e pelo economista Laurence Lannaccone, tornou-se importante *chave* de análise para a compreensão da dinâmica do campo religioso, especialmente do crescimento institucional de grupos religiosos. A referida teoria foi elevada, por seus criadores, a condição de “*novo paradigma*” para o estudo da religião. Opõe-se à perspectiva funcionalista que atribui o crescimento pentecostal

às mudanças macroestruturais da sociedade. A TER prioriza a investigação da oferta religiosa e de sua maior ou menor regulação pelo Estado (MARIANO, 2011). Parte do pressuposto da racionalidade para compreender o comportamento humano, em suas várias dimensões da vida; seja econômica, social ou religiosa. “Originalmente foi utilizada nas ciências econômicas, na perspectiva de que, em situações de múltipla escolha, as pessoas optam por estratégias que maximizam seus resultados” (MEIRELES, 2012, p.53).

Segundo Barrera (2009) os pressupostos básicos da TER são os seguintes: as pessoas escolhem religião como escolhem outras coisas e mercadorias de que necessitam, e fazem isso visando maximizar os ganhos e reduzir as perdas. As pessoas no uso de sua razão estão à procura, entre outras coisas, de satisfação religiosa. Em contrapartida existe um mercado religioso, extremamente competitivo e desregulado, ou seja, sem intervenção do Estado, que apresenta inúmeras ofertas religiosas, permitindo aos fiéis fazerem suas escolhas. A consequência mais provável num ambiente desses é que, as práticas religiosas aumentem, pois o leque de ofertas religiosas é maior (BARRERA, 2009).

Segundo essa teoria, em suas ações as pessoas buscam rapidamente “maximizar as compensações e diminuir custos” (FRIGERIO, 2008, p.20). Para Frigerio o fator importante que se deve sublinhar nessa teoria é a escolha, pois

a ideia de um indivíduo que avalia, de acordo com os pressupostos de sua cosmovisão, conforme suas ‘boas razões’, segue parecendo-me um dos elementos mais atraentes da teoria, resgatando a agência individual em contraposição à visão sobre-socializada das pessoas que costumamos ter na América Latina (FRIGERIO, 2008, p.20).

Frigerio (2008) destaca ainda que os indivíduos nas suas escolhas religiosas; buscando sempre maximizar seus benefícios; o fazem não de uma única vez, mas várias ao longo de sua vida religiosa, de acordo com os incentivos que vão recebendo na relação com o grupo ou grupos que participam. Para tanto, enfatiza o conceito de “*economias religiosas*” como *novo paradigma* para compreender a relação mercado - religião - modernidade. Para Frigerio (2008) esse termo é mais abrangente do que “mercado religioso”, com elementos que excedem o mercado. Stark (2004) apresenta o conceito mais atualizado do *novo paradigma* norte-americano:

Uma *economia religiosa* consiste na totalidade de atividade religiosa em andamento em qualquer sociedade. Incluem um mercado de seguidores (demanda) atuais e potenciais; um conjunto de organizações-firmas

(provedores) que procuram atender ao mercado e as doutrinas e práticas (produtos) oferecidas pelas diversas organizações (STARK, 2004, p.18).

Stark (2004) enfatiza que essa linguagem mercadológica trazida para a análise da religião, na explanação do novo paradigma, não tem cunho de ofender “coisas consideradas sagradas”, mas “habilitar a trazer *insights* básicos da economia para ajudar e explicar os fenômenos religiosos” (STARK, 2004, p.19). O mercado religioso, compreendendo seus seguidores atuais e futuros, é formado por diferentes segmentos sociais, cada um com suas preferências, gostos e necessidades. Segundo Frigerio (2008) esse é o pressuposto básico desse modelo teórico, qual seja o reconhecimento da existência da diversidade social. Por isso que “o estado natural de uma economia religiosa é o pluralismo” (FRIGERIO, 2008 p.23).

Convém mencionar, que numa *economia religiosa*, na visão dos autores norte-americanos, é o aspecto da *oferta religiosa* que deve ser destacado. “Ao invés de tentar explicar porque a modernidade deveria causar uma inevitável queda na demanda por religião (tese da secularização), o novo paradigma tenta explicar as variações religiosas existentes privilegiando o lado da *oferta* da religião” (MOREIRA, 2008 p.134).

Destacamos também que o mais importante numa economia religiosa, segundo o novo paradigma é a “desregulação estatal”. Significa que nesta concepção o “mercado de bens simbólicos” deve ser livre, seguindo a leis da economia liberal e, portanto, sem regulação estatal. Na medida em que há monopólio de uma firma religiosa, esta exercerá influência sobre as demais e levará a uma sacralização da sociedade. Em contrapartida, com a desregulação estatal, aumenta a diferenciação interna, e, por conseguinte, instala-se o pluralismo religioso (MOREIRA, 2008).

Os defensores da TER, segundo Mariano (2011), defendem a ideia de que a *desregulação estatal* da religião favorece a expansão do pluralismo religioso e aumenta a mobilidade religiosa dos agentes e das instituições, conseqüentemente, aumentando a participação religiosa dos fiéis. Com efeito, argumenta Mariano,

A desregulação estatal da religião e, sobretudo, o fim de monopólios religiosos sustentados pelo Estado asseguram liberdade e tolerância religiosas e possibilitam a emergência de novos grupos religiosos e novas religiões concorrentes. Num contexto de pluralismo religioso, os diferentes grupos religiosos se vêem compelidos a disputar mercado para sobreviver e crescer diante da concorrência, acirrando assim, a competição, estimulando o ativismo e eficiência proselitista de seus dirigentes, diversificando e ampliando o volume da oferta de bens e serviços religiosos e ajustando a

diferentes públicos e clientela, criando novos nichos de mercado (MARIANO, 2011, p. 29).

O mercado religioso brasileiro é plural, num ambiente de liberdade e extremamente competitivo. Segundo Pierucci (2013) é um cenário bastante efervescente: “Reina hoje no Brasil um regime bastante desregulado de livre concorrência entre as mais diferentes formas de expressão religiosa e empreendimento religioso [...] a coisa por aqui anda mesmo muito efervescente” (PIERUCCI, 2013, p.53).

Ainda para Pierucci os “empreendedores religiosos” estão sempre numa constante “disputa” por mais “consumidores”, nesse caso, os fiéis. “O Brasil de hoje se mostra religiosamente movimentado [...] mais atizado em matéria de religião. Não por conta dos fiéis, mas devido a intensa mobilização dos agentes do mercado religioso” (PIERUCCI, 2013, p. 55). E conclui: “é, pois, dos vendedores de religião e não dos consumidores que provém a efervescência”. Nesse contexto, para Pierucci tem se “esmerado” o pentecostalismo brasileiro. Mas não só, as outras religiões também buscam “vender seu peixe”. Pierucci usa as categorias da Teoria da Escolha Racional para analisar a economia religiosa brasileira, na qual também se insere o pentecostalismo.

Para Mariano (2008) o cenário da economia religiosa brasileira, “constitui excelente campo de aplicação da TER da religião”, especialmente na sua vertente pentecostal.

Pois, do lado da oferta, diversas igrejas pentecostais apresentam ampla disposição para enfrentar a concorrência, competir por mercado, fazer proselitismo, criar novas demandas, exigir compromisso exclusivo dos adeptos, adotar técnicas publicitárias, estratégias de marketing e método e organização empresarial (MARIANO, 2008, p. 61).

Por outro lado; o da demanda; verifica-se, segundo Mariano, “uma racionalidade instrumental fomentada pela oferta de serviços mágicos e por promessas de benefícios materiais e espirituais baseadas em relações de reciprocidade e de troca” (MARIANO, 2008, p.61). Portanto há uma escolha racional por esta ou aquela religião – lado da demanda – porque há uma intensa oferta racional no mercado religioso. “Do lado da *demanda*, considera a atividade religiosa como fruto de uma escolha racional dos indivíduos – que avaliam custos e benefícios e intentam maximizar seus benefícios” (FRIGERIO, 2008, p.33).

Aplicando a mesma perspectiva, segundo Frigerio, em relação a *oferta*, os grupos religiosos buscam “maximizar” resultados. Mas será que a religião se reduz a

isso? Indaga Moreira (2008). Ora, na escolha que o indivíduo faz por uma determinada religião, segundo os princípios da TER, não leva em conta fatores subjetivos, pré-reflexivos que não entrem no cálculo racional do custo-benefício.

Nesse sentido, segundo Barrera (2009), o aumento da propaganda e da sedução religiosa por parte das igrejas pentecostais e seus líderes, especialmente pelo uso intenso dos meios de comunicação como rádio, TV e internet, criam condições para escolhas racionais ou escolhas baseadas na análise entre ganhos e perdas por parte dos fiéis (consumidores). *Grosso modo*, significa dizer que as instituições religiosas - empresas do sagrado aumentam ou diminuem em número de seguidores conforme a eficácia de suas propagandas e *marketing* de comunicação.

Uma das hipóteses dessa pesquisa, é que, por meio do uso intenso dos meios de comunicação, especialmente o televangelismo por parte dos dirigentes pentecostais, com sua prédica proselitista, estimula não só o trânsito religioso, mas a criação de novas igrejas, aumentando assim, a diversificação/fragmentação no segmento pentecostal.

#### 2.2.2.1 Alguns limites da teoria da escolha racional da religião

Segundo Mariano e Moreira (2015), a abordagem teórica das *economias religiosas* “mostra-se limitada para compreender as escolhas e os comportamentos de produtores e consumidores religiosos” (MARIANO e MOREIRA, 2015, p.55). Por isso as inúmeras críticas à essa abordagem. Citamos algumas, baseados numa síntese feita por Mariano e Moreira (2015):

- a) Desconsidera em parte, mediações e constrangimentos sociais, culturais, políticos, institucionais e estruturas que influenciam, moldam e limitam as preferências e escolhas religiosas individuais e coletivas.
- b) Na abordagem das economias religiosas “peca por sua parcialidade ao não incorporar a análise da demanda” (MARIANO e MOREIRA, 2015).
- c) Não leva em conta a ação orientada por valores e o ‘papel dos fatores afetivos, simbólicos e emocionais no desenvolvimento de identidades coletivas. (MELLOR, 2000).
- d) Não leva em conta a economia do dom, a criatividade dos leigos e autoridade carismática do líder religioso (PACE, 2006; WILLAIME, 2003).
- e) Hipertrofia o papel das lideranças religiosas, reduz o papel dos leigos e deixa pra segundo plano os grupos bem sucedidos desprovidos de estruturas organizacionais e finanças centralizadas (MARIANO, 2008).
- f) Risco de incorrer em perspectiva mecanicista e determinista, se conduzir ao pressuposto de que os imperativos de mercado se impõem automaticamente sobre os grupos religiosos atuantes num contexto competitivo ou de mercado. (MARIANO, 2008).

Por outro lado, um dos méritos do paradigma norte-americano das economias religiosas é “permitir focar a investigação sobre o que as igrejas pentecostais efetivamente fazem para crescer” (MOREIRA e MARIANO, 2015, p.55). Como entender, por exemplo, a grande desigualdade entre muitas igrejas pentecostais, que variam de pequenas comunidades reunidas numa salinha a grandes “multinacionais da fé” com seus mega-templos luxuosos? Segundo Mariano (2008) a TER da religião “cai como luva” para explicar este fenômeno. “O foco na oferta constitui, disparado, a melhor opção analítica” (MARIANO, 2008, p.58). No entanto, ressalta que não se pode desconsiderar “os fatores contextuais atuantes sobre a demanda”. Não se pode negar que o contexto social, histórico e cultural, influencie nas escolhas e vivências religiosas.

No que tange a expansão do pentecostalismo e sua alta fragmentação, olhando a partir da ótica das *economias religiosas*, traz contribuições relevantes para sua compreensão, no entanto, nos adverte Moreira (2015), mesmo que não seja único fator responsável, “o contexto socioeconômico e histórico deve ser considerado em sua análise, já que o crescimento e declínio religiosos não ocorrem num vácuo social” (MARIANO e MOREIRA, 2015, p.58). Usar a TER da religião como “*guarda-chuva*” para análise de uma economia religiosa, em especial do pentecostalismo brasileiro, na sua realidade plural e fragmentada. Assim, para Mariano e Moreira

não se pode focar, unilateralmente, seja a investigação da oferta religiosa, como propõem os expoentes da teoria da escolha racional, seja a explicação com base na demanda religiosa, como tendiam a fazer as perspectivas funcionalistas” (MARIANO e MOREIRA, 2015, p.59).

Uma questão importante que se coloca no contexto atual “pós-moderno e secularizado” é que tipo de pentecostalismo se apresenta hoje? Na linha neopentecostal alguns diriam que é a religião da prosperidade. “A preocupação primordial que transparece na teologia da prosperidade neopentecostal é com esta vida e com este mundo; O que interessa é o aqui e agora” (MARIANO, 2014, p.44). Ou estamos diante de um segmento midiático e mercadológico (FLORES FILHO, 2016). Uma “estetização da religião” (MOREIRA, 2018).

Ora, é nesse cenário que a TER da religião pode oferecer “ferramentas” plausíveis de análise, porém não totalitária e unilateral. Mas, pode lançar luzes na compreensão da *economia religiosa brasileira*, na sua realidade plural e fragmentada. Até porque o próprio Stark (2004), um dos principais autores do

paradigma norte-americano, admite as limitações da sua teoria: “reconheço que muitas omissões e lacunas marcam nosso primeiro esforço em teorizar a religião” (STARK, 2004, p.17). Por outro lado, a TER, apresenta elementos importantes para compreensão do pentecostalismo, na sua realidade diversificada/fragmentada; focando na análise das instituições/igrejas e que mecanismo estas usam para crescerem num cenário extremamente competitivo.

### 2.3 PENTECOSTALISMO E MERCADO: OS EMPRESÁRIOS DE DEUS – PASTORES/AS COMO EMPREENDEDORES/AS

A concepção que analisa a relação entre *religião e mercado* atribui à atitude dos pastores/as e instituições/empresas, na perspectiva do empreendedorismo religioso, características “similares a gestão empresarial” (*proativos, agressivos, inovadores, autônomos e com capacidade de assumir riscos*). Estes criam igrejas para atender as demandas sempre novas do mercado religioso (CORRÊA, 2016). Nessa linha de pensamento teríamos igrejas que atendem os mais diferentes estilos de vida e classe social, o que tem levado ao crescimento substancial nos últimos anos no Brasil de igrejas pentecostais; contribuindo, assim, para sua diversificação/fragmentação.

Cada vez mais as igrejas/empresas se especializam para atender as diferentes necessidades do mercado religioso. Assim, num ambiente altamente competitivo,

as igrejas passaram a adotar postura ativa e mobilizadora, típica de empreendimentos produtivos; pastores começam a atuar de maneira profissional, procurando captar e manter adeptos, obter recursos, distinguindo seus empreendimentos dos demais. [...] explicita as dimensões do comportamento empreendedor dos indivíduos, enfatizando a capacidade de *inovação, a proatividade, a agressividade competitiva, a assunção de riscos e a autonomia* (CORRÊA, 2016, p.9).

Segundo Correa (2016) as lideranças religiosas (pastores/as) passaram a atuar de maneira ativa, profissional, diferenciada, comprometidos, empregando técnicas mais eficazes, típicas da racionalidade empresarial. É precisamente estas características que diferenciam as atuais lideranças pentecostais das da “primeira onda” ou pentecostalismo clássico. O ativismo com forte teor missionário sempre marcou o movimento pentecostal. O que difere, ou melhor, se agrega nessa nova geração de pastores e novos estilos de pentecostalismo, nos últimos 40 anos é o

uso de técnicas modernas de mercado, para fazer crescer seu rebanho e, por conseguinte, a estrutura das igrejas. Para tanto, fazem uso de *marketing* para propagação da mensagem religiosa, mídias modernas como TV, rádio, internet, redes sociais e administração das igrejas em moldes empresariais (ORO, 2003; MARIANO, 2008).

Nesse sentido o desempenho das igrejas estaria vinculado à capacidade de mobilização dos seus pastores/as. E mobilizados estão como nunca antes (PIERUCCI, 2008). Dentro da nova configuração religiosa no Brasil, extremamente “efervescente” e concorrencial, aquelas igrejas ou religiões que não se mobilizarem no sentido de entrar nesse processo, estão fadadas a sair perdendo, ou até mesmo fechar as portas (PIERUCCI, 2013). Para Correa (2016), essa perspectiva da interação entre *religião e empreendedorismo* vem sendo objeto de pouca atenção por parte da literatura atual.

Existe no país grandes lacunas no estudo de igrejas como empreendimentos e de pastores como empreendedores. [...] poucos são os estudos que enfocam o pastor evangélico como um tipo particular de empreendedor, embora, na prática, muitos deles, sobretudo de igrejas neopentecostais, adotem, atualmente, postura empreendedora. [...] inseridas, sobretudo, em comunidades pequenas e independentes espalhadas principalmente pela periferia dos grandes centros urbanos e organizadas, em torno dos atributos carismáticos de seus líderes (CORREA, 2016, p.24).

Por sua vez, Mariano (2008) sustenta que a situação de pluralidade e mercado da religião no Brasil, estimulou a racionalização e burocratização das denominações religiosas, e, como consequência, resultou na profissionalização dos seus quadros eclesiásticos e administrativos. Isso ocorreu no meio pentecostal especialmente a partir da década de oitenta. As igrejas neopentecostais (MARIANO, 2014) ou terceira onda (FREESTON, 1994), passaram “organizar-se enquanto empresas destinadas à produção e distribuição de bens e de serviços religiosos” (MARIANO, 2008, p.72). Passando a ser administradas conforme as normas empresariais de uma organização capitalista (MARIANO, 2008).

Desse modo, as igrejas, especialmente as neopentecostais, se transformaram em empresas produtoras de bens de salvação, administradas conforme a lógica do mercado (ORO, 2001 E MARIANO, 2008). Exemplo paradigmático dessa prática vem das maiores denominações pentecostais do Brasil: Igreja Universal do Reino de Deus, Assembleia de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e Igreja Mundial do Poder de Deus - que “concentram o poder

eclesiástico, centralizam a administração dos recursos financeiros e adotam modelo de gestão em moldes empresariais” (MARIANO, 2008, p.73).

A lógica do mercado tornou-se uma realidade presente no cenário religioso, de modo recrudescido, no meio pentecostal (MARIANO, 2008). Oro (2001), na década de 90 já tinha atentado para o modelo empresarial de gestão da referida denominação. Por sua vez, Pierucci (2008), destaca a perspectiva da igreja como empresa econômica e a religião como fonte de lucro e enriquecimento pessoal. Para Mariano, a IURD, é o exemplo mais claro desse modelo que usa estratégias de mercado com bastante êxito. Com efeito,

para granjear tamanho sucesso religioso, financeiro, patrimonial, midiático e político, conta com governo eclesiástico verticalizado, gestão de tipo empresarial, quadros eclesiásticos e administrativos profissionalizados, adota estratégias de *marketing*, estabelece metas de produtividade para os pastores, provê seus fiéis e clientes de oferta sistemática de serviços mágico-religiosos, possui grande disciplina eleitoral (para eleger suas bancadas políticas), arrecada recursos com eficiência e os investe no evangelismo eletrônico, em empresas de comunicação (gravadora, editora, redes de rádio e TV), na contratação de pastores, na abertura de novas congregações e de novos campos missionários (MARIANO, 2008, p. 73).

Segundo Correa (2016), partimos do pressuposto, que a alta diversificação de oferta religiosa pentecostal fundamenta-se no aumento do vigor e da efervescência de profissionais da religião (produtores), que se mobilizam para satisfazer públicos bem diversificados (MARIANO, 2008b; PIERRUCI, 2008). O ambiente religioso vivenciado no Brasil nas últimas três décadas; extremamente competitivo, com o Estado laico e num ambiente de liberdade; impulsionaram a criação de novos grupos religiosos.

O sucesso das igrejas pentecostais, especialmente as pequenas, estabelecidas nas periferias dos grandes centros urbanos, está vinculado a capacidade de mobilização de seus pastores (CORREA, 2016; MARIANO, 2008b). Por isso, os pastores passaram a:

a) conhecer especificidades de mercado; b) adequar produtos e serviços às necessidades dos consumidores; c) atrair e recrutar possíveis adeptos/clientes; d) adotar técnicas de publicidade; e) utilizar instrumentos de marketing; f) especializarem-se em nichos de mercado; g) aplicar métodos de gestão típicos da racionalidade econômica; h) apropriar-se de rádio, tv, música, internet, jornais e literatura (CORREA, 2016, p. 21).

Correa (2016) lamenta a pouca literatura existente no Brasil que aborde o pastor evangélico como um tipo específico de empreendedor, haja vista, que o empreendedorismo tenha sido uma prática recorrente das igrejas neopentecostais,

nas últimas décadas, contribuindo assim, para a expansão e diversificação pentecostal. Nossa hipótese insere-se justamente nesse contexto. Não obstante, essa dimensão do empreendedorismo religioso colaborou enormemente para o sucesso das grandes denominações como a IURD, IIGD e IMDP, responsáveis por implementarem o que podemos chamar de igrejas-empresas (CORREA, 2016; MARIANO, 2008).

Porém, o que destacamos aqui são os empreendedores de pequenas comunidades pentecostais, que se organizam de forma independente e estão inseridas, principalmente nas periferias dos grandes centros urbanos (ALVES, 2012; BARRERA, 2016). Organizadas, sobretudo, em torno dos atributos carismáticos de seus dirigentes (CORREA, 2016). Entendemos este como um dos fatores que contribuíram para a diversificação denominacional no campo pentecostal.

### 2.3.1 Pastores Pentecostais como Empreendedores

A perspectiva que analisa a atuação dos pastores pentecostais como empreendedores, aponta características comuns a todo empreendedor; independente de religião; como a capacidade em combinar métodos, práticas e comportamentos diversos, porém relacionados, e “possuem como qualidades a capacidade de *inovação*, a *proatividade*, a *agressividade competitiva*, a *assunção de riscos* e a *autonomia*” (CORREA, 2016, p.25).

Para Correa (2016), com a abordagem da TER “projeta-se luzes para a importância, raramente enfatizada, de uma perspectiva econômica para se analisar fenômenos religiosos” (CORREA, 2016, p.29). Nesse sentido, entendemos que essa relação entre religião e empreendedorismo, impulsiona a criação de novos grupos religiosos, contribuindo para a elevação da disputa pelo mercado religioso, e, por conseguinte a necessidade das denominações pentecostais, especialmente na sua vertente neopentecostal, competirem entre si e se especializarem para sobreviver (CORREA, 2016).

Ainda conforme Correa, ganha destaque a atuação dos pastores como empreendedores. Os quais lançam mão de diversos recursos e atributos para sobreviver e desenvolver suas instituições. Correa (2016) desenvolve em sua tese de doutorado, as dimensões que demonstra o empreendedorismo dos pastores neopentecostais, o que tem contribuído para o aumento da diversificação

denominacional. De forma sintética apresentamos a seguir: *Capacidade de inovação*: reflete a tendência para engajar e suportar novas ideias, experimentações e processos criativos que podem resultar em novos produtos, serviços ou tecnologias. Implica criar novas combinações que melhoram as operações das instituições, ou fornecem-nas nova base para atender às necessidades dos consumidores/fiéis, contribuindo assim, para a manutenção e crescimento das igrejas. Essas características, segundo Correa (2016), estão presentes nas grandes, mas também nas pequenas igrejas, que apresentam alto grau de criatividade e inovação.

- a) *Proatividade*: é o ato de antecipar futuros problemas, necessidades ou mudanças. Refere-se à visão de futuro, à ênfase dada ao pioneirismo nas ações. Isso implica introduzir novos produtos ou serviços à frente dos concorrentes, agindo em antecipação à demanda religiosa das pessoas.
- b) *Agressividade competitiva*: é a intensidade dos esforços para superar competidores. Refere-se aos comportamentos voltados à expansão da participação de mercado de dada instituição e à maneira como se relaciona com seus concorrentes. Neste caso, implementadas pelos pastores dirigentes de igrejas pentecostais, como fornecedores religiosos comercializam agressivamente seus produtos para seus fiéis/clientes, sejam atuais ou os potenciais (STARK, 1997). Com dois objetivos principais: fazer a igreja crescer e assegurar a lealdade dos fiéis, evitando sua egressão.
- c) *Assunção de riscos*: é a disposição para assumir riscos, para agir, sob futuro incerto, fora de práticas e normas aceitas. É uma das características que mais distingue os empreendedores dos demais. No contexto religioso, conforme Correa (2016), a capacidade de assumir riscos e incertezas é amenizada e encorajada pela crença na glória divina.
- d) *Autonomia*: é a capacidade do indivíduo ou grupo agir de maneira independente, habilidade para tomar decisões livres que afetam a estratégia. Disposição de forma autônoma na busca de oportunidades. Isso implica segundo Correa (2016), líderes fortes, equipes independentes ou indivíduos criativos, livres de restrições organizacionais. Num contexto religioso, pode tornar as igrejas capazes de identificar, desenvolver e iniciar mudanças em seus programas e atividades. A maioria das igrejas pentecostais,

especialmente na sua vertente neopentecostal, estabelecidas nas periferias dos grandes centros urbanos, encaixa-se perfeitamente nesse atributo. Correa (2016) sustenta que igrejas lideradas por pastores neopentecostais, apresentam orientação empreendedora. O mesmo autor afirma taxativamente:

Pastores neopentecostais podem ser considerados empreendedores. Por conseguinte, suas igrejas também. [...] Evidências empíricas sustentam a proposição de que igrejas são, simplesmente, extensão dos pastores que estão no comando. Com efeito, eles influenciam e condicionam o desempenho de suas instituições com seu comportamento. Através dele, demonstram possuírem orientação empreendedora. Suas habilidades para combinarem, sob distintas intensidades, capacidade de inovação, proatividade, agressividade competitiva, assunção de riscos e autonomia evidenciam isto (CORREA, 2016, p.182).

Pastores empreendedores apresentam, de forma aleatória e assistemática, os atributos de empreendedor acima descritos, em diferentes práticas supracitadas. Estas por sua vez, derivam da grande concorrência existente no mercado religioso brasileiro, onde as igrejas estão numa constante luta pela sobrevivência (MARIANO, 2008; PIERUCCI, 2008). Com efeito, afirma Correa:

a competitividade, sobretudo, interdenominacional, aparenta conter entre si os germes que impulsionam e obrigam nos pastores a adoção de comportamentos empreendedores que a expressa ao mesmo tempo em que a reforça, sem as quais suas igrejas não existiriam (CORREA, 2016, p.196).

Segundo Pierucci (2008, 2013) o pluralismo de oferta religiosa, existente no Brasil, tem como consequência a alta concorrência entre as denominações, isso levou o aparecimento de agentes religiosos/pastores menos acomodados, mais dinâmicos, mais ativos na mobilização de seus clientes/fiéis. Pastores passaram a adotar técnicas eficazes, típicas da racionalidade empresarial (ORO, 2011; MARIANO, 2008). O sucesso de determinada igreja está vinculado à sua capacidade (do pastor), ao seu carisma pessoal de mobilização. É precisamente nesse cenário que aumentou a oferta diversificada de igrejas pentecostais, destacando-se a vertente neopentecostal.

Além dos atributos dos pastores apontados por Correa (2016), para fazer crescer sua membresia e ao mesmo tempo fidelizar os já pertencentes, passaram a usar diferentes técnicas de persuasão e conversão: atuar como ativos militantes religiosos, através de várias táticas como pregação de rua, testemunhos e uso dos meios modernos de comunicação, procuram moldar os produtos e serviços às

necessidades dos fiéis solucionando suas dificuldades, copiar bens de salvação do concorrente que tem sucesso entre os clientes/fiéis, adotam métodos de gestão empresarial, utilizando amplamente técnicas publicitárias e estratégias de marketing, bem como a promessa de milagres religiosos com ênfase na cura divina. Além da exploração financeira, através de dízimos, ofertas, campanhas e votos (CORREA, 2016). Mistura elementos de várias igrejas: um pouco da IURD, mais um pouco da AD, fazendo assim uma simbiose entre pregação e empreendimento, e nas periferias costuma aceitar apoio do crime organizado.

Outro aspecto destacado por Correa (2016) no tocante ao empreendedorismo dos pastores pentecostais e suas igrejas é a disputa (concorrência) entre os próprios pastores. “A concorrência por fiéis não incide somente entre igrejas evangélicas. Manifesta-se, também, em brigas entre pastores de única instituição. Resulta, daí, divisão dos ministérios” (CORREA, 2016, p.113). Este aspecto contribui para o aumento da fragmentação denominacional.

Na linha do que defendem os autores norte-americanos Stark, Fink, Lannaccone, criadores da TER e seguidos por vários autores na América Latina, entre os quais o mais contundente é Frigerio, Correa (2016) destaca como a concorrência entre as igrejas neopentecostais fortalece a economia religiosa e impulsiona o envolvimento dos fiéis. O extraordinário crescimento do seguimento evangélico, na vertente pentecostal, nos últimos anos pode ser apontado como possível evidência disto. Por outro lado,

intensifica o ativismo dos pastores. Nesse sentido, seus atributos empreendedores seriam, em grande parte, derivados e/ou impulsionados por ela. Com efeito, o robustecimento da competitividade congregacional seguramente obrigou os pastores a desenvolverem e aguçarem sua capacidade de inovação, proatividade, agressividade competitiva, assunção de riscos e autonomia (CORREA, 2016, p.197).

A consequência desse comportamento empreendedor dos pastores, segundo Correa (2016), se evidencia na busca constante de conseguir mais recursos financeiros e/ou como obter mais fiéis e manter os atuais. Por isso estão sempre empregando táticas para arrecadar recursos financeiros. Por outro lado, os fiéis têm ampla mobilidade e facilidade de mudar de igreja, buscando aquela que mais atende suas necessidades (CORREA, 2016). Noutras palavras, ficam naquela igreja, cujos benefícios satisfazem-lhe melhor.

Diante do exposto até aqui, é possível apontar a atitude empreendedora de diversos pastores, com suas habilidades para combinar as diferentes dimensões do empreendedorismo, como um dos fatores que impulsionou a expansão e a fragmentação pentecostal, e isso aconteceu de modo mais evidente, nas periferias das grandes cidades. Levando em conta, que pastores com maior orientação empreendedora se distinguem em relação aos demais com seus empreendimentos (CORREA, 2016).

Isso, em parte, explica porque algumas igrejas obtêm êxito e outras acabem fechando as portas. Atitude empreendedora essa, motivada em grande parte pelo quadro de alta competitividade na economia religiosa brasileira, substanciada na desregulação do Estado em relação a religião, o que implica dizer um ambiente de liberdade como nunca antes visto (PIERUCCI, 2008). Não obstante, aos reveses que a laicidade do Estado tem provocado ultimamente no Brasil, como alerta Moreira (2018).

O que Correa (2016) constatou em estudo, que seguimos em parte, nessa pesquisa é que a capacidade dos pastores de atuarem como empreendedores, combinando os vários atributos de uma ação empreendedora, ora somente alguns, ora todos, contribui para o aumento da oferta de igrejas pentecostais, em especial, as neopentecostais.

#### 2.4 EMPREENDEDORISMO MUDIÁTICO DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL: FATOR QUE IMPULSIONA A DIVERSIFICAÇÃO PENTECOSTAL

Segundo Adilson J. Francisco (2011) o crescimento da diversificação pentecostal no Brasil, está intimamente ligado ao uso dos meios modernos de comunicação social utilizados pelas igrejas evangélicas, especialmente as neopentecostais.

A expansão e a diversificação do neopentecostalismo contemporâneo não podem ser compreendidas dissociadas da crescente aquisição e utilização dos meios massivos de comunicação, especialmente o rádio e televisão. Estes meios tem se constituído nos principais canais missionários da contemporaneidade. O fenômeno do televangelismo no Brasil propaga-se por meio dos veículos midiáticos, como a televisão, cuja posse e uso estão amplamente difundidos entre as mais diferentes classes sociais, nos mais distantes pontos geográficos do país (FRANCISCO, 2011, p.447).

Para Francisco (2011) o uso do rádio e da TV passou a ser usado como principal estratégia de expansão das igrejas neopentecostais. Antes de chegar à igreja num determinado lugar, chega-se primeiro à mensagem pelo rádio e a TV. E acrescentamos a internet, com acentuado uso na última década; e ainda a área de música “gospel” e toda indústria editorial, ou seja, um expansionismo midiático muito forte por parte das igrejas pentecostais. Contribuindo assim, para maior mobilização do cenário religioso brasileiro. O que a nosso entender, favorece a criação de novas denominações, contribuindo assim, com uma maior fragmentação de igrejas do segmento pentecostal, com maior visibilidade nas periferias dos grandes centros urbanos.

Por sua vez, Campos (2004) afirma que os evangélicos de modo geral, sempre tiveram uma “queda” pelo uso da mídia. Desde a reforma do século XVI segundo o mesmo autor, os evangélicos estão ligados às novas tecnologias de comunicação social. Isso porque, ainda segundo Campos (2004), sendo força religiosa minoritária no cenário religioso “precisaram criar, desde cedo, estratégias para ganhar adeptos e aumentar o seu rebanho na guerra contra outras modalidades de cristianismo” (CAMPOS, 2004, p.148).

Como consequência, isso resultou na criação de uma cultura peculiar, com tom mais agressivo em relação a outros segmentos religiosos. Com maior dependência do que as demais formas de religiosidade em relação ao uso dos meios de comunicação, para se legitimar no cenário religioso (CAMPOS, 2004). As transformações no campo religioso brasileiro, especialmente nos últimos trinta anos, estão muito ligadas ao uso da mídia. A visibilidade dos pentecostais na TV, no rádio e na Internet é notória, liderados por igrejas como a IURD, IIGD, Renascer e IMPD, acirrando ainda mais a competição por fiéis/clientes (CAMPOS, 2004).

A partir da década de 1960 o rádio foi muito utilizado por algumas igrejas pentecostais, o que fez aumentar significativamente o número de emissoras no Brasil. Não só por grandes denominações religiosas, mas também por pequenas igrejas, por não precisar de grandes recursos para manter a sua programação (CAMPOS, 2004). Segundo Campos (2004) o sucesso do emprego do rádio pelos evangélicos no Brasil, se deve aos pentecostais. O que, ao nosso entender, contribuiu para o aumento da diversificação denominacional desse segmento religioso. Na linha do que afirma Campos:

“muitas novas seitas e denominações pentecostais com ênfases semelhantes devem ao rádio tanto suas origens como a construção inicial do carisma de seus líderes. [...] O rádio tem sido um dos principais meios empregados para a fabricação e sustentação da liderança carismática no Brasil” (CAMPOS, 2004, p.155).

Posteriormente, conforme Campos (2004), essa força e experiência no rádio, para transmissão de sua mensagem evangelística, passou para a televisão, sendo aproveitada principalmente pelos pentecostais. Pois “conseguiram montar eficientes sistemas centralizados de arrecadação de dízimos e ofertas, verdadeiros segredos para a passagem da instrumentalização da TV no lugar do rádio” (CAMPOS, 2004, p. 155). O sucesso do uso do rádio no Brasil por parte das igrejas pentecostais, a exemplo da Igreja Pentecostal Deus é Amor, fundada por David Miranda, que fez do rádio sua principal estratégia de divulgação e comunicação de sua mensagem, conforme Campos, deve-se à cultura da oralidade que aqui se desenvolveu.

Não obstante ao sucesso do rádio como meio midiático para transmissão de sua mensagem, por parte das igrejas pentecostais, o uso da televisão, conforme afirma Campos (2004) tenha sido o feito tecnológico mais importante dos últimos séculos. Tornou-se o carro chefe da comunicação massiva. Com o fenômeno do televangelismo surgiram as chamadas “igrejas eletrônicas”, cuja força de influência vai além da questão religiosa, com forte impacto também na política (CAMPOS, 2004). Esse tipo de mídia esbarrou num maior avanço pelo seu alto custo. Contudo, para Campos

a aquisição de suas próprias estações de TV possibilitou aos pentecostais alcançarem um melhor padrão de qualidade em seus programas, tornando mais profissionais. Isso se tornou possível com o surgimento de empreendimentos religiosos que fossem mais eficientes na captação de recursos financeiros. Emprego de caixa único das ofertas e aperfeiçoamento de gerenciamento desses recursos (CAMPOS, 2004, p. 160).

O modelo exemplar de empreendimento midiático no campo religioso é dos líderes pentecostais Edir Macedo, com a IURD; R. R. Soares, com a Igreja Internacional da Graça de Deus; Valdemiro Santiago, com a Igreja Mundial do Poder de Deus, dentre outros. Sendo que a IURD apresenta maior sucesso “empresarial-religioso”, com aquisição da TV Record, composta por mais de 30 emissoras de TV, outras 30 emissoras de rádio, além de jornais, editora, gravadora, etc. (CAMPOS, 2004). Agrega-se a esse conjunto a internet, que tem se tornado uma ferramenta muito utilizada pelas igrejas para levar sua mensagem aos atuais e potenciais fiéis. As estratégias de *marketing* são profissionalmente usadas com objetivo único:

aumentar o número de seus membros e dos recursos financeiros arrecadados. A consequência inevitável é um maior aquecimento do cenário religioso, tornando-o ainda mais competitivo. E quem não entra nessa lógica fica para trás (PIERUCCI, 2013).

Campos (2004) destaca o que é bastante perceptível nas últimas três décadas no Brasil, a relação mercadológica das igrejas pentecostais, em relação aos fiéis, estão em franca ascensão e que a mídia eletrônica contribuiu para tal realidade.

“Até porque esses fenômenos religiosos ou mercadológicos estão sendo diariamente colocados diante dos receptores através das programações religiosas direcionadas por um eficiente sistema de *marketing*” (CAMPOS, 2004, p. 155).

Estamos diante de um processo em que a visão de mundo, como um enorme *shopping center*, tende a fundir templo e mercado, bem como religião e entretenimento (CAMPOS, 2004). A nosso ver essa realidade já é fato, como destacamos ao falar dos pastores e das igrejas como empreendedores. Por conseguinte, temos um mercado religioso mais aquecido, mobilizado, competitivo e diversificado/fragmento para atender os consumidores/fiéis dos mais vários estilos e gostos.

Diante do exposto, seguimos Francisco (2011) ao falar da relação mercadológica e midiática utilizada pelas igrejas, especialmente as neopentecostais,

atravessados pelos discursos televisivos, os testemunhos de fé dos fiéis neopentecostais vão dando a uma religiosidade mais centrada no indivíduo, articuladas as expectativas de posse e consumo, cada vez mais sintonizadas com a cultura de economia de mercado e as expectativas individuais e coletivas por ela geradas (FRANCISCO, 2011, p.463).

Ratifica essa argumentação a pesquisadora Karla Patriota (2009), ao destacar que o avanço pentecostal se observa nas inúmeras formas de propagação midiático-religiosa que invadem o cotidiano moderno e na mesma medida em que se intensifica a forma de espetáculo da cultura da mídia. Afirma ainda a mesma autora, que é no seio das igrejas neopentecostais que existem aquelas que mais se utilizam da mídia, sobretudo da eletrônica para a propaganda religiosa das mais diversificadas mensagens.

Boa parte da programação religiosa segue uma lógica do mercado capitalista (PATRIOTA, 2009). Esse ambiente mercadológico do cenário religioso pentecostal brasileiro evidenciou as fragilidades da fidelidade denominacional, o que tem levado

os líderes e igrejas, a travarem batalhas entre si. E os meios de comunicação midiáticos são instrumentos indispensáveis nesse cenário para propagação de cada igreja (PATRIOTA, 2009). Patriota (2009) destaca ainda, o que já mencionamos no primeiro capítulo dessa pesquisa, um estudo feito pelo Instituto de Estudos da Religião ISER – a respeito do crescimento do número de igrejas pentecostais no Estado do Rio de Janeiro. O dado novo agora é que, se atribui esse crescimento como fruto da religiosidade midiática. Isto é, o uso intenso das mídias modernas por parte das igrejas contribui para o crescimento denominacional. O que vem de encontro ao que defendemos nessa pesquisa. É uma justificativa plausível para o crescimento da diversificação pentecostal. O que se verifica no Brasil é uma estreita e próspera relação entre religião e mídia, com destaque para as igrejas neopentecostais (PATRIOTA, 2009).

### 3 TENDÊNCIAS DO PENTECOSTALISMO ATUAL – PARA ONDE CAMINHA O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO?

#### 3.1 AS PERIFERIAS: LUGAR PRIVILEGIADO ONDE OS PENTECOSTALISMOS SURGEM

Para o pesquisador Paulo Barrera (2016) é na periferia dos grandes centros urbanos onde se encontram as maiores possibilidades de diversificação e de escolhas religiosas. Daí, segundo o mesmo autor, os estudiosos da religião enfatizarem que os pentecostais crescem e se diversificam mais entre os mais pobres. Flores Filho (2016) caracteriza o segmento pentecostal como “religiosidade popular” e Passos (2005) de “religião popular da metrópole”. No entanto, essa tendência vem se revertendo significativamente, pois algumas igrejas pentecostais buscam arregimentar fiéis/clientes da classe média e média alta. Ainda segundo Barrera, o fenômeno do crescimento e diversificação do pentecostalismo é necessariamente urbano.

“A periferia urbana, no seu sentido social, político e religioso, é um lugar privilegiado para observar e compreender as grandes mudanças das últimas décadas no campo religioso na América Latina, mudanças em direção a diversificação no mundo evangélico” (BARRERA, 2016, p.20).

É nas periferias urbanas que o pentecostalismo brasileiro mais se diversifica e se multiplica em centenas de denominações. Por isso, convém falarmos em pentecostalismos (MARIANO, 2011). A partir das décadas de 70 e 80 a população na maioria dos países latino-americanos, e, de modo especial no Brasil, tornou-se maioria urbana. O êxodo rural; que provocou a migração da população do campo para as cidades em busca de melhores condições de vida; favoreceu a configuração das periferias urbanas e de muitos aglomerados de favelas. Formadas na sua maioria por negros, indígenas e camponeses (BARRERA, 2016).

É neste contexto que o pentecostalismo encontrou berço para se enraizar e crescer. Um crescimento sincrônico, ou seja, à medida que as periferias cresciam, o movimento pentecostal também se expandia. Muitas igrejas pentecostais fazem parte da criação de bairros periféricos e favelas desde sua constituição. Inclusive garantindo legitimidade singular perante o poder paralelo do crime organizado (BARRERA, 2016). Foi neste contexto urbano-periférico que, para Barrera, se intensificou a diversificação pentecostal:

Ao longo de uma geração o pentecostalismo das periferias se multiplicou ao mesmo tempo que se fragmentou. Ao final do século XX temos muitas igrejas pentecostais, das mais diversas tradições e ministérios presentes na periferia urbana da maior parte das grandes cidades. Quanto maior a vulnerabilidade socioeconômica do lugar maior o número de igrejas pentecostais (BARRERA, 2016, p.18).

Na linha do que disse Barrera, já tinha sido apontado pelo *Atlas da filiação religiosa no Brasil* (JACOB, 2003), ao afirmar a existência de uma “crescente e amplo movimento de diversificação religiosa [no Brasil], ligado a redução do número de católicos, e um forte crescimento dos pentecostais” (JACOB *et al*, 2003, p.33). Esse movimento de diversificação se deu de modo mais visível nas periferias das grandes cidades, puxado pelo crescimento pentecostal. Com efeito, “o crescimento pentecostal se constitui no principal fator da diversificação religiosa que vem ocorrendo no Brasil, a partir dos anos 1980, especialmente nas regiões urbanas” (JACOB *et al*, 2003, p.34) . A ponto de formarem, segundo Jacob (2003) um cinturão pentecostal em forma de *coroa* nas periferias das grandes cidades:

de modo geral, os pentecostais se localizam na *primeira coroa*, quer dizer, na periferia imediata ao município central das regiões metropolitanas. Em muitas delas, observa-se uma configuração em *forma de anel* que traduz uma forte implantação na quase totalidade dos distritos e subdistritos da periferia (JACOB, *et al*, 2003, p.33).

Essa tendência aferida por Jacob (2003) vem se consolidando nos últimos anos, em relação a crescente presença de inúmeras igrejas pentecostais das mais várias correntes e classificações nas periferias das grandes cidades. “É extremamente difícil ter uma visão completa do conjunto das igrejas pentecostais existentes no país, dado o seu enorme fracionamento” (JACOB *et al*, 2003, p.35). Pode-se falar em uma verdadeira pulverização, que se dá especialmente nas periferias das grandes metrópoles (BARRERA, 2016).

Conseqüentemente, ainda segundo Barrera, traduz-se numa nova reconfiguração religiosa contemporânea vista desde a periferia. “Porque, de fato, a periferia é um lugar privilegiado para observar e compreender as grandes mudanças das últimas décadas no campo religioso contemporâneo” (BARRERA, 2016, p.4). Que passa necessariamente pela análise do segmento pentecostal, com sua fragmentação denominacional, estabelecidas justamente nas periferias dos grandes centros urbanos. Por isso, que para Barrera, é necessário conhecimento da realidade da periferia urbana, onde um grande número de grupos pentecostais se multiplicou nas últimas décadas. É na periferia que os pentecostalismos brotam,

crecem, às vezes fecham as portas, de estilos mais *sui generis*, de forma dinâmica e se metamorfoseando sempre. No estilo *start-ups* religiosas, como apontou Moreira (2018):

Milhares de pequenas novas denominações pentecostais surgiram em grandes periferias urbanas nos últimos 10 anos; Elas funcionam como *start-ups* religiosas individualizadas. Elas surgem e desaparecem e podem facilmente ser fechadas, se mudar e abrir novamente sob um novo nome (MOREIRA, 2018, p.5)

Isso demonstra um pentecostalismo dinâmico e com capacidade para se reinventar. Alves (2012), por sua vez, descrevendo esse cenário da fragmentação pentecostal na periferia, chama à atenção que são igrejas de dimensão variável, ou seja, algumas têm apenas um só templo, outras já formam redes institucionais que se espalham regionalmente. O que na linguagem weberiana, ainda segundo Alves, são pequenos e médios empreendimentos religiosos, “na medida em que os condutores dessas igrejas ou comunidades têm autonomia administrativa, financeira e doutrinária e gerenciamento de suas próprias redes de alianças e desavenças” (ALVES, 2012, p.289).

Outro aspecto merece destaque nessa relação segmento pentecostal e periferia, que corrobora com esta pesquisa. É o fato que, segundo Barrera, nas periferias urbanas, onde os direitos são negados historicamente, o direito a liberdade de escolha religiosa ganha importância. É uma expressão de cidadania. Facilitado pelo ambiente de concorrência entre os grupos religiosos para arrebatar seguidores. Essa concorrência, ainda segundo o mesmo autor, ocorre no interior das grandes tradições religiosas: católica, com suas várias expressões de “catolicismos” e no segmento evangélico, com a “multiplicidade de pentecostalismos” (BARRERA, 2016).

Disso decorre, para Barrera, “maior plausibilidade da hipótese de haver maior liberdade de escolha religiosa nessas regiões” (BARRERA, 2016, p.25). O que se constata conforme pesquisa realizada pelo mesmo autor, numa região periférica da cidade de São Paulo pela existência de diversos pentecostalismos. Nesse sentido, Barrera fala em um “pluralismo pentecostal constituído por um leque de opções pentecostais que se oferecem aos indivíduos” (BARRERA, 2010, p.60). Remetendo ao Censo do IBGE, ainda afirma Barrera: “o anel periférico em torno da metrópole paulistana é o espaço geográfico e socioeconômico onde os pentecostais estão mais presentes” (BARRERA, 2010, p.63). E conclui dizendo que o pluralismo de

opções religiosas existente na periferia, objeto de seu estudo, é basicamente pentecostal (BARRERA, 2010). No entanto, Barrera (2010) ressalta que não é apropriado colocar todos os grupos pentecostais como sendo uma só coisa. A classificação “pentecostal” não é homogênea.

“Muito pelo contrario: grupos pentecostais se consideram diferentes entre si e os seguidores que já passaram por mais de uma igreja pentecostal tem suficiente consciência, prática e discursiva, de diferenças entre as igrejas pentecostais” (BARRERA, 2010, p.64).

O pentecostalismo vivenciado por centenas de pequenas igrejas na periferia apresenta diferenças com aquele praticado pelas grandes igrejas midiáticas e de grande poder financeiro, como a IURD, IMPD, IGD e Renascer (FILHO, 2016). Estas podem investir pesado nos meios de comunicação social para divulgar sua mensagem e arrebanhar seguidores. Enquanto as pequenas denominações nas periferias, muito comumente enfrentam dificuldades financeiras para cobrir despesas básicas.

No entanto, são entre as pequenas igrejas que o pentecostalismo se multiplicou em centenas de denominações nas ultimas três décadas. Acolhendo em seu seio principalmente negros, pobres e moradores da periferia, mesmo tendo perdido seu sentido originário de afirmação identitária negra e de excluídos sociais (FLORES FILHO, 2016). “Sem o elemento identitário de luta social, o pentecostalismo se metamorfoseia em sua dimensão teológica” (FLORES FILHO, 2016, p.347). Haverá uma identidade que une os pentecostalismos? Voltaremos a esse tema mais adiante.

Em estudo sobre o pentecostalismo na região metropolitana de João Pessoa, Flores Filho (2016) denomina as pequenas igrejas localizadas nessa região de *brotopentecostais*; ele usa o termo como “guarda-chuva” para retratar a

diversidade pentecostal na periferia, como que indicando as várias ramificações do movimento tronco do pentecostalismo moderno em vários pontos, como brotos ainda muito jovens com pouco tempo de existência, mas mesmo assim, bastante ativos nas periferias. [...] O brotopentecostalismo se apresenta como fenômeno pentecostal de massa, principalmente nas periferias urbanas das regiões metropolitanas, por isso empregamos o termo ‘religiosidade popular pentecostal’, para diferenciar este fenômeno de massa de outros fenômenos populares (FILHO, 2016, p.352).

As igrejas que compõem as *brotopentecostais* são aquelas cuja diversidade de nomes e ministérios e/ou convenções são notáveis. São igrejas geralmente de pequeno porte, com pouco tempo de funcionamento em comparação com as do

tronco inicial (FLORES FILHO, 2016). Afirma ainda que essas igrejas apresentam singularidades com a religiosidade popular, por isso as denomina de “pentecostalismo popular de periferia” (FLORES FILHO, 2016). Possuem uma diversidade tamanha que podem comportar elementos das bruto-pentecostais (igrejas do pentecostalismo clássico), das mais tradicionais, das pentecostais intermediárias e das do Pentecostalismo Midiático e Politizado – PMMs (correspondem as igrejas do período neopentecostal).

*Grosso modo*, significa dizer, que uma igreja pode apresentar elementos das várias subdivisões do pentecostalismo, desde o conservadorismo sectário das primeiras igrejas pentecostais, até elementos das PMMs, como foco na teologia da prosperidade, discurso agressivo, atuação que vai além do religioso, entrando na lógica mercadológica, valendo-se de estratégias de *marketing*. Flores Filho (2016) segue a mesma perspectiva de Paulo Barrera (2010, 2016) ao destacar que o pentecostalismo contemporâneo se estabelece nas periferias dos grandes centros urbanos. E que, ao longo do tempo desde sua chegada ao Brasil, foi se diversificando em várias denominações dos mais variados estilos.

Fajardo (2011, 2016), por sua vez, endossa essa perspectiva ao afirmar que, o pentecostalismo desde sua origem foi uma religião das massas, diferentemente do protestantismo tradicional, oriundo da Reforma do século XVI. Está presente de forma proeminente nas regiões com menor presença do Estado. “Podemos observar que as formas pentecostais que mais crescem no Brasil são aquelas vistas com maior frequência na periferia urbana” (FAJARDO, 2011, p.189). Quando comparadas às regiões centrais das cidades, as áreas de periferia urbana apresentam um índice maior de presença pentecostal, das mais variadas formas e estilos. (FAJARDO, 2011).

As igrejas pentecostais estabelecidas nas periferias urbanas e favelas das principais regiões metropolitanas do país têm desempenhado um papel de “redes sociais, que contribuem para aquisição de capital social por parte daqueles que delas se aproximam. Ganham importância na inclusão socioeconômica de populações segregadas” (FAJARDO, 2011, p.189). Onde as políticas públicas do Estado demoram a chegar ou quase não chegam. Nesse sentido que, segundo Fajardo, seguindo Almeida (2004), o morador da periferia encontra nas igrejas evangélicas, principalmente nas pentecostais, uma maneira de atenuar suas carências, oriundas da vulnerabilidade social a que está submetido.

O dado notório e de fácil visibilidade é que o pentecostalismo brasileiro, independente das grandes denominações, como a IURD e AD, foi se multiplicando em diversas e pequenas denominações, especialmente nas últimas três décadas. Ora preservando elementos de suas predecessoras, ora trazendo novidades para o campo pentecostal. Como por exemplo, o resgate na ênfase na cura divina, como é o caso da igreja Mundial do Poder de Deus - IMPD de Valdemiro Santiago, ex-bispo da IURD. Nesse sentido assevera Fajardo (2016) que

para além das grandes denominações pentecostais, um fenômeno cada vez mais presente no campo pentecostal é o surgimento cada vez maior de pequenas denominações, classificadas nos censos demográficos como 'outras igrejas pentecostais' (FAJARDO, 2016, p.284).

Ainda segundo Fajardo, são cerca de 5 milhões de pentecostais que se enquadram neste grupo. Se fosse uma única denominação, só perderia em número para a AD, que é a maior denominação pentecostal do Brasil. Com presença maior nas periferias das grandes cidades:

A maior parte destas pentecostais está espalhada em pequenas denominações, muitas vezes, restritas ao endereço de um pequeno templo ou salão na periferia de uma grande cidade ou mesmo as versões pentecostais de igrejas do protestantismo histórico, como os batistas e presbiterianos (FAJARDO, 2016, p.285).

No entanto, embora possamos observar elementos convergentes, com modelos que lembram a AD e a IURD ou outra grande instituição, Fajardo vai se deparar em vários momentos, principalmente nas regiões de periferia, “com igrejas que criam sua própria marca no campo pentecostal, dosando rupturas e continuidades em relação aos grandes modelos e adaptando-se de forma *sui generis* à sua realidade local” (FAJARDO, 2011, p.285).

Diante do exposto até aqui, com foco nos pesquisadores Barrera (2010, 2016), Flores Filho (2016), Almeida (2004), Jacob (2003), Alves (2012), Fajardo (2011, 2016) podemos afirmar que o pentecostalismo brasileiro brota mais nas periferias dos grandes centros urbanos, onde também se diversifica em inúmeras denominações, dos mais variados estilos. Trazendo elementos do pentecostalismo clássico, ou da “primeira onda”, porém agregando e se metamorfoseando em novas formas pentecostais. Classificá-las como neopentecostais, no mesmo bojo da IURD, soa estranho. Seguimos Alves (2012) e outros pesquisadores, ao argumentarem que as atuais tipologias de classificação existentes são insuficientes para abarcar esse complexo mosaico de igrejas pentecostais. Com suas “novidades” e “adaptações” ao

novo estilo de ser pentecostal na contemporaneidade. Mas afinal, o que faz ou quem faz o pentecostalismo brasileiro se diversificar tanto?

### 3.2 OS AGENTES DA TRANSFORMAÇÃO/DIVERSIFICAÇÃO DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

O pentecostalismo que emergiu no Brasil a partir dos anos 1980 pra cá apresenta muitas diferenças e rupturas com o que aqui aportou no início do século XX. Muitos pesquisadores e estudiosos desse tema têm tentado formatar sistematicamente o fenômeno pentecostal, por meio de definições e classificações, porém com a evolução e crescimento do movimento essas tentativas não estão conseguindo explicar as novas metamorfoses (MARTINS, 2016). O “neopentecostalismo” (MARIANO, 2014), “pentecostalismo autônomo” (BITTENCOURT 2003,), “terceira onda” (FREESTON, 1994), “pós-pentecostalismo” (SIERPINSK, 1997), “pentecostalismo midiático e mercadológico” (FLORES FILHO, 2016), “neopentecostalismo tardio” (MOREIRA, 2018).

São várias tipologias de classificação na tentativa de analisar o fenômeno pentecostal, que vem assumindo novas roupagens ultimamente. Ser pentecostal nos tempos atuais não é o mesmo que no início de sua implantação, do chamado período clássico (MARIANO, BITTENCOURT), como destacamos no primeiro capítulo através do recorte histórico-institucional, demonstrando a evolução e as transformações que o pentecostalismo brasileiro assumiu ao longo do tempo. Quais aspectos evidenciam essas diferenças? O que ou quem provoca essas transformações?

Antes, porém, cabe uma ressalva: segundo Mariano (2014) o pentecostalismo pioneiro no Brasil, através das principais denominações, AD e CCB, caracterizavam-se pelo anticatolicismo, ênfase no dom de línguas (glossolalia), volta iminente de Cristo, salvação paradisíaca após a morte, sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior, abrigava em sua maioria, membresia de baixa renda. Cenário bem diferente hoje, onde já se conta com setores da classe média, empresários e profissionais liberais (MARIANO, 2014).

O neopentecostalismo, na perspectiva de Mariano, caracteriza-se pelos seguintes aspectos: um afastamento do pentecostalismo clássico, através da exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo, a Teologia da prosperidade,

abandono do sectarismo, por meio da liberalização dos estereótipos usos e costumes de santidade, marcando assim, certa ruptura. Baseando da tríade: cura, exorcismos e prosperidade. Além de uma oferta incessante de bens simbólicos: óleos, rosas, toalhas, correntes, água abençoada, etc. (BITTENCOURT, 2003).

Todavia, essa diversificada oferta de bens simbólicos está subordinada a preferências e conveniências individuais. E constitui uma proposta religiosa com grande aceitação por parte das massas urbanas (BITTENCOURT, 2003). Nesta linha de argumentação, estaria aqui uma das explicações para a grande oferta de denominações pentecostais, ou seja, existe muita oferta porque tem demanda. E esta constitui fator de diversificação do universo pentecostal.

Seguindo Barrera (2016), Francisco (2012), Flores Filho (2016), Campos (1999), dentre outros, destacam como um dos fatores que contribui para esse processo de transformação/diversificação do pentecostalismo brasileiro a dimensão midiática que este segmento religioso tem assumido nas últimas três décadas.

### 3.2.1 O Aspecto Midiático do Pentecostalismo Brasileiro

O aspecto midiático, adotado principalmente pelas grandes denominações pentecostais, como a IURD, IGD, IMPD, Renascer, dentre outras, funciona como instrumento propulsor do novo jeito de ser pentecostal no Brasil. Tendo como “carro-chefe” a IURD, detentora de um grande aglomerado de mídia (TV, rádios, editoras, gravadores, jornal escrito, sites, etc.). Com efeito, afirma Bittencourt:

Não é novidade que as agremiações eclesiais brasileiras têm investido pesadamente em estruturas de comunicação. Tais investimentos vão desde programas radiofônicos de âmbito regional, até aquisição e manutenção de redes nacionais de TV, passando pelas FMs e canais por assinatura. Sabe-se também que boa parte da expansão numérica e patrimonial do pentecostalismo autônomo decorre do uso dos Meios de Comunicação Social (BITTENCOURT, 2003, p.208).

Agrega-se a este cenário, o aluguel de horários que algumas igrejas, como IGD, de Romildo R. Soares tem nas TVs abertas (Bandeirantes e Rede TV) em horário, considerado nobre, além do seu próprio canal, com programação de 24hs, na maioria de cunho proselitista. A IMPD, de Valdemiro Santiago, após anos alugando horários nas emissoras abertas, hoje dispõe de um canal exclusivo para transmissão da mensagem evangelística, com ênfase na cura divina (FLORES FILHO, 2016). A Renascer é outro exemplo de sucesso nessa seara.

Flores Filho (2016) denominou as igrejas pentecostais que fazem alto investimento nas mídias modernas Pentecostais, Midiáticas e Mercadológica – PMM. E assim, as caracterizou:

Teologia da prosperidade, discurso agressivo, forte atuação no mercado que transcende o religioso entrando na lógica do mercado econômico secular utilizando-se de estratégias de marketing, no mercado editorial e nas mídias, nos veículos do rádio, televisão, jornais, revistas, internet, etc (FLORES FILHO, 2016, p. 360).

Por sua vez, Mariano (2014), adverte que as denominações neopentecostais, além de investirem pesado na mídia eletrônica, preferem em vez do rádio a TV. Isso porque

o televangelismo neopentecostal, não configura uma mera reprodução tupiniquim dos ministérios eletrônicos norte-americanos. [...] Aqui, inversamente, eles estão inseridos numa estratégia de crescimento denominacional (MARIANO, 2014, p.46).

Barrera (2016) ao argumentar sobre a “*diversidade evangélica latino-americana e a periferia urbana*”, destaca a crescente midiatização da religião, onde os meios de comunicação contemporâneos são amplamente utilizados pelas várias igrejas, “todas incentivando a mudança religiosa: rádio, TV, *internet*, redes sociais midiáticas” (BARRERA, 2016, p.25). A propaganda religiosa aumentou significativamente, e, gerou um resultado paradoxal: ao mesmo tempo em que gera uma efervescência, cria-se também uma mobilidade religiosa e uma queda na fidelidade. E reitera:

quanto maior a propaganda maior também a possibilidade de as pessoas mudarem de religião. Esse fenômeno é muito comum nas periferias. Abrem-se igrejas e fecham-se igrejas frequentemente. Em poucos meses e pelas razões mais comuns as pessoas mudam de igreja (BARRERA, 2016, p.25).

Para Moreira (2018) nas periferias urbanas, tem ocorrido o fenômeno denominado de *start ups* (iniciam e fecham com facilidade) - igrejas que assumem e copiam elementos das várias “ondas” do segmento pentecostal como já evidenciamos no capítulo anterior. Ainda segundo Moreira (2018), as iniciativas para abrir as *start ups*, no campo pentecostal fragmentado, são de líderes jovens da nova geração de pastores, que já não vem como convertidos da igreja católica como eram anteriormente, mas de uma igreja pentecostal maior e pré-existente. Esses jovens líderes são muito mais ativos, móveis, rápidos na criação de pequenos espaços comunitários (uma pequena garagem, um pequeno loja comercial fechada), criativos para poder atender as necessidades religiosas e existenciais de seus públicos.

“Abrir um novo templo ou uma *start ups* pentecostal se torna uma atividade pessoal desafiadora e altamente estimada, em que a atividade de evangelização e a iniciativa empreendedora estão intimamente ligadas” (MOREIRA, 2018, p.8).

Diante do exposto acima, em conformidade com a hipótese levantada no início desta pesquisa, há boas razões para sustentar que o fenômeno da midiáticação religiosa no campo religioso pentecostal contribui para sua, não só expansão, mas diversificação/fragmentação denominacional. Seguimos Patriota (2012) quando afirma que notadamente os grandes investimentos em publicidade e *marketing* por parte das denominações religiosas, com destaque para as pentecostais, têm levado a uma revitalização do campo religioso, ou efervescência religiosa.

De algum modo todas as denominações religiosas contemporâneas têm investido recursos financeiros em ações de *marketing* e em divulgação publicitária. Baseada na junção de três fatores: informar persuasivamente, interagir e entreter. Haja vista que algumas denominações tenham expandido sua membresia e estrutura, graças ao amplo uso das mídias. Por isso,

se em dado momento a religião vinha perdendo seu espaço e influencia na sociedade, ao empenhar-se na utilização dos suportes midiáticos, das estratégias de marketing e dos apelos religiosos em formatos publicitários, conseguem, por exemplo, ampliar sua visibilidade. Numa multiplicidade de formas e expressões novas, o anúncio religioso se rearticula nos moldes da contemporaneidade e dialoga com os anseios humanos de entretenimento, participação e engajamento. [...] Viabilizando a diversidade, pluralidade de crenças e a diluição das fronteiras para o consumo do produto religioso (PATRIOTA e COVALESKI, 2012, p.86).

E acrescentamos sua influência, em especial, no cenário político-eleitoral. Exemplo claro foi a atuação dos grandes líderes pentecostais nas últimas eleições presidenciais no Brasil em 2018, que usaram exacerbadamente das mídias sociais e da TV para influenciar no resultado das eleições.

### 3.2.2 O que diz a Teoria da Escolha Racional sobre a Diversificação do Pentecostalismo?

Stark (2004) um dos criadores da TER da religião postula que uma *economia religiosa* quanto mais desregulada, ou seja, sem controle ou preferência do Estado por um tipo de religião, mais ela será pluralista. Por pluralismo, Stark (2004) refere ao número de empresas (igrejas) atuando na economia religiosa. Assim, quanto mais empresas atuando no mercado, maior o nível de pluralismo. “onde há mais

pluralismo e competitividade, as organizações religiosas são mais fortes, e o nível geral de participação religiosa é maior” (STARK, 2004, p. 19). Consequentemente, segundo Stark, quanto mais uma economia religiosa é pluralista, mais suas firmas se especializam. Para se especializarem, uma firma (igreja) deve suprir as necessidades e gostos especiais de segmentos específicos do mercado religioso. Ainda para o mesmo autor,

quanto mais uma economia religiosa é competitiva e pluralista, maiores os níveis de participação religiosa tendem a ser. Inversamente, quanto mais uma economia religiosa é monopolizada por uma ou duas firmas apoiadas pelo Estado, mais a participação geral tende a ser baixa (STARK, 2004, p. 20).

É precisamente nesse perfil que se encaixam as igrejas pentecostais. Diversificam-se não de qualquer modo, mas, sobretudo, criando novas formas de agregar diferenciais, para atingir seu público alvo. Diversifica a oferta para ganhar a concorrência por novos clientes/fiéis.

Alexandro Frigerio (2008), por sua vez, baseado na TER da religião, destaca que esta oferece ferramentas conceituais para analisar o “êxito diferencial” dos grupos religiosos, bem como a “escolha diferencial” que os indivíduos realizam. “Do lado da demanda, considera a atividade religiosa fruto de uma escolha racional dos indivíduos” que avaliam custos e benefícios de sua escolha. E procuram maximizar esta escolha. *Grosso modo*, significa que os fiéis/clientes procuram as igrejas que melhor atendem suas demandas (cura, emprego, bem estar, prosperidade, etc.) de forma mais satisfatória.

Nesse momento, nosso intuito é destacar como a TER oferece uma ferramenta plausível de explicação para o processo de fragmentação do pentecostalismo brasileiro. Dando ênfase aos aspectos que algumas igrejas apresentam para lograrem maior sucesso, num cenário de alta fragmentação denominacional. A nosso ver, um desses elementos, diante do exposto, é fazer uma oferta diferenciada de bens simbólicos aos atuais e futuros clientes/fiéis. Procurado agregar novos e fidelizar os já existentes. Para tanto, conta com novo estilo do líder pentecostal moderno, dinâmico e com perfil empreendedor. Usa a racionalidade empresarial para maximizar seus resultados.

### 3.2.3 Um “Novo Tipo” de Pastor: Um Empreendedor Versátil

Mariano (2008b) ao analisar os fatores internos do crescimento pentecostal no Brasil, destaca algumas notas, entre elas, a capacidade de “formação acelerada de pastores”. Este aspecto constitui fator diferencial das igrejas pentecostais, mais precisamente as de cunho neopentecostal. Pois, “o baixo grau de exigência de conhecimento teológico para o ingresso no pastorado deriva, em parte, da forte tradição leiga no pentecostalismo”.

Prioriza-se o aprendizado prático, o que, segundo Mariano (2008b), provê uma extraordinária vantagem competitiva em relação ao protestantismo histórico, igreja católica e mesmo as pentecostais do período clássico, de cunho mais tradicional, como é o caso da Congregação Cristã do Brasil, que não exige, e até proíbe estudo sistemático teológico e bíblico para seus dirigentes e fiéis. São

“exigências simples e não elitistas – conversão, dedicação e desejo – facilitam a formação de novos pastores e aceleram o ingresso dos candidatos ao pastorado. [...] O bom pastor é aquele que, no exercício do ministério pastoral, propicia os melhores resultados numéricos (fiéis, batismos, congregações) e financeiros à igreja” (MARIANO, 2008b, p.80).

Citando Wagner (1987), conclui Mariano, sobre este aspecto:

As igrejas que investem mais recursos materiais e humanos na implantação de novas congregações tendem a crescer mais, do que as que priorizam empreendimentos sem fins proselitistas imediatos. [...] Quanto maiores os incentivos para os pastores e lideranças locais, mesmo leigas, criem pontos de pregação e novas congregações, mais acelerado e acentuado tende a ser o crescimento denominacional (MARIANO, 2008b, p.84).

Portanto, a partir dessa perspectiva de Mariano (2008b), o “novo estilo” de pastor ou líder religioso pentecostal que emerge, de modo mais notório, a partir da década de 90 é leigo, de formação rápida e acelerada, sem preocupação com conteúdo teológico, mas, sobretudo, com o crescimento da denominação a que pertence. Isso em um quadro mais amplo do pentecostalismo. Todavia, nas periferias dos centros urbanos, onde mais cresce e diversifica, são agregados outros atributos aos pastores, como vimos no capítulo anterior.

Quanto mais pastores empreendedores atuando, procurando atender diversos tipos de público, mais igrejas serão criadas. E, por conseguinte, mais fragmentação denominacional. Todos esses atributos, a nosso ver, contribuem para o processo de diversificação/fragmentação do pentecostalismo brasileiro. O que vem de encontro a uma das hipóteses dessa pesquisa.

Dando outro enfoque, Moreira (2018), chama à atenção para o aspecto das igrejas pentecostais *start ups*, que se estabeleceram nas periferias urbanas, criadas por iniciativa de pastores, na maioria jovens e/ou de média idade, ao invés dos velhos "caciques", com estilo empreendedor, com pouca ou nenhuma formação prévia teológica ou pastoral, misturam estilo empreendedor com pregação agressiva.

Esse novo perfil de pastor assume características das igrejas pentecostais de todas as "ondas", e, ainda agrega elementos novos, como por exemplo, em muitas comunidades de periferias e favelas, aceitam ajuda do crime organizado. Agem com certa leniência com bandidos que se "convertem" e se tornam "fiéis" de suas denominações (MOREIRA, 2018). Essas *start ups* religiosas, ainda segundo Moreira (2018), surgem e desaparecem, e podem facilmente ser fechadas, mudar de endereço e abrir novamente sob um novo nome.

Este cenário demonstra um pentecostalismo dinâmico e sempre pronto a dar "respostas" às demandas dos fiéis, se adaptando conforme o ambiente e região. Igrejas pentecostais que se especializam as necessidades dos diversos nichos sociais (MOREIRA, 2018).

Para tal, precisa de pastores que entrem nessa dinâmica. Que procuram adaptar a mensagem evangelística "para conquistar para Cristo". Nesse sentido, muitas igrejas pentecostais, lideradas por este "novo perfil de pastor", promovem bailes "*gospel*" de *funk*, de *rock*, passeios ciclísticos, acampamentos, vários shows e espetáculos dentro da igreja. Na periferia urbana, as pessoas buscam grupos religiosos cujos cultos sejam bonitos, alegres e divertidos. A religião do lazer e do lúdico. Que corresponde à necessidade por experiências agradáveis, enérgicas, emocionais e encantadoras (BARRERA, 2016 E MOREIRA, 2018).

O pentecostalismo que emerge atualmente, pulverizado, diversificado, autônomo e de periferia, segundo Moreira, ganha impulso por iniciativa dessa nova geração de jovens pastores, oriundos de outras igrejas pentecostais. "Abrir um novo templo ou uma *start ups* pentecostal se torna uma atividade pessoal, desafiadora e altamente estimada, em que a atividade de evangelização e a iniciativa empreendedora estão intimamente ligadas" (MOREIRA, 2018, p.8).

Ante o exposto acima, referente aos fatores e agentes da diversificação, que de alguma maneira, contribuem para a transformação/diversificação do pentecostalismo brasileiro, a saber: a midiatização pentecostal, a Teoria da Escolha

Racional – TER da religião, o novo perfil empreendedor dos pastores, com a criação das *start ups*, são elementos plausíveis para a compreensão da alta diversificação do pentecostalismo brasileiro. No entanto, separadamente por si só, esses fatores tornam-se insuficientes.

Nessa pesquisa, como fatores centrais para explicar a diferenciação do pentecostalismo, fizemos uma opção preferencial, porém, não excludente, para os fatores da midiática e do empreendedorismo religioso, por parte das igrejas e pastores pentecostais, haja vista, que os mesmos, vem de encontro com as hipóteses iniciais que levantamos. Na medida em que as igrejas pentecostais foram investindo nas mídias modernas de comunicação, mais atizado, sobretudo, mais diversificado e fragmentado o campo pentecostal foi se tornando. Mobilizados que ficaram, pastores empreendedores, assumiram as rédeas no processo de crescimento denominacional fragmentado de igrejas, de modo mais contundente nas periferias dos grandes centros urbanos.

### 3.3 CRISTALIZAÇÃO DE DIVERSOS NOVOS TIPOS DE PENTECOSTALISMOS: CONTINUIDADES E RUPTURAS

Mas afinal, dada tamanha diversificação denominacional, que vai da Assembleia de Deus, considerada maior igreja pentecostal, com sua fragmentação interna, passando pela Igreja Universal do Reino de Deus, com maior visibilidade midiática, até a pequena igreja estabelecida num singelo cômodo comercial da periferia, quem é pentecostal no Brasil hoje? Em meio a tantas denominações, com suas classificações, divisões e tipologias de igrejas, há ainda algum vínculo entre as igrejas pentecostais? Quais continuidades e possíveis rupturas em relação ao pentecostalismo praticado atualmente com o do período clássico? As atuais tipologias (classificações), produzidas pela academia são suficientes para abarcar o universo pentecostal?

Constatamos que o pentecostalismo que emergiu no Brasil a partir das décadas de 70 e 80, apresenta várias mutações em relação ao que aqui chegou em 1910, a tal ponto que pesquisadores defendem que se trata de um “novo pentecostalismo” ou mesmo “pentecostalismos” (SIEPIERSKI, 1997; MARIANO, 2014; PASSOS, 2012). As igrejas do pentecostalismo clássico têm experimentado em seu conteúdo doutrinário transformações e adaptações (SEIPIERSKI, 1997).

Como é o caso da AD como veremos mais adiante. Paulo Siepierski aponta essas mudanças, como uma quase ruptura com o período clássico:

O abandono dos sinais externos de santidade, teologia da prosperidade, o conceito de guerra espiritual, representa um distanciamento substancial dos novos pentecostalismos em relação ao precedente. Tamanho distanciamento indica que o fenômeno não é simplesmente uma nova forma de pentecostalismo, mas um “pós-pentecostalismo” (SIEPIERSKI, 1997, p.51)

Oro (2011), por sua vez, destaca principais características do novo pentecostalismo que emergiu a partir da década de 1970:

Se, por um lado, a distinção entre pentecostalismo e neopentecostalismo é controversa, por outro, ela procura dar conta das importantes mudanças ocorridas especialmente a partir da década de 1970 no campo pentecostal. Trata-se da ênfase atribuída ao exorcismo – baseada, sobretudo nas teologias da guerra espiritual e da prosperidade, da participação política institucional, no investimento nas mídias e numa certa liberalização dos costumes. Este pentecostalismo subiu na escala social, pois atraiu pessoas das camadas médias. Principais igrejas representantes desse período: IURD, IIGD e Renascer (ORO, 2011, p. 384).

Portanto, o pós-pentecostalismo é um afastamento do pentecostalismo clássico, tendo como cerne a teologia da prosperidade e a guerra espiritual. E acrescenta outras características: mistura deliberada com a religiosidade popular, utilização de estilos e convenções anteriores, construção de estruturas comerciais, comunicação de massa. E apresenta objetivo declarado de estabelecer uma nova cristandade através da política (SIEPIERSKI, 1997). Tendo como principal representante a IURD, que sistematicamente tem participado no processo eleitoral, apoiando abertamente candidatos para o poder executivo e legislativo. A cada eleição, a “bancada evangélica” aumenta na Câmara Federal (FAJARDO, 2016).

Por sua vez, Mariano (2014) chama à atenção para a complexidade e abrangência do pentecostalismo praticado atualmente. Remete para a existência de outras vertentes menores e menos visíveis no interior do movimento pentecostal. De fato, a grande diversificação pentecostal, que caracteriza o segmento, está justamente nas pequenas denominações, estabelecidas nas periferias urbanas (ALVES, 2012; BARRERA, 2016), mas também composto por grandes denominações, que Filho (2016) classifica de Midiático e Mercadológico – PMM.

Para Almeida (2011) o pentecostalismo extrapola suas fronteiras institucionais, bem como incorpora mecanismos de funcionamento de religiões fora do campo pentecostal. O autor questiona a possibilidade de “rupturas e

continuidades” no segmento. Prefere expressão “circulação e flexibilidade”, pois, “circulação de ideias e práticas religiosas para além das fronteiras institucionais e flexibilidade no vínculo institucional” (ALMEIDA, 2011, p.112).

No estilo de ser pentecostal atualmente, não há exclusividade. Ao contrário, como apontamos no tópico anterior: os novos pastores, e também fiéis, assumem elementos de várias igrejas pentecostais, numa simbiose, na busca de satisfazerem suas necessidades e demandas. O trânsito religioso no interior desse segmento religioso é reflexo dessa postura. A flexibilidade denominacional tem sido comprovada pelas recentes pesquisas censitárias no campo religioso, com o aumento dos evangélicos “sem igreja”, como vimos anteriormente.

Outro aspecto que chama a atenção no segmento pentecostal nas últimas décadas é processo de pentecostalização de crenças e práticas religiosas das igrejas evangélicas tradicionais, ou mesmo as pentecostais clássicas, como AD, que tem dado ênfase em seus cultos à cura divina, ao louvor, à emoção e na clonagem de doutrina e práticas, ritos e estratégias proselitistas de igrejas como a IURD, IGD e IMPD. Aspectos que antes eram veementemente rejeitados, agora são adotados: a Teologia da prosperidade, ritos (como uso da água abençoada, óleo consagrado, rosas e etc.), abandono de usos e costumes, promoção de shows *gospel*, principalmente voltados para juventude, uso das mídias modernas para divulgar mensagem evangelística, dentre outros. (MARIANO E MOREIRA, 2015).

A AD se tornou um exemplo clássico da diversidade pentecostal, devido sua alta fragmentação interna, que foi se estabelecendo no Brasil, de modo mais notório nas periferias urbanas. Para Flores Filho (2016) “trata-se não de uma entidade, mas um nome genérico que nomeia várias igrejas ou ministérios” (FLORES FILHO, 2016, p.351). Isso porque as igrejas que levam essa marca “Assembleia de Deus” possuem liturgias e práticas diversas. Em muitos casos, pequenas igrejas nas periferias adotam o perfil e nome assembleiano, mas são independentes de qualquer organização a nível regional e nacional. Fica evidente que se trata mais de um nome genérico que muitas denominações adotam pelo prestígio conquistado ao longo de décadas de existência (FLORES FILHO, 2016).

Em síntese, podemos apontar as seguintes características dos novos pentecostalismos, que emergiram no Brasil, principalmente com a chegada da IURD, em 1977, mas que se evidenciaram, principalmente a partir da década de 1980:

- *Pentecostalismo diversificado e especializado*: movido pela necessidade e pela intenção de atender a segmentos especiais da sociedade, novos públicos em potencial. Há igrejas especializadas em atender diversos tipos de grupos da população, conforme classe social, idade ou preferências: empresários, desempregados, LGBTs, surfistas, classe média alta, traficantes, etc. (MOREIRA, 2018).

Uma vez que existem milhares de igrejas pentecostais, desde as grandes denominações midiáticas como a IURD, à pequenas igrejas em bairros da periferia, não é um movimento homogêneo. Ao contrário, apresenta diferenças em suas doutrinas, organizações eclesiais, estratégias de evangelização e preferências litúrgicas. Se especializaram em atender e satisfazer as necessidades dos diversos nichos sociais (MOREIRA, 2018).

- *Ruptura com pentecostalismo antecedente*: devido o abandono ao sectarismo rígido e a expectativa do fim iminente do milênio, teologia da prosperidade como carro chefe da pregação, junto com a cura divina e exorcismos, guerra espiritual contra o diabo e seus séquitos, adoção de gestão em moldes empresariais no governa das igrejas, alto investimento nas mídias modernas (radio, TV, internet, gráficas, editoras, gravadoras), na música *gospel* que é o carro-chefe de muitas igrejas, tem recebido grandes investimentos por parte de empresários ligados a indústria musical.

Daí se mostrar pragmático e oportunista. Sempre atento ao que possa dar retorno financeiro e mais clientes/fieis. Projeto político-partidário-eleitoral, com forte atuação dos "caciques" pentecostais, com viés conservador e autoritário. Não foi por acaso que na eleição presidencial deste ano (2018), a maioria desses "caciques" apoiaram e fizeram campanha abertamente para o candidato a presidente Jair Messias Bolsonaro, com características notadamente conservadoras e autoritárias. Além do incentivo e apoio efetivos a cargos no poder legislativo estadual e federal, contribuindo fortemente para a formação da "bancada evangélica", que a cada eleição cresce (FAJARDO, 2016).

- *Geograficamente estão mais localizados nas periferias dos grandes centros urbanos* (BARRERA, 2016). E socialmente, não obstante a penetração na classe média, na sua maioria, composto pelos extratos mais pobres da sociedade (MARIANO, 2013). Pesquisas demonstram a fragmentação institucional pentecostal

se dá, sobretudo, nas periferias dos grandes urbanos (BARRERA, 2016; FAJARDO 2016) como já evidenciamos.

- *Start ups religiosas: Grosso modo*, são aquelas igrejas que surgem e desaparecem e podem facilmente ser fechadas, mudar de local e abrir novamente sob novo nome ou mantendo o mesmo. Se por um lado esse fenômeno demonstra certa precariedade, por outro, traduz um pentecostalismo dinâmico e pronto para se refazer (MOREIRA, 2018). Metamorfoseia-se com facilidade incrível. Mais notoriamente nas periferias e favelas das grandes cidades.

- *Expressão de cidadania da população marginalizada*: Barrera (2016) sustenta que nas periferias, onde está presente a grande diversificação pentecostal, os mais pobres exercem com mais liberdade o direito de escolha religiosa, e, por conseguinte, representa uma expressão de cidadania. Daí, “a plausibilidade da hipótese de haver maior liberdade de escolha religiosa nessas regiões” (BARRERA, 2016, p.25).

- *Ênfase na teologia da prosperidade e guerra espiritual*: A teologia da prosperidade, grosso modo, postula que o “crente” está destinado a ser próspero, saudável e feliz ainda neste mundo. Nesse sentido, em vez de rejeitar o mundo, passam a afirmá-lo. Para tal é preciso ter fé inabalável e ser fiel nos dízimos e ofertas generosas com amor e desprendimento. O que está totalmente em desacordo com o ascetismo do pentecostalismo clássico (MARIANO, 2013). A teologia pentecostal é marcada pela tríade: prosperidade, cura e exorcismo. O Espírito Santo e obra no processo de santificação do fiel e glorificação de Deus é ponto central no pentecostalismo clássico. Já nos novos pentecostalismos o ponto focal da teologia é a prosperidade.

- *Pastores com perfil jovem e empreendedor*: não mais velhos pastores, mais jovens com iniciativa empreendedora para abrir novos templos ao estilo *start ups*. Pastores são considerados empreendedores, por conseguinte, suas igrejas também. As iniciativas individualizadas dos jovens pastores pentecostais contribuem para a pulverização desse segmento religioso.

- *Proximidade com a cultura popular*: os pentecostais estão cada vez mais assimilando e adaptando elementos da tradição popular brasileira, assumindo celebrações e dando a elas até novos nomes. Um exemplo dessa nova postura ocorre na igreja Presbiteriana Celular de Cristo – IPCC, localizada na periferia de

Luziânia, Goiás, no bairro Jardim Ingá, com população composta na maioria por migrantes nordestinos. No mês de junho, tempo das tradicionais festas juninas pelo Brasil a fora, principalmente no nordeste, a IPCC, realiza a “festa genuína”, com direito a barraquinhas com comidas típicas, música *gospel* em estilo forró, além de uma mega estrutura de palco e som. Os pentecostais buscaram se identificar com a cultura popular, assumindo características tradicionais católicas (MOREIRA, 2018).

- *Desenvolvimento de atitudes intolerantes e antiecumênicas*: os pentecostais tradicionalmente tiveram fortes atitudes anticatólicas e antiecumênicas. O anticatolicismo tem amenizado, mas nem por isso, o ecumenismo avançou. Ao contrário, mesmo com as igrejas do protestantismo histórico tem se arrefecido. Além do mais, uma campanha agressiva de demonização iniciada pela IURD contra as religiões Afro-brasileiras, se não unicamente, mais corroborada com atitudes de intolerância e violência contra candomblecistas, umbandistas e seus espaços sagrados, que se espalharam entre os pentecostais. Estatísticas mostram e a televisão tem noticiado o aumento de vários casos de intolerância religiosa no Brasil. Na maioria, advindo de pessoas ligadas às igrejas pentecostais (MOREIRA, 2018).

- *Pentecostalismo estético e mercadológico*: de modo geral, as igrejas pentecostais são bastante eficientes em atender às demandas dos fiéis. Muitas oferecem serviços fora do âmbito religioso, como cursos de aperfeiçoamento para o mercado de trabalho, apoio psicológico, bazares, almoço beneficente, etc. Estratégias para atrair o potencial cliente/fiel.

A proposta religiosa dos novos pentecostalismos é formatada, dentro do espírito empreendedor, para ir ao encontro das expectativas dos fiéis (MOREIRA, 2018). Vivemos tempos da religião do lúdico e do lazer (BARRERA, 2016). Uma estetização da religião, onde as pessoas procuram serviços religiosos pentecostais que sejam bonitos, animados, felizes, divertidos, e, claro, com muita emoção (MOREIRA, 2018).

## CONCLUSÃO

Conforme apresentamos no decorrer desta pesquisa, o pentecostalismo brasileiro se mostrou diversificado desde início de sua implantação em 1910, com a criação da primeira igreja pentecostal, a Congregação Cristã do Brasil e pela Assembleia de Deus, em 1911, ambas por missionários oriundos dos Estados Unidos. Até 1940 essas duas instituições prevaleceram no campo religioso pentecostal, configurando assim a “primeira onda” do pentecostalismo brasileiro, como assim definiu o pesquisador Paul Freston (1994) num recorte histórico-institucional, dando conta de sua evolução, diferenças e possíveis semelhanças. No entanto, o que vimos desde o início, o pentecostalismo já apresentava diferenças significativas, já demonstrando, por assim dizer, vocação para a diversificação/fragmentação.

A partir de 1950 até 1970, com a chamada “segunda onda” vimos o pentecostalismo se multiplicar em dezenas de denominações, dentre algumas destacamos: Igreja do Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, Brasil para Cristo, Casa da Bênção, dentre outras. Tendo como mensagem central a ênfase na cura divina. Iniciando a partir daí a pregação evangelística pelo rádio, o que até então era desprezado como algo diabólico. Pregação itinerante com concentração em praças públicas, ginásios de esporte, estádios.

Os pregadores que eclodiam nesse período conseguiram atrair para suas igrejas, os estratos mais pobres da população, principalmente migrantes nordestinos. Foi a partir desse período que a fragmentação denominacional no segmento pentecostal, que, até então, contava praticamente com a Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil, eclodiu de forma significativa (MARIANO, 2013).

No entanto, foi a partir do final da década de 70, com a criação da Igreja Universal do Reino de Deus em 1977, por Edir Macedo, e de forma mais intensa, de 1980 até os dias atuais, que o pentecostalismo brasileiro se transformou ainda mais numa constelação de igrejas. Marcando o início da “terceira onda”, conforme Freston, ou neopentecostalismo (MARIANO, 2013), tipologia amplamente aceita. Todavia, tem recebido críticas de vários pesquisadores, que propõem novas classificações para dar conta das novas formas de pentecostalismo que foram

surgindo, pois as atuais são insuficientes para abarcar a grande fragmentação denominacional que este segmento religioso assumiu no Brasil.

Apresentamos várias teorias como “guarda-chuva” na tentativa de compreender as razões ou fatores que levaram o pentecostalismo no Brasil a se diversificar tanto, de tal maneira, que já é consenso falar em “pentecostalismos”, no plural mesmo, tamanha sua miríade de denominações. Fizemos uma tentativa de demonstrar o que está fazendo ou quem são os agentes que contribuem para a transformação/fragmentação desse segmento religioso que mais cresce no país. Destacamos os fatores do empreendedorismo religioso pentecostal e a dimensão midiática, que a nosso ver, não de forma exclusiva, contribuem para sua expansão e também diversificação/fragmentação do campo pentecostal.

Vimos que o perfil de empreendedor dos “novos pastores”, que criam as “*start ups*”, apresenta características tais como: é jovem, empreendedor, pouca formação teológica, mistura pregação evangelística com empreendimento, assume estilo das várias igrejas pentecostais conforme lhes convém, em algumas situações extremas, como em favelas, mostra-se permeável à aproximação ou mesmo colaboração com a marginalidade e; outras características semelhantes às do sistema empresarial e do mercado. Esse novo estilo de pastores está mais presente nas periferias dos centros urbanos, onde o pentecostalismo mais cresce e se diversifica para atender a todo tipo de público.

A estratégia midiática das igrejas pentecostais é um fator fundamental na sua expansão, e, a nosso ver, também contribui para sua diversificação/fragmentação. As igrejas pentecostais, especialmente as maiores e poderosas, investem pesado no uso dos meios modernos de comunicação e no *marketing* religioso. Quanto mais mídia religiosa, mais atizado o campo religioso fica. E os pentecostais são especialistas nesse aspecto. Essa efervescência torna fator impulsionador para criação de novas denominações, aos moldes das “*start ups*”, estabelecidas em pequenos pontos comerciais ou garagem nas periferias urbanas.

Portanto, o empreendedorismo dos pastores e de suas igrejas, bem como o aspecto midiático que igrejas pentecostais assumiram nas últimas décadas, a nosso ver, contribuíram para este cenário diversificado e fragmentado de denominações. Contudo, não se trata de conclusões absolutas, mas modesta contribuição para ulterior avanço na pesquisa acadêmica. Convém salientar que os estudos relacionados aos *aspectos empreendedores das igrejas pentecostais* e lateralmente

*religião pentecostal e capitalismo* ainda são muito precários, o que ocasionou certos limites em nossa pesquisa.

Demonstramos também que o pentecostalismo brasileiro, nos últimos 30 anos, de forma camaleônica tem assumido diversas formas, com elementos de ruptura e continuidades com o período precedente. Dentre elas destacamos:

- *Teologia da prosperidade, cura divina e exorcismo*, tríade que funciona como mola mestra dos novos pentecostalismos. Dependendo da denominação, dar-se ênfase em um ou noutro aspecto. A IMPD usa a cura divina como carro-chefe para seu projeto expansionista. Esses três aspectos diferenciam os pentecostalismos dos últimos 30 anos, em relação ao período antecedente. Com ênfase maior na Teologia da prosperidade. Sendo que a cura divina e o exorcismo sempre estiveram presentes no pentecostalismo desde sua origem. Muito embora, a partir da “terceira onda” ou “neopentecostais”, ganhou mais destaque. No entanto, a ênfase teológica na cura divina, a partir de 1950, foi fator fundamental para o crescimento e diversificação denominacional do pentecostalismo brasileiro, como apontou Mariano (MARIANO, 2013).

- *Ênfase na “guerra espiritual”* que se trava contra o Diabo, causador de todos os males e sofrimentos que sucedem com as pessoas. Esse aspecto vai diferenciar significativamente os pentecostalismos praticados no Brasil a partir da década de 50 até o momento.

- *Localização privilegiada mais nas periferias dos grandes centros urbanos*, onde há mais diversificação de denominações. Não obstante, as grandes denominações pentecostais, com maior poder financeiro e midiático, focam o trabalho evangelizador no televangelismo e nos mega-templos, em pontos estratégicos dos centros das maiores cidades do país. Caso concreto da IURD, com seu imponente “Templo de Salomão”, que seria réplica do templo de Salomão descrito na Bíblia, no bairro do Brás em São Paulo, com toda sua simbologia judaica adotada, paramentos litúrgicos, palavras e dramatizações. Uma tentativa evidente de assimilar elementos da tradição judaica com o Cristianismo.

- *Pentecostalismo diversificado, midiático, mercadológico*, uso intenso das mídias modernas para transmitir a mensagem evangelística: TV, rádio, *internet*, redes sociais, *musica gospel*. Estético, bonito e lúdico, que produz experiências agradáveis, emocionantes e enérgicas (MOREIRA, 2018). Especializado em atender as diversas demandas do seu público alvo. E a grande consequência desse cenário

é a alta competitividade entre as igrejas pentecostais, para ganhar novos fiéis ou manter os já existentes. Apresenta maior densidade nas camadas mais pobres da população. Contudo, algumas igrejas, como a Renascer, Sara Nossa Terra, dentre outras, tem penetrado na classe média e média alta.

Não obstante as diferenças e divergências dos pentecostalismos que se apresentam na realidade atual, haveria alguma unidade nesse segmento religioso tão diversificado e fragmentado em centenas de denominações? Que direção caminha o pentecostalismo brasileiro? Por se tratar de um segmento religioso extremamente dinâmico, camaleônico e multifacetado, não é fácil apontar elementos de unidade ou referencial orientador, que retrate uma única identidade pentecostal.

Todavia, acreditamos que a dimensão teológica da *glossolalia* (o orar em línguas estranhas), constitui ainda um dos fatores de certa unidade das igrejas pentecostais. Pois, o “orar em línguas” está presente em todas as igrejas pentecostais, seja do período clássico, seja nas recém-criadas. Com algumas denominações dando maior ênfase, outras de forma lateral. Outro fator que pode traduzir certa unidade de identidade pentecostal, em meio a esse quadro tão diversificado, é a experiência com o Espírito Santo, presente em todos os pentecostalismos. Muito embora, com ênfases diferentes a depender da denominação.

A força do Espírito está relacionada à práxis pentecostal, que constitui poder a pessoa, para suplantar as condições que querem desumanizar os seres humanos. Nos cultos de muitos pentecostalismos os dons espirituais têm primazia e guia a vida de muitos pentecostais (CAMPOS, *apud* MARTINS, 2016, p. 10).

Nos grandes eventos midiáticos, a nível nacional e regional o pentecostalismo tem mostrado força e certa unidade na diversidade. É o caso da “marcha pra Jesus”, que ocorre todo ano, em São Paulo, coordenada por líderes da Igreja Renascer. Considerado um evento interdenominacional, por justamente agregar evangélicos de “todas as ondas”, e, inclusive do protestantismo histórico. Evento que começou na década de 1990 no Brasil, com uma superestrutura que reúne milhares de pessoas, guiadas por orações, pregações e música gospel com artistas de renome nacional.

No entanto, a harmonia visível entre os fiéis em eventos como este, não retrata a mesma realidade entre os grandes líderes pentecostais. Ademais, Silas Malafaia, Edir Macedo, Valdemiro Santiago, Esteves Hernandez, Magno Malta, Wellington Dias, apresentam fortes divergências. A nosso ver, cantores e cantoras

do mundo *gospel* pentecostal como Aline Barros, Karla Bruna, Fernandinho, dentre outros, bem como pregadores midiáticos como o Pr. Cláudio Duarte, com suas pregações com misto de comédia e espetacularização, gozam de maior consenso identitário no cenário fragmentado do pentecostalismo brasileiro.

O movimento pentecostal ao longo do tempo foi se consolidando na realidade brasileira, firmando raízes principalmente entre os mais pobres, a partir de diversas denominações, dando respostas às demandas da população. Se expressa hoje de diversas formas com seu conteúdo religioso. Incluindo em seu público alvo a classe média. Por meio do evangelismo eletrônico tem penetrado lugares muito antes de a igreja física chegar. Todas as igrejas pentecostais têm investido nos meios modernos de comunicação para levar sua mensagem evangelística.

A estratégia empreendedora dos pastores fomenta significativamente o crescimento e diversificação denominacional do pentecostalismo brasileiro, de modo mais evidente nas periferias dos centros urbanos. Sem previsão de futurologia, todavia, acreditamos que “os pentecostalismos” das grandes instituições às pequenas, passa necessariamente pela midiatização e pelo empreendedorismo. Com atitudes não afeitas ao ecumenismo e ao pluralismo religioso, que como vimos, implica respeito e diálogo com diferentes expressões religiosas, o movimento neopenteconstal avança, encanta milhares e assusta outros tantos com crenças diferentes, deixando evidenciado que dias de luta por respeito e contra a intolerância religiosa serão cada vez mais comuns.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de. *A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade*. In: TEIXEIRA e MENEZES (Orgs.) *As religiões no Brasil: continuidade e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2011, p.111-122 ISBN: 978-85-326-3361-3.

\_\_\_\_\_, Religião na metrópole paulistana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.19, Nº 56, p.16-27, 2004. INSS: 1806-9053.

\_\_\_\_\_, Os pentecostais serão maioria no Brasil? *Revista de Estudos da Religião – REVER*, São Paulo, v. 4, 2008, p.48-58. INSS: 1677-1222.

ALVES, Daniel. *A fragmentação do campo pentecostal e o papel das instituições religiosas*. Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST. São Leopoldo, v. 1, 2012, p.287-298. ISSN 2358-0372.

BEGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985. ISBN: 85-05-00240-7

\_\_\_\_\_, *Múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017. ISBN: 978-85-326-5360-4.

BARRERA, Paulo. *Diversidade evangélica e periferia urbana na América Latina*. In: Barrera, Paulo Rivera (Org.) *Diversidade religiosa e laicidade no mundo urbano Latino-americano*. Curitiba: CRV, 2016. p.11-30. ISBN 978-85-444-1252-7.

\_\_\_\_\_, A reconfiguração religiosa contemporânea vista desde a periferia. *Revista de Estudos de Religião – PLURA*, São Paulo, V.7, Nº01, 2016, p.4-14 ISSN 2179-0019.

\_\_\_\_\_, A diversidade religiosa brasileira e suas dimensões sociais segundo o Censo do ano 2000. *Revista Estudos de Religião*, São Paulo, v. 23, Nº 37, 2009, p.129-145. ISSN 2176-1078.

\_\_\_\_\_, Pluralismo religioso e secularização: pentecostais na periferia da cidade de São Bernardo do Campo no Brasil. *Revista de Estudos da Religião – REVER*, São Paulo, ano 10, mar/2010, p.50-76. INSS 1677-1222.

BITTENCOURT, José Filho. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes, 2003. ISBN: 85-326-2915-6.

\_\_\_\_\_, *remédio amargo*. In: ANTONIAZZI, A. et al., *Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 24-33. ISBN: 85-326-1227-X.

CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis, São Paulo, São Bernardo do Campo: Vozes, Simpósio, Umesp, 1999. ISBN: 85-326-1882-0.

\_\_\_\_\_, “Evangélicos de missão” em declínio no Brasil: exercícios de demografia religiosa à margem do Censo de 2010. In: TEIXEIRA e MENEZES. *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013, p.127-160. ISBN 978-85-326-4696-5.

\_\_\_\_\_, As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo, Nº 67, p. 100-115, set/nov 2005. ISSN: 2316-9036.

\_\_\_\_\_, Protestantismo brasileiro e mudança social. In: SOUZA e SÁ MARTINO. *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: 2008, p.106-136. ISBN: 978-85-349-2241-8.

\_\_\_\_\_, Pentecostalismo e protestantismo “histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, V. 9, Nº 22, p. 504-533, jul/set. 201. ISSN: 2175-5841.

\_\_\_\_\_, Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. *Revista USP*, São Paulo, Nº61, p. 146-163, março/maio 2004.

CAMURÇA, Marcelo A. *A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000*. In: TEIXEIRA e MENEZES. *As religiões no Brasil: continuidade e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2011, p.35-48. ISBN 978-85-326-3361-3.

\_\_\_\_\_, *O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades*. In: TEIXEIRA e MENEZES. *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013, p.63-87. ISBN 978-85-326-4696-5.

CARRANZA, Brenda. Cristianismo pentecostal: nova face da igreja católica. In: MOREIRA e TROMBETA. *Pentecostalismo globalizado*. Goiânia: PUC Goiás, 2015, p.70-93. ISBN 978-85-7103-887-5.

CORRÊA, Victor Silva. *Pastores como empreendedores: análise sob perspectiva comportamental e relacional*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - MG. Belo Horizonte, 2016.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. Laicidade, presença partidária e variedade pentecostal no Brasil. In: Barrera, Paulo Rivera (Org.) *Diversidade religiosa e laicidade no mundo urbano Latino-americano*. Curitiba: CRV, 2016, p.271-287. ISBN 978-85-444-1252-7.

\_\_\_\_\_, Pentecostalismo, urbanização e periferia: perspectivas teóricas. *Revista Paralellus*, Recife, Ano 2, Nº4, jul/dez 2011, p.181-192, ISSN 2178-8162.

FILHO, Honório F. Brotopentecostalismo: o pentecostalismo popular de periferia e sua diversidade na região metropolitana de João Pessoa. In: Barrera, Paulo Rivera (Org.) *Diversidade religiosa e laicidade no mundo urbano Latino-americano*. Curitiba: CRV, 2016. p.339-363. ISBN 978-85-444-1252-7.

FRANCISCO, Adilson. Pare de sofrer: trânsitos religiosos na fronteira e televangelismo. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, V. 9, Nº 22, p. 446-465, jul/set. 201. ISSN: 2175-5841

FRESTON, Paul. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro In: ANTONIAZZI, A. et al. *Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994b, p. 67-159. ISBN:85-326-1227-X.

\_\_\_\_\_, As duas transições futuras: católicos, protestantes e sociedade na América Latina. *Revista Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 12, Nº12, p.13-30, out/2010. ISSN: 1982-2650.

FRIGERIO, Alejandro e WYNARCZYK, Hilário. *Diversidad no es lo mismo que pluralismo: câmbios en el campo religioso argentino (1985-2000) y lucha de los evangélicos por sus derechos religiosos*. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v.23, Nº2, maio/ago 2008, p.227-260. ISSN: 1980-5462.

GRILLO, Marco. Desde 2010, uma nova organização religiosa surge por hora. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 de março de 2017. Edição online: [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com) Acesso: 21/04/2018.

JACOB, César Romero et al. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro, São Paulo: PUC-Rio, Loyola, 2003. ISBN 85-15-02719-4

LIMA, Décio Monteiro de. *Os demônios descem do norte*. São Paulo: Francisco Alves, 1987.

MARTINS, Ailton. Pentecostalismo: desenvolvimento de sua diversidade religiosa. In: 2º Simpósio Internacional de Histórias das Religiões e XV Simpósio Nacional de Histórias das Religiões. História, Gênero e Religião: violências e direitos humanos. Florianópolis, junho de 2016. *Cadernos de resumos*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

MAFRA, Clara. *O que os homens e as mulheres podem fazer com números que fazem coisas*. In: TEIXEIRA e MENEZES. *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p.37-47. ISBN 978-85-326-4696-5.

MARIZ, Cecília L. e GRACINO Jr., Paulo. *As igrejas pentecostais no Censo de 2010*. In: TEIXEIRA e MENEZES. *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p.161-174. ISBN 978-85-326-4696-5.

MARIANO, Ricardo e MOREIRA, A. da Silva. *Expansão, diversificação e transformação do pentecostalismo no Brasil*. In: MOREIRA e TROMBETA. *Pentecostalismo globalizado*. Goiânia: PUC Goiás, 2015, p.47-69. ISBN: 978-85-7103-887-5.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2014. ISBN: 978-85-15-01910-6.

\_\_\_\_\_, Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo de 2010. *Debates no Núcleo de Estudos da Religião* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Nº24, p.119-137, 2013. ISSN: 1982-8136.

\_\_\_\_\_, O Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. *Revista de Estudos de Religião – REVER*, São Paulo, Nº8, p. 68-95. dez/2008b. ISSN: 1677-1222.

\_\_\_\_\_, Sociologia do Crescimento Pentecostal no Brasil: um balanço. *Revista Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, Nº 119, p. 11-36, jan/abril 2011. ISSN: 2176-8757.

\_\_\_\_\_, Expansão pentecostal no Brasil: o caso da igreja Universal. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v.18, Nº 52, 2004, p.121-138. ISSN 1806-9592

\_\_\_\_\_, Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores: secularização e pluralismo em debate. *Revista de Ciências Sociais – CEVITAS*, Porto Alegre, v.16, Nº04, out/dez 2016. p.710-728. ISSN: 1984-7289.

MENEZES, Renata de Castro. *As margens do Censo de 2010: expectativas, repercussões, limites e usos dos dados da religião*. In: TEIXEIRA e MENEZES. *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p.329-346. ISBN 978-85-326-4696-5.

MENDONÇA, Antônio G. Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica. In: SOUZA e SÁ MARTINO (Orgs). *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: 2008, p.49-79. ISBN: 978-85-349-2241-8.

MOREIRA, Alberto. Empresas de salvação e capitalismo do imaginário como desafio à sociologia da religião. *Revista Caminhos*, Goiânia, Nº 1, V. 6, p.127-158, jan./jun. 2008.

MOREIRA, A. da Silva. *From Religious Diversity to Political Competition: the differentiation Process of Pentecostalism*. *Religions*, Basileia, v.9, Nº 14, 2018. Disponível em: [www.mdpi.com/journal/religions](http://www.mdpi.com/journal/religions). Acesso: 27/05/2018. Tradução: Renata Simplício Xavier.

ORO, Ari Pedro. Algumas interpelações do pentecostalismo no Brasil. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, V. 9, Nº 22, p. 383-395, jul/set. 2011. ISSN: 2175-5841

ORO, Ari Pedro e WYNARCZYK, Hilário. El pentecostalismo en América Latina. In: MOREIRA e TROMBETA. *Pentecostalismo globalizado*. Goiânia: PUC Goiás, 2015, p.32-46. ISBN 978-85-7103-887-5.

PACE, Enzo and MOREIRA, A. da Silva. Introduction - Religious Diversity in a Global Religious Field. *Religions*, Basileia, v.9, Nº 14, 2018. Disponível em: [www.mdpi.com/journal/religions](http://www.mdpi.com/journal/religions). Acesso: 27/05/2018. Tradução: Conceição Alves de Araújo.

PATRIOTA, Karla Regina. *Aliança entre mídia e religião. Tempo e Presença Digital*. Ano 4, Nº15, abril/2009. Disponível em: [www.koinonia.org.br](http://www.koinonia.org.br), acesso: 25/09/2018. ISSN: 1981-1810.

PATRIOTA, Karla Regina e COVALESKI, Rogério. *Religious branded content: entretenimento, mídia e marca nas ações publicitárias da Igreja Universal do Reino de Deus. Revista Rever*, São Paulo: Nº 02, ano 12, jul/dez de 2012. p. 81 – 99. ISSN: 1677- 1222.

PASSOS, Mauro e ROCHA, Daniel. Em Tempos de pós-pentecostalismo: repensando a contribuição de Paulo Siepierski para o estudo do pentecostalismo brasileiro. *Revista Angelus Novus*, São Paulo: Nº 3, 2012. p. 261-290. ISSN: 2179-5487.

PICOLOTTO, Mariana R. O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações. *Revista Contraponto*. Porto Alegre: Nº 01, V. 03, 2016. p. 68-89. ISSN: 2358-3541.

PIERUCCI, Antônio F. *Ciências sociais e religião: a religião como ruptura*. In: TEIXEIRA e MENEZES. *As religiões no Brasil: continuidade e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2011. p.17-34 ISBN 978-85-326-3361-3.

\_\_\_\_\_, *Cadê nossa diversidade religiosa?: comentários ao texto de Marcelo Camurça*. In: TEIXEIRA e MENEZES. *As religiões no Brasil: continuidade e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 49-51 ISBN 978-85-326-3361-3.

\_\_\_\_\_, *O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do Censo de 2010*. In: TEIXEIRA e MENEZES. *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 49-61. ISBN 978-85-326-4696-5.

\_\_\_\_\_, *Secularização e declínio do catolicismo*. In: SOUZA e SÁ MARTINO (Orgs). *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: 2008, p.13-21. ISBN 978-85-349-2241-8.

RICCI, M. *Glossolalia e organização do sistema simbólico pentecostal*. Tese de dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Paulista, 2006.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SANCHEZ, Wagner L. *Pluralismo religioso: entre a diversidade e a liberdade*. Entrevista à *Revista do Instituto Humanitas Unisinos -IHU* (online). Disponível em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br) Acesso: 19/03/2018.

SANCHIS, Pierre. Prefácio. In: TEIXEIRA e MENEZES. *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p.11-16. ISBN 978-85-326-4696-5.

SIEPIERSKI, Paulo. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. *Revista Estudos Teológicos*. São Leopoldo, Nº 01, V. 37, p. 47-61, 1997. ISSN: 2237- 6461.

SOUZA e SÁ MARTINO. *Prefácio: a compreensão de um paradoxo*. In: SOUZA e SÁ MARTINO (Orgs). *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: 2008, p.5-10 ISBN 978-85-349-2241-8.

STARK, Rodney. Trazendo a Teoria de volta. Tradução de Rodrigo Inácio Ribeiro. *Revista de Estudos da Religião – REVER*. São Paulo, Nº4, p.1-26, 2004. ISSN: 16771222.

TEIXEIRA, Faustino. *O Censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação*. In: TEIXEIRA e MENEZES. *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p.17-35. ISBN 978-85-326-4696-5.

\_\_\_\_\_, Os Dados sobre Religiões no Brasil em debate. *Debates no Núcleo de Estudos da Religião* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Nº 24, p.77-84, 2013. ISSN: 1982-8136.

\_\_\_\_\_, Pluralismo Religioso. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, Nº06, p. 27-32, 2005. ISSN: 2175-5841.

TROMBETA, Pino Lucà. *Religião sem fronteiras: o crescimento do pentecostalismo*. In: MOREIRA e TROMBETA. *Pentecostalismo globalizado*. Tradução: Angélica M. A. da Silva e Alberto da Silva Moreira. Goiânia: PUC - Goiás, 2015, p.11-31. ISBN 978-85-7103-887-5.